

IVANILDA LACERDA BARROS

**SOCIOLOGIA**

**M**

**1996**

**DA/UFC**

**AS FORMAS DE REPRESENTAÇÃO DE AMOR  
NA SOCIEDADE ATUAL**

*ciências sociais*

**Fortaleza/CE - 1996**

**A-016**

ASSUNTO: SOCIOLOGIA  
REG.: M-220

**IVANILDA LACERDA BARROS BEZERRA**

**BH/UFC**

**AS FORMAS DE REPRESENTAÇÃO DE AMOR  
NA SOCIEDADE ATUAL**

**Monografia de Graduação  
exigida pelo Bacharelado  
em Ciências Sociais da  
Universidade Federal  
do Ceará**

**Fortaleza/CE - 1996**

Esta Monografia constitui parte dos requisitos necessários à obtenção do  
Nível de Graduação de Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade  
Federal do Ceará-UFC.

**UFC**

**IVANILDA LACERDA BARROS BEZERRA**

# SUMÁRIO

PÁGINA

1 - INTRODUÇÃO .....	<b>BH/UFG</b>	07
<u>CAPÍTULO I</u>		
2 - O AMOR EM QUESTÃO: RESGATE DE REPRESENTAÇÕES E CONCEPÇÕES .....		15
<u>CAPÍTULO II</u>		
3 - O AMOR E AS REPRESENTAÇÕES NOS DIAS DE HOJE: REFLETINDO SOBRE DEPOIMENTOS .....		46
<u>CAPÍTULO III</u>		
4 - AMOR / PAIXÃO / SEXO / FIDELIDADE: RELAÇÕES E DILEMAS OU DILEMAS NAS RELAÇÕES		
4.1. AMOR / PAIXÃO .....		75
4.2. AMOR E SEXO .....		103
4.3. AMOR E FIDELIDADE .....		113
5 - CONCLUSÃO .....		128
6 - ANEXOS		
ANEXO 1 .....		135
ANEXO 2 .....		143
7 - BIBLIOGRAFIA .....		187

**BH/UFC**

**O amor é a expressão de uma necessidade antiga,  
que o desejo humano era originalmente um  
único, pois nós éramos um só,  
e o desejo e a busca da unidade é chamada amor.**

**Aristófanis, em**

**O Banquete, de Platão**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, em especial, à minha Orientadora e amiga Alba Carvalho. Obrigada pela paciência e pelas "broncas" que foram necessárias durante esses anos de trabalho. Você, Alba, além de uma excelente professora, é uma pessoa incrivelmente humana.

A meu pai (em memória), que não acreditava que um dia chegaria a me formar.

**BH/UFG**

À minha mãe que esperou, pacientemente, mesmo não entendendo o porquê da demora em concluir o trabalho.

Ao meu marido, William, pela força e pelas incansáveis viagens para levar-me a diferentes locais no difícil e demorado percurso da realização do trabalho.

À minha filha Bianca, que veio alegrar nossas vidas, dando-me forças para prosseguir ...

Aos entrevistados que aceitaram falar de suas experiências e vivências no amor, possibilitando-me o material de reflexão ...

À Fatima Barbosa pela dedicação e paciência na digitação dos originais.

E a todos aqueles que, de diferentes formas e em diferentes circunstâncias contribuíram para a realização desta primeira produção científica.

Acima de todos os agradecimentos está o agradecimento que faço a Deus, Pai Todo-Poderoso, pela nossa existência.

**BH/UFPE**

Ivanilda

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma análise das representações que o amor assume dentro da sociedade atual. Pretendo resgatar as formas específicas de vivenciar o amor, hoje.

BR/UFPA

Desde o meu ingresso na faculdade que eu tinha o interesse de estudar algo que se relacionasse ao amor. Outro assunto não me interessava, talvez, por eu ser uma pessoa muito fantasiosa, carente, em função de algumas decepções amorosas. Só esse tema conseguia atrair meu interesse e atenção. No entanto, não sabia, não tinha clareza ainda o que dentro dessa temática iria estudar. O objeto de estudo era algo ainda nebuloso.

A maioria dos meus colegas optaram por outros assuntos, temas considerados mais objetivos. Mas, eu queria algo que tocasse o ser humano, que trabalhasse a subjetividade, uma coisa que todas as pessoas sentissem, de uma forma ou de outra, algo que estivesse relacionado com os sentimentos, algo informal. Porém, muito presa ao senso comum, pensava no amor como uma coisa em si, um sentimento único, independente de variações culturais. A minha perspectiva era o amor como essência universal. Mergulhada na fantasia, acreditava fielmente no príncipe encantado, idealizando a velha e conhecida frase: "E foram felizes para sempre..." Envolvida nos estudos, debruçada nos livros e, depois de ter feito a cadeira de Laboratório de Pesquisa - que aliás é indispensável para o curso -, foi clareando na minha cabeça que a



coisa não era bem assim, que atrás do “felizes para sempre”, existem vários fatores, influenciando a forma de viver, de sentir e de representar o sentimento AMOR.

O amor é um sentimento cuja representação é definida culturalmente. A forma de se amar é variável, de acordo com o tempo e vai estar incutida em cada um, seguindo sua história pessoal.

Hoje, a Sociologia apresenta uma marcante tendência para estudos no campo das representações, da subjetividade, dos sentimentos. Fazendo um resgate das tendências da Sociologia nas décadas de sessenta e setenta e primeira metade dos anos oitenta, constata-se a predominância de estudos de caráter mais global, de cunho macro, voltando-se para temáticas vinculadas às estruturas sociais: relação Capital X Trabalho, Estado, Políticas Sociais, Movimentos Sociais. No final dos anos oitenta e começo da década de noventa dá-se uma reviravolta e a Sociologia volta-se para estudos da vida privada, do cotidiano. Há uma mudança de perspectiva, para o âmbito do simbólico, do imaginário, das representações. De modo nítido, nos anos noventa houve um reconhecimento maior para os estudos ligado aos sentimentos. Desse modo, temas que antes eram considerados impróprios para estudos científicos, passam a ser reconhecidos, constituindo-se objeto de pesquisa e debates.

A minha abordagem sobre a temática AMOR foi desenvolvida primeiramente com leituras básicas, preliminares, buscando inspirações

teóricas para construir o objeto de estudo. Em seguida, achei necessário elaborar uma Enquete, objetivando levantar elementos empíricos para a problematização. A enquete consistiu em duas perguntas: Você acredita no amor? E, o que é o amor para você? Ouvi vinte pessoas entre homens e mulheres, a maioria universitários<sup>(1)</sup>.

Do contato sistemático com o tema surgiu a necessidade de um aprofundamento maior de leituras, levando-me à busca de bibliografia específica. Com leituras mais aprofundadas e enquete analisada, pude delimitar com mais clareza o objeto de estudo: as representações do amor para um grupo específico - universitário da chamada classe média -. Partii, então, para o trabalho de campo. Em função do objeto de estudo, optei por uma estratégia de pesquisa qualitativa, evitando restringir a investigação a uma mera Coleta de Dados. Desse modo, busquei desenvolver um roteiro de entrevistas que possibilitasse uma reflexão com questões mais subjetivas a respeito das formas, contradições e mistificações que envolvem o relacionamento homem-mulher. Assim, utilizei a técnica de entrevistas com perguntas abertas que gerassem relatos que fluíssem de forma mais livre e informal. Foram entrevistadas quinze pessoas com um roteiro de nove perguntas<sup>(2)</sup>. Desenvolver as entrevistas não foi uma tarefa fácil. Além de algumas recusas, notei que o tema mexia com as pessoas dificultando sua explanação. As

---

<sup>1</sup> Ver perguntas e respostas em anexo

<sup>2</sup> Ver roteiro em anexo

pessoas que foram ouvidas são pertencentes a uma mesma faixa etária e um nível sócio-cultural semelhante.

A carga de leituras em torno do assunto AMOR foi bem acentuada: livros, dicionários, tese. Busquei algumas fontes alternativas como jornais, revistas e letras de músicas. No entanto, é quase impossível levantar tudo o que já foi dito, pensado, cantado ou escrito sobre o amor. O acervo em torno do assunto é enorme. Eu acho que falar de amor é algo de tal complexidade que demandaria, a bem da verdade, a eficiência de um especialista e, mesmo assim, eu acho que não diria tudo, devido a amplitude do assunto que se apresenta sob tantas vestes e disfarces.

O caminho percorrido na execução desta trabalho, desde as primeiras idéias até a sua redação foi um percurso difícil. Não foi um caminho linear. Nestas espirais havia um retomar periódico e, cada pausa provocava uma sensação de vazio, de esgotamento. Por ser um tema subjetivo, a dificuldade começou aí. As pessoas parecem ter receio de tocar em assuntos dessa natureza. E alguns negaram-se a falar. As dificuldades se faziam presentes a todo momento. Quando fiz o Curso de Ciências Sociais - 1988 a 1991 - tinha-se uma deficiência no tocante à capacitação dos discentes para fazer a monografia, trabalho considerado pelo alunado como "um bicho papão". Era, então, visível a procura de alunos pela Licenciatura, justamente para fugir da monografia. Na minha turma, por exemplo, oitenta por cento dos estudantes

optaram pela licenciatura. As minhas dificuldades para a realização dessa monografia não pararam nas deficiências curriculares. Os problemas pessoais também foram enormes: morte de meu pai, abalando-me profundamente; gravidez difícil e complicada, impossibilitando-me continuar o trabalho por mais de um ano; resguardo e cuidados com o bebê; orientadora fazendo o Doutorado e morte de sua irmã, atingindo-a essencialmente, enfim, tudo isso retardou o meu processo, custando-me quatro anos de “peleja”. Em meio a todas essas dificuldades, vivenciei a densidade e o peso de cada momento, os labirintos internos onde precisei perder-me inúmeras vezes, enfrentando as portas fechadas pela resistência e a sensação contínua de lidar com um enigma sem fim: o amor.

**BH/UFC**

Todo esse sofrido processo de produção da monografia foi um grande avanço, um amadurecimento no que diz respeito à minha formação acadêmica. Desenvolver um olhar sociológico sobre o amor, superando a visão do senso comum, não foi uma tarefa muito fácil. Em verdade, não pensava no amor como uma representação dentro de um contexto social e, sim, como uma essência, uma coisa independente de modificações, uma coisa que existia enquanto tal. E, desfazer essa visão construindo uma abordagem sociológica exigiu-me estudos intensos, discussões, revisões, reelaborações.

Um trabalho desse tipo faz desenvolver uma maior capacidade de análise, de reflexão, de elaboração, exercitando a formulação de um

pensamento, a partir da recuperação do conhecimento já produzido e da reflexão sobre as questões emergentes na discussão. Assim, o processo de elaboração da monografia possibilitou-me a consolidação da minha formação profissional.

O trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo eu procuro resgatar as representações e concepções de amor, buscando luzes em vários autores e fazendo abordagens pessoais. Em todo o capítulo eu tento teorizar o tema, resgatando idéias, concepções e sistematizando reflexões e análises, isto é, um trabalho de reconstrução teórica. Essas leituras propiciaram-me reflexões e pontos de vista novos sobre o relacionamento entre homem e mulher. Um ponto de destaque nesse capítulo é a distinção entre amor antigo e amor moderno, configurando diferentes formas de expressão do sentimento através dos tempos. O segundo e o terceiro capítulos são reflexões a partir do conteúdo das entrevistas. Nesses capítulos eu tento vincular o que os entrevistados falam com o que os autores dizem sobre o amor. É uma relação entre entrevistados e autores, seguido de reflexões pessoais.

No segundo capítulo, especificamente, tomo a revolução sexual como marco histórico-cultural para pensar as configurações assumidas na relação homem-mulher. Assim, tento analisar os diferentes valores em “antes e depois” da revolução sexual. No terceiro capítulo, eu analiso alguns dilemas existentes numa relação amorosa: amor/paixão/sexo e fidelidade. Na parte que menciono

amor e paixão, eu, primeiramente separo, para efeito de análise, as representações que fazem uma distinção entre amor e paixão e, em seguida, retomo definições que dizem haver um vínculo entre os dois sentimentos. Nesse capítulo eu também resgato o mito de amor/paixão de Tristão e Isolda.

Sei que a presente monografia é uma primeira tentativa de desenvolver um trabalho científico e, como tal, tem lacunas e imperfeições. O importante é ter conseguido chegar ao fim, amadurecendo e avançando na discussão de um tema tão apaixonante: As representações do amor no mundo que vivemos. E, essa primeira aproximação, permitiu-me chegar a questões que configuram novos objetos de pesquisa no incessante processo de produção do conhecimento.

AO PRAZER DO ENCONTRO

HOMEM - MULHER

BH/UFG

“De um lado a vida. Do outro a morte.

Imprensada entre dois acontecimentos

absolutos, decorre a vida do ser humano.

E para ela, assim que começamos a formular nossos medos, foi necessário encontrar uma justificativa. A razão deveria ser forte. Tão forte quanto nascer e morrer. Pois só assim a justificaria. E a única coisa que nos pareceu qualificada, foi o “Amor”.

Marina Colasanti

## O AMOR EM QUESTÃO:

### RESGATE DE REPRESENTAÇÕES E CONCEPÇÕES

O relacionamento a dois é uma questão que todos nós vivenciamos, durante toda nossa vida. Toda pessoa esteve ou está vivendo uma relação, seja essa conjugal ou não.

É dentro dessa problemática que quero compreender as formas que o amor assume dentro de um determinado grupo social, qual seja: um grupo universitário da chamada classe média (<sup>1</sup>).

**BH/UFG**

---

<sup>1</sup> Antes de mais nada, cabe configurar o entendimento de classe média no presente trabalho. Para isso, recorri, primeiro aos Dicionários e, depois, à própria produção sociológica.

O Dicionário Aurélio, Editora Nova Fronteira, 1987, p. 294, assim define classe média: "engloba os que exercem profissões liberais e todos aqueles cujos interesses ou atividades estão ligados, de uma forma ou de outra, às altas esferas econômicas e às classes dirigentes". Já o Dicionário de Sociologia, Editora Globo, 1961, p. 66, define a classe média nos seguintes termos: "classe situada na escala social entre a aristocracia e o proletariado, que se caracteriza por seu culto à respeitabilidade, seu interesse pelo ensino de coisas práticas e materiais, o cuidado que dispensa aos filhos, a infatigável atividade nos negócios e profissões e, ordinariamente, por suas inibições morais. Na classe média, a limpeza é considerada quase tão importante como a devoção, e o tempo ocioso é reputado como perda irreparável. A finalidade máxima da vida consiste em ser independente; a segunda finalidade consiste no trabalho, geralmente não o do tipo manual. Via de regra a classe média está vinculada à vida urbana.

Os estudiosos e analistas consideram uma tarefa complexa dar uma conceituação sociológica à chamada classe média. Além do mais, é sempre difícil precisar os limites exatos de uma classe. É preciso levar-se em conta que inúmeras formas de transição atenuam as diferenças sociais na estrutura de classe.

Em relação, especificamente, às classes médias, não se pode pensá-las segundo um conjunto de características individualizadas. Não dá para concebê-las num vácuo. Devem ser pensadas, nas relações com as outras classes. Nesse sentido, para caracterizar as classes médias, uma fecunda indicação é a metáfora de Nicos Poulantzas ao considerá-las verdadeiros "basculantes" entre a burguesia e o proletariado.

Segundo Paulo Sérgio Pinheiro, no seu trabalho "Classes Médias Urbanas: formação, natureza, intervenção na vida política", a dificuldade de demarcar os limites das classes médias advém de sua própria composição, já que compreendem conjuntos que têm diversa localização ao nível econômico, tornando, assim, mais complexa sua avaliação. Distingue, então, dois conjuntos: antigas classes médias



Centralizo o problema nas relações que se estabelecem entre homem e mulher, desvendando o amor como um sentimento, fruto de vivências individuais e que, como tal, está no mundo das representações.

A palavra amor é muito limitada para expressar a totalidade do seu significado e, por isso, ao procurarmos conceituar o sentimento é inevitável que o limitemos.

**BH/UFG**

Ao configurar o amor como “sentimento”, entendo que seja algo forte, duradouro, uma coisa interiormente vibrante que tem a ver com a mente e o corpo como um todo. Desse modo, quando sentimos o amor e esse sentimento nos invade de fortes emoções, sentimo-nos vivos e em sintonia com o universo.

Assim, diz Leonardo Boff, apresentando o livro de Roberto T. Shinyoshiki e Eliana Bittencourt - *Amar Pode Dar Certo*, 1988.

“O amor é a relação básica do ser humano. Somente por ele se expande o sistema da vida e se alarga a percepção do sentido da totalidade. E numa

---

(ou pequeno-burguesia) e novas classes médias (ou simplesmente classes médias). As antigas classes médias compreendem a pequena produção e o pequeno comércio. A pequena produção é constituída de formas de artesanato ou de pequenas empresas familiares onde o mesmo agente é proprietário e tem a posse dos meios de produção e é ainda trabalhador direto (o trabalho é geralmente fornecido pelo proprietário ou pela família, que não recebe salário). O pequeno comércio onde o proprietário, ajudado pela família, fornece o trabalho e só excepcionalmente emprega mão-de-obra. Além desse conjunto há as Novas Classes Médias, constituídas pelos trabalhadores assalariados à esfera de circulação do capital e por aqueles que contribuem para a realização da mais-valia: empregados assalariados do comércio, dos bancos, das agências de venda, assim como os empregados de “serviços”. Também é o caso dos funcionários do Estado, do aparelho do Estado (serviços públicos) e dos aparelhos ideológicos do Estado (comunicações, imprensa, educação, etc).

abordagem transcendente, o amor é a transfiguração do pequeno, é a inauguração da eternidade ('se eu te amo, eu sei que tu não morrerás jamais'); é a preservação da inocência que não se perdeu totalmente no fracasso histórico e originário da existência humana" (2)

Segundo Roberto Shinyoshiki e Bittencourt, o sentimento do amor nos dignifica e nos dá a verdadeira dimensão do nosso valor; faz-nos sentir que pertencemos à raça humana e que não somos meros complementos um do outro (3).

Assumindo a concepção do amor como um sentimento, confronto-me com Robert Solomon, na sua obra: "O amor, reinventando o romance em nossos dias". Nesta sua reflexão sobre o amor, o autor é categórico ao afirmar que o amor não é um sentimento, e sim, uma emoção.

Diz ele:

"Uma má idéia, por exemplo, é a de que o amor é um sentimento, um sentimento que nos atinge quando estamos desprevenidos, que devemos esperar por isso, talvez até procurá-lo, em vez de ser

<sup>2</sup> BOFF, Leonardo. "Amar pode dar certo", p. 13

<sup>3</sup> SHINYOSHIKI, Roberto e BITTENCOURT, Eliana. "Amar pode dar certo", p. 19

um complexo processo emocional que exige atenção, esforço e ação decisiva” (4).

Fazendo uma crítica a essa concepção do autor, entendo que o que ele define como “processo emocional”, é o amadurecimento do amor que, enquanto sentimento, deve ser regado, cultivado para que continue sobrevivendo.

E, explicitando essa sua tese de que o amor não é um sentimento, afirma Solomon:

“Quando dizemos que o amor não é um sentimento, referimo-nos àquela sensação meio boba e sem sentido, de entusiasmo e excitação, aquele calor por inteiro que começa a ser confundido com o amor”...

“Os sentimentos podem acabar sendo uma distração do amor em vez de expressar sua essência... Os sentimentos de amor ironicamente podem se afastar do amor” (5).

Segundo este autor, o amor é uma emoção. Diz ele:

“O amor é <sup>um</sup> espectro de emoções, e as emoções não são bobas ou sem sentido... A emoção em si é uma forma de inteligência, um conjunto de julgamentos,

<sup>4</sup> SOLOMON, Robert. “O amor, reiventando o romance em nossos dias”, p. 15

<sup>5</sup> SOLOMON, Robert. “O amor, reiventando o romance em nossos dias”, p. 78-79

uma maneira de ver o mundo. Assim, a emoção pode durar anos, uma vida inteira até. Ao contrário do sentimento, extremamente limitado em sua duração, uma emoção de verdade raramente dura só um momento” (6).

Diante do que foi dito pelo autor, chego à conclusão de que temos concepções diferentes a respeito de sentimento e emoção. Percebo que a concepção do autor de sentimento é a minha concepção de emoção e a minha concepção de emoção é a concepção de sentimento do autor. Desse modo, entendo serem as emoções derivadas do sentimento, e que elas podem até ser fortes, mas são pouco duráveis, são fugazes. Assim sendo, as emoções podem emergir em cada pessoa a qualquer momento, enquanto que o amor não irrompe a qualquer hora; pelo contrário, o amor constrói-se num relacionamento, podendo até durar uma vida inteira.

Assim, para melhor esclarecer o que seja SENTIMENTO E EMOÇÃO, achei necessário fazer um aprofundamento conceitual em obras especializadas. Diz o Dr. Hesnard no Dicionário de Psicologia :

“Sentimento é um estado afetivo complexo, combinação de elementos emotivos e imaginativos,

HESNARD, Dicionário de Psicologia, p. 118

<sup>6</sup> Ibid, p. 78-79

mais ou menos claro, estável, que persiste durante a ausência de qualquer estímulo. As causas desse fenômeno mais durável que a emoção e menos violento que a paixão podem ser de natureza intelectual, moral ou afetiva” (7). “A emoção é a reação global, intensa e breve, do organismo a uma situação imprevista, acompanhada de um estado afetivo, de natureza penosa e desagradável... Ao lado de tais estados emocionais intensos, existem outros, mais difusos e duradouros, como a emoção estática ou religiosa, o ciúme, aos quais melhor se aplicaria o termo sentimento” (8).

Por sua vez, o Dicionário Filosófico, assim define:

“Sentimentos (emoções). Vivências que o homem tem relativamente à sua relação com a realidade que o circunda (com outros homens e seus atos, com fenômenos quaisquer que sejam) e consigo mesmo. As vivências de curta duração (alegria, tristeza, etc.) denominam-se por vezes,

---

<sup>7</sup> HESNARD. “Dicionário de Psicologia”, p. 318

<sup>8</sup> Ibid, p. 118

emoções, distinguindo-se dos sentimentos como vivências de longa duração (amor, ódio, etc) <sup>(9)</sup>.

Diante desses conceitos, consolidado ainda mais a tese de que o amor é um sentimento e, como tal, intenso e duradouro, procurado e ansiado pelas pessoas, assumindo representações que variam no tempo e no espaço. É essencial levar-se em conta que o sentimento “amor” está inserido dentro de uma determinada cultura, de uma época, onde cada indivíduo tem sua trajetória individual. E, assim sendo, o amor assume formas diferenciadas de acordo com o grupo social que o indivíduo participa, ou seja, está relacionado à inserção de classe de cada um, às suas vivências sociais cujas representações dependem do contexto social. Logo, enquanto fenômeno social, as formas de amor são produzidas dentro da sociedade em momentos específicos, fazendo parte das representações coletivas.

Reforçando essa análise, cumpre mencionar o que afirma o Dicionário Filosófico:

“Os sentimentos constituem uma forma especial de reflexo da realidade. Refletem a relação das pessoas entre si e também entre elas e o mundo objetivo.”  
<sup>(10)</sup>.

---

<sup>9</sup> MARQUES SILVA, Luiz. “Dicionário Filosófico”, p. 70

<sup>10</sup> Ibid, p. 70

Nesta perspectiva da dimensão cultural do amor, Robert Solomon defende a tese de que o amor é algo inventado, de acordo com cada cultura. Afirma o autor ser o amor uma invenção social e, portanto, um fenômeno não universal. Diz ele:

“O amor é uma invenção social, a construção de conceitos que *TEM* uma função muito especial na nossa sociedade. O que chamamos amor não é um fenômeno universal e sim uma interpretação específica do fenômeno universal de atração sexual e suas complicações... É um processo que se redefine e se reinventa em cada cultura... Amar não é experimentar uma sensação natural e sim, participar de uma das grandes e contínuas inovações da moderna cultura Ocidental <sup>(1)</sup>).

Assim, refletindo sobre a concepção de Robert Solomon, identifico-me com essa sua tese de que o amor é um processo que se redefine e se reinventa em cada cultura. Discordo, no entanto, quando ele diz que o amor não é algo inerente à natureza humana, quando ele não reconhece a dimensão universal do homem para com o amor. Diz ele:

---

<sup>1</sup> SOLOMON, Robert. “O amor, reinventando o romance em nossos dias”, p. 33-34 e 46

“O amor é um processo emocional que exige não apenas tempo mas também se projeta no futuro e constrói suas próprias fundações. O amor depende de idéias e, estas mudam ao longo dos anos. O amor leva tempo, é cultivado e cresce, não sendo simplesmente encontrado ou descoberto no momento em que explode na vida de alguém; ele é, na verdade, alguma coisa inventada e reinventada ao longo da história (12). E mais:

“Enquanto pensamos no amor como uma coisa ‘natural’, como um fenômeno tão universal quanto a fome ou a mútua dependência ou os impulsos sexuais e os apetites, não podemos perceber a extensão com a qual o amor é culturalmente definido, nem em consequência, qual a extensão de nossa responsabilidade na determinação das regras e o contexto no qual amamos (13).

Parto do pressuposto de que o sentimento “amor”-sentimento forte de ligação a uma outra pessoa - é universal. O amor existe em todas as culturas de uma forma ou de outra. Assim, entendo que o que é uma invenção social e algo culturalmente definido - como diz o autor -, são as formas de se amar, as regras e práticas do amor e não o sentimento enquanto tal. Acredito que cada um de nós pode contribuir para reinventar uma forma

---

<sup>12</sup> Ibid, p. 12-25

<sup>13</sup> Ibid, p. 48



de amor: essas formas vão variar de conjuntura para conjuntura, de tempo para tempo e mesmo de grupo para grupo.

Reforçando a minha concepção do amor como sentimento universalmente humano, inspiro-me nas argumentações de Shinyoshiki e Bittencourt, quando dizem:

“A única certeza que temos é a de que o amor é uma condição inerente ao ser humano. Assim como a flor emana o seu perfume, o homem naturalmente exala o amor”<sup>(14)</sup>.

O estudo, no caso, é o amor produzido dentro de nossa sociedade: a sociedade brasileira e, de modo particular, a sociedade cearense.

É sabido que vivemos numa sociedade capitalista, esmagadora onde só vale o que se tem, onde tudo transforma-se em mercadoria. Uma sociedade individualista, imersa numa ordem de dominação, onde a relação homem-mulher, para a média da população, ainda se caracteriza como uma relação hierarquizada, com fortes resquícios da ordem patriarcal em termos da autoridade do homem sobre a mulher.

Nesse contexto, faço uma analogia com a afirmativa de Elizabeth Badinter no tocante ao amor na relação pai-mãe-filho, afirma ela:

---

<sup>14</sup> SHINYOSHIKI, Robert T. e BITENCOURT, Eliana. “Amar pode dar certo”, p. 19

“Quando o farol ideológico ilumina apenas o homem-pai e lhe dá todos os poderes, a mãe passa à sombra e sua condição se assemelha à da criança”<sup>(15)</sup>.

Partindo dessa afirmativa, redefino-a em relação ao homem e à mulher: Quando o farol ideológico de uma sociedade ilumina apenas o homem-mandão e lhe dá todos os poderes, a mulher passa à sombra, sua condição se assemelha a tudo que se refere à inferioridade. De fato, o homem mandão, o “macho” age em relação à mulher, colocando-a numa posição de ser inferior e secundário. Assim, uma questão se coloca para a reflexão: podemos ser autônomos e livres para amar numa sociedade como a nossa? Como desvincular-se das marcas autoritárias na vida social e enveredar por caminhos de relações fundadas no respeito e na liberdade?

O que se nota é que no cenário contemporâneo, parece não haver tempo e nem espaço para se cultivar relações pessoais numa sociedade onde o homem é visto como “um-ser-com-valor-no-mercado.” Infelizmente, uma realidade que se encontra com muita frequência na sociedade brasileira é o estado de carência, de miséria afetiva, conjugado com a solidão, com um casamento sem amor e com relações superficiais, sem um envolvimento profundo.

---

<sup>15</sup> BADINTER, Elizabeth. “Um amor conquistado: O mito do amor materno”, p. 26

A palavra amor é muito limitada para expressar a totalidade do seu significado. Desse modo, são muitas as interpretações sobre o amor, que passam de pessoa a pessoa, como se fossem a verdade definitiva sobre as relações amorosas. E, no cotidiano, vão se criando frustrações e idéias negativas sobre o amor. E, assim, a representação que parece predominar na sociedade contemporânea é a da descrença no amor, vinculando amor com frustração, com decepção. Essas visões pessimistas e negativas do amor têm que ser compreendidas no contexto cultural que vivemos.

Segundo Habermas, o que emanciparia os homens de todas as formas de repressão social, seria o conhecimento comunicativo, cujo objetivo é o entendimento mútuo entre sujeitos capazes de falar e agir. Porém, a sociedade atual incorpora relações de violência, e ao lado da argumentação comunicativa, está a ação estratégica, aquela que visa a competição pelo poder.

Kolontai - em sua obra "A nova mulher e a moral sexual" retrata bem essa competição pelo poder. Diz ela:

"Nossa sociedade, fundada sobre o princípio da concorrência, a luta cada vez mais dura pela vida, a corrida incessante para a conquista de um pedaço de

pão; de um salário, de um ofício, não deixa lugar para o culto do exigente e delicado Eros” (16).

O amor enquanto sentimento básico, parece que está se diluindo, desaparecendo. Mas, na verdade isso é só aparência, o amor não acabou, as pessoas não deixaram de ser românticas, fantasiosas. A meu ver, surgem e consolidam-se novas formas de romantismo coadunantes com o ritmo e qualidade de vida do nosso tempo. Quando se vive romanticamente uma relação, o corpo fica mais iluminado com as cores do amor, a poesia vem ao encontro do peito, o coração explode em flores pelo ser amado. Não há despedida: guarda-se o outro no coração. O romance convida a falar manso, olhar profundamente nos olhos, acariciar a pele com suavidade, abraçar carinhosamente, diminuir o ritmo, pensar no amor, ficar mais gentil e terno, e apenas falar e escutar palavras bonitas.

O romance é isso e muito mais. Então, fazendo uma reflexão, questiono: por que o romantismo hoje parece “em baixa”? Por que os amantes não fazem mais poesia? Por que não são por alguns momentos menstruais? As respostas são diferenciadas, não se pode precisar. E mais: não cabe definir o que seja certo ou errado. O importante é resgatar as formas específicas de vivenciar o amor hoje. De fato, o amor assume formas diferentes, sofre mutações em contextos sociais específicos. Ele tem um peso na vida de cada

---

<sup>16</sup> KOLONTAI, Alexandra. “A Nova Mulher e a Moral Sexual”, p. 58

um, tem sua história individual. No entanto, hoje, acreditar no “grande amor” tipo Romeu e Julieta - um amor que se fazia sonhos de eternidade - parece ser ridículo, parece estar fora de moda. Aquele amor sofrido que antes fazia sucesso, hoje, é visto como idealização, como “romantismo superado”, “coisa do passado”.

O amor, enquanto sentimento, possui variações de acordo com o tempo e vai estar incutido em cada um, seguindo sua história pessoal. No entanto, mesmo o amor estando envolto em descrença, quem não gostaria de embaixo de uma xícara do café da manhã, ou sobre a mesa de seu gabinete de trabalho, encontrar um envelope e poder ler algo assim:-

Neste momento, penso em você  
e então quisera me transformar  
em vento.

E se assim fosse,  
chegaria agora  
como brisa fresca  
e tocaria leve sua janela.

E se você me escuta  
e me permite entrar,  
em você vou me enroscar

quase sem o tocar.

Vou roçar nos seus cabelos,  
soprar mansinho no ouvido,  
beijar sua boca macia,  
o embalar no meu carinho.

Mas eu não sou vento...  
Agora sou só pensamento  
e estou pensando em você.  
E se abrir sua janela,  
eu estou chegando aí,  
agora... neste momento,  
em pensamento... no vento.

A temática “amor” está diretamente envolvida com o imaginário. É uma questão que se encontra no âmbito das representações e tem o seu peso no decorrer da história.

Maria Gercilene Campos de Araújo, ao resgatar elementos para uma história de amor <sup>(17)</sup>, destaca as representações do amor na Grécia. Segundo ela, os gregos conheciam três noções sobre o amor: Eros, relativo ao

---

<sup>17</sup> CAMPOS DE ARAÚJO, Maria Gercilene. “Histórias de Amor no Cordel e Psicoterapia”, p. 48-49

amor sensual, criativo e fertilizador; Philia ou amor fraterno, aquilo que fazia um semelhante ligar-se ao semelhante, e Ágape ou amor pela espécie, que mais tarde veio a designar o amor de Deus na tradição judaico-cristã. No que toca ao amor, a preocupação dos gregos, à época clássica, centrava-se no Eros, que foi matéria de muitos escritos filosóficos. Dentre os escritos filosóficos, o que se conseguiu preservar, através dos tempos, são, particularmente, os de tradição socrático-platônica. Eros, é o Deus do amor e tem muitas genealogias. Para Hesíodo, ele é o mais belo dos deuses imortais. Tendo nascido de Caos, ao mesmo tempo que Géia e Tártaro, representa a força fundamental do mundo e garante a harmonia do Cosmōs e a preservação das espécies. Outra genealogia afirma Eros como filho de Afrodite e de Hermes. Na mitologia romana chama-se Cupido e é representado como um menino alado, travesso e inquieto, sempre disposto ao uso do arco para atirar flechas inflamadas pelo amor/paixão em suas vítimas.

Assim, concebendo o amor no campo das representações, colocou-se para mim, na qualidade de pesquisadora, uma questão central: então, como num trabalho sociológico de pesquisa, manter a objetividade abordando um tema dessa natureza, que implica essencialmente vivências subjetivas, inclusive as da pesquisadora?

Como recurso metodológico, para facilitar a análise do amor em suas formas múltiplas enquanto representação, senti necessidade de elaborar

uma tipologia enquanto um recurso heurístico que me possibilitasse objetivar a discussão. Nessa tipologia, procurei configurar diferentes representações de amor, assumidos em momentos históricos e conjunturas culturais distintas. Portanto, é importante ressaltar que a realidade, em se tratando de sentimentos, não é algo palpável, não é algo que se possa medir ou pesar e também não é algo homogêneo e estanque. Ela é variável, de acordo com o contexto, o tempo e com os indivíduos.

Elizabeth Badinter, ao trabalhar um sentimento específico - o amor materno - constata a variabilidade desse sentimento. Segundo ela, o instinto materno não é algo inato, não obedece uma conduta universal, pelo contrário, é um sentimento que podemos sentir ou não, mostrar-se forte ou frágil. Assim, o amor materno tem uma variabilidade, segundo a cultura, segundo as ambições ou frustrações de cada um e, por ser um sentimento, ele é essencialmente contingente. Segundo esta preciosa pista analítica de Badinter, entendo que em toda pesquisa sobre os comportamentos humanos e, especificamente sobre os sentimentos, deve-se levar em conta sua variabilidade cultural.

Em termos de tipologia, distingo num resgate histórico, através dos tempos, dois tipos fundamentais de amor que, enquanto representação, estão essencialmente vinculados ao tipo de sociedade e sua dinâmica cultural: amor antigo e amor moderno.



Na antiguidade, a autoridade marital do homem sempre reinou. A mulher era vista como alguém inferior, ser subalterno, o poder do homem era absoluto, mesmo que a relação fosse fundada em algum sentimento. Esse poder absoluto do homem sobre a mulher foi consolidado e instituído pela queda do direito materno, introduzindo-se, então, o direito paterno, e pela passagem gradual do matrimônio sindiásmico à monogamia.

Em toda a antiguidade, são os pais que decidem o casamento dos filhos e a estes resta conformar-se. O matrimônio era um “ato político”, uma questão de aumento de poder, mediante novas alianças; logo, é o interesse da casa que decide, não as inclinações do indivíduo. Assim, como poderia caber ao amor a última palavra? O restrito amor conjugal que a antiguidade conhece não é uma inclinação subjetiva e, sim, um dever objetivo, não é a base, e, sim, o complemento do matrimônio. O amor enquanto sentimento de peso, era algo que não constituía a regra geral; o amor, no sentido moderno da palavra, somente se apresenta na antiguidade fora da sociedade oficial, para aqueles que não tinham participação no Estado.

A sociedade da época, fechada em sua moral e com rígidos padrões de comportamento não era fundamentada no amor. Via-o como algo muito frágil, debilitante, associando-o à idéia de possessividade (perda da razão) e o casamento se dava com o intuito do “dote”.

Com o passar dos tempos, no final do século XVIII, o comportamento do homem para com a mulher parece modificar-se na teoria e na prática. Maria Gercilene Campos de Araújo, no seu resgate histórico do amor no Ocidente <sup>(18)</sup> demarca o século XII como o cenário onde nasce o amor cortês. Neste século, no sul da França, produz-se uma situação social nova em que a mulher, antes absolutamente relegada a segundo plano, passa pouco a pouco a ser central, pelo menos ao nível da elite aristocrática.

Nesse contexto, próprio da Cômte, floresce a graça feminina, cultivam-se a poesia, a música, as artes. Surge o amor cortês. Nesse amor exaltam a beleza, as virtudes e a dignidade espiritual da mulher. Poetas e mulheres desenvolveram uma espécie de pedagogia sentimental refinada, fundando uma lei: a lei do amor, oposta à lei patriarcal do feudalismo antecedente.

O amor cortês, o donnoi ou domnei (em provençal), designa a devoção de um cavaleiro-amante à sua Dama amada ou domina.

O amor cortês rebelou-se contra a brutalidade dos costumes feudais e contra as imposições de uma Igreja que apoiava as uniões matrimoniais negociadas, sem que se cogitasse sequer a concordância dos noivos, especialmente da noiva. Como reação a esse abuso, o amor cortês opõe uma fidelidade fundada tão somente no próprio amor, independente do laço

---

<sup>18</sup> Ibid, p. 61-62. Para essa abordagem histórica a autora inspirou-se nos estudos de Joseph Campbell, O Poder do Mito, 1991. p. 196

matrimonial. O amor cortês é um amor que tem destinatário. Nasce do encontro de dois olhares. É vivido como uma relação intensa entre duas pessoas. O amor é uma experiência do indivíduo. A cortesia retirou o amor da ordem do genérico, para colocá-lo na ordem do individual. O amor é pessoalizado e a experiência de senti-lo é valorizada.

O amor cortês propiciou, então, o redimensionamento da experiência amorosa como vivência única, singular. O modelo de amor cortês se edificou e é a relação amorosa que se vive aqui, no Ocidente, em pleno século XX. Essa mudança é a expressão da reviravolta cultural que instaura a Modernidade, com um novo projeto civilizatório pautado em valores de respeito à individualidade e de igualdade dos cidadãos. É um momento de grandes transformações culturais em termos do pensar, do sentir e do viver.

Resgatando a história, evidencia-se que o século XVIII foi envolvido num clima de exaltação iluminística, estruturando-se a ideologia liberal. Nessa ideologia, o individualismo impõe-se como valor determinante. O homem apregoado pelo liberalismo é o homem natural, bom, dinâmico, racional, capaz de encontrar em si mesmo as raízes da própria realização, vindo daí uma nova concepção dada aos sentimentos. Foi um século onde impõe-se um movimento de grande excitação emocional, com contexto de uma cultura antropocêntrica. O homem descobre e consolida o poder na Razão que se materializa na Ciência Moderna.

Com o idealismo dominando o cenário filosófico, irrompe o romantismo. Para o romantismo, o princípio primeiro imanente na realidade é mais do que razão: é sentimento, é vontade, é imaginação. Nem tudo cai sob o controle da racionalidade. Nem tudo se esclarece, à luz da sua lógica. A história exige do homem também o acatamento de fé na tradição, a qual será um corretivo aos excessos da razão.

Com essa nova concepção, racional e livre, constituía-se o homem moderno. Era uma nova percepção em todos os aspectos emergindo novos tempos: A Modernidade <sup>(19)</sup>. Assim, no contexto da civilização moderna, emerge um novo padrão de relação homem/mulher: a valorização do amor; o casamento por amor. Esses novos valores virão mudar a intimidade do casal. O homem transforma a esposa em companheira querida, tirando-a parcialmente, de seu poder absoluto.

No final do século XX o amor tomou novas dimensões, coadunantes com o mundo contemporâneo. Já não se casa tanto por interesses familiares, casa-se por amor, por livre escolha de ambos. As mulheres saíram do jugo do marido, têm livre arbítrio em tudo, já não são prisioneiras de seus “amos e senhores”, têm o direito de julgar, falar e decidir. Profissionalmente, as mulheres encontram-se num ponto crítico, com novos riscos e novas

---

<sup>19</sup> Sobre o Iluminismo, ver as obras de Sérgio Paulo Roaunet, especificamente: “As Razões do Iluminismo”, São Paulo: Companhia das Letras, 1987; “Mal-Estar na Modernidade”, São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

oportunidades de êxito, tendo tido acesso a todas as formas de cultura, tomando parte nas reflexões e decisões em nível cada vez mais alto. Os dois sexos se aproximam com a diluição dos estereótipos sobre as atribuições de cada um. E no amor, a mulher não é mais a caça como sempre foi, torna-se também caçador.

Na visão de Alexandra Kolontai, assim se configura a mulher moderna:

“A autodisciplina em vez de um sentimento exagerado, o apreço à liberdade e a independência, em vez da submissão e da falta de personalidade, a afirmação de sua individualidade e não os esforços estúpidos para transformar-se em ‘sombra’ do homem amado, a afirmação do direito de gozar, os prazeres ‘terrenos’ e não a máscara hipócrita da ‘pureza’ ” (20).

Essa redefinição dos papéis do homem e da mulher implica numa reviravolta das estruturas das relações amorosas, das formas de amor. É uma verdadeira revolução no amor que, hoje, se apresenta cada vez mais clara.

Segundo Roberto Freire :

---

<sup>20</sup> KOLONTAI, Alexandra, op. cit., p. 98

“É preciso dar todos os vexames possíveis a que temos direito no correr da vida e principalmente dos amores”.

E ainda que, para se amar livremente é preciso criar novos tipos de relacionamento e acasalamento, sem patriarcado, sem machismo, sem poder econômico e sem qualquer forma de violência (física e chantagística) <sup>(21)</sup>.

Podemos constatar que a distinção básica entre os dois tipos de amor - antigo e moderno - está no tipo de sociedade em que são vividos. As variações sócio-econômicas, os valores, as normas, os padrões de uma sociedade interferem na expressão cultural dos sentimentos.

Avançando na configuração das diferentes representações de amor na montagem da tipologia, distingo variantes no interior de cada um dos tipos fundamentais que correspondem a diferentes formas assumidas pelo amor em funções de distintos padrões, de valores e de concepções. Assim vejamos:

---

<sup>21</sup> FREIRE, Roberto “Amor e o Vexame”, p. 47

## EXPRESSÕES CULTURAIS DE AMOR - ANTIGO E MODERNO

### AMOR ANTIGO COM DUAS FORMAS DE EXPRESSÃO:

#### 01 - AMOR ROMEU E JULIETA

#### 02 - AMOR OFICIAL

AMOR ROMEU E JULIETA	Perspectivas e Pretensões	Amor eterno, amor sofrido, amor simbiose (dois em um)	
	Papéis: Homem/Mulher	Diferenciação Bem definida	Papel da mulher -> esposa fiel e amada, mãe, protegida, dependente do marido.  Papel do Homem -> esposo fiel e amado, chefe, cabeça do casal, o protetor.
	Número de Parceiros	Um só para ambos. Fidelidade pelo amor e respeito	
	Tempo	Por toda a vida, até que a morte os separe, o amor cultivado na vida cotidiana	
	Formas Institucionais	Casamento	

AMOR OFICIAL	Perspectivas e Pretensões	Amor por interesses familiares, não importando os sentimentos.	
	Papéis: Homem/Mulher	Diferenciação Bem definida	Papel da mulher -> escrava do lar, esposa fiel. Criada para obedecer, ser protegida e mantida pelo homem. Sua participação na vida econômica era uma infração da ordem natural das coisas.  Papel do Homem -> O chefe, o senhor, o provedor. Tinha o direito absoluto de julgar e punir.
	Número de Parceiros	Um só para mulher. Ao homem era atribuída a dupla moral sexual (concubinagem)	
	Tempo	Por toda a vida, amando ou não.	
	Formas Institucionais	Casamento	

## AMOR MODERNO COM DISTINTAS FORMAS DE EXPRESSÃO:

AMOR COMPANHEIRISMO

AMOR DE TRANSA PASSAGEIRA

AMOR ABERTO

AMOR COMPANHEIRISMO	Perspectivas e Pretensões	Relação monogâmica. Identificação em quase tudo. Além de amantes são amigos, confidentes. Traços do amor/Romeu e Julieta.
	Papéis: Homem/Mulher	Indefinidos, tanto no relacionamento afetivo, quanto no profissional e na vida doméstica.
	Número de Parceiros	Um só, fidelidade enquanto durar a relação
	Tempo	Indeterminado
	Formas Institucionais	Casamento formal, contrato, casamento informal

AMOR DE TRANSA PASSAGEIRA	Perspectivas e Pretensões	Amor sem compromissos de vida, sem amarras, sem vínculos. Confunde-se com o tesão, com as paixões momentâneas.
	Papéis: Homem/Mulher	Indefinidos, tanto no relacionamento afetivo, quanto no profissional.
	Número de Parceiros	Vários
	Tempo	Determinado - aqui e agora o amor do momento passageiro e fugaz.
	Formas Institucionais	Relação momentânea sem qualquer compromisso ou vínculo.

AMOR ABERTO	Perspectivas e Pretensões	Troca de parceiros com total liberdade de ambos. Os que preferem esse tipo de amor, acham que a humanidade tende a buscar forma de viver em sociedade que promovam a libertação sempre crescente do ser humano.
	Papéis: Homem/Mulher	Indefinidos, tanto no relacionamento afetivo, quanto no profissional.
	Número de Parceiros	Vários para ambos - acordo mútuo em termos da possibilidade de novos parceiros
	Tempo	Determinado ou Indeterminado
	Formas Institucionais	Casamento, contrato, casamento informal. Permitem outros relacionamentos sexuais.



Diante desses dois tipos de amor e de suas variantes, achei que era necessário desenvolver uma enquete no sentido de pensar, problematizar e levantar opiniões para um melhor mapeamento de imagens sobre as representações de amor. Contátei com vinte pessoas, vinculadas à chamada classe média, incluindo homens e mulheres (<sup>22</sup>). As perguntas foram: “Você acredita no amor?” e “E o que é o amor?”

Apreciando as opiniões emitidas, os vinte entrevistados falaram que acreditam no amor, admitindo o sentimento como algo importante. Vale ressaltar que a maioria sentiu dificuldade de definir o amor e outras pessoas deram opiniões gerais, não especificando o que seria o amor. Alguns negaram-se a falar, simplesmente disseram que não sabiam o que dizer sobre o assunto e, houve um, que foi bem taxativo, disse que “isso era besteira”...

O caráter exploratório de uma enquete é muito superficial, não nos permitindo um maior aprofundamento. Portanto, as conclusões que posso tirar são preliminares e colocam-se como ponto de partida em minhas reflexões. Assim sendo, constituem antes de tudo, material de estudo em que estou me apoiando para apontar tendências, indicações, no sentido de problematizar o tema, procurando ampliar o olhar sociológico na discussão do amor.

---

<sup>22</sup> Na enquete, procurei diversificar o meu universo, no sentido de resgatar diferentes representações sobre o amor. Assim, embora a maioria dos entrevistados tenham sido estudantes universitários (10), levantei opiniões de donas de casa (02), profissionais da área de serviços (vendedores, eletricitista, funcionário público) (05), professor de nível superior (01), estudantes de 2º grau (02). A idade do grupo entrevistado variou de 15 a 63 anos, com maior incidência na faixa etária de 20 a 28 anos.

Diante dos depoimentos levantados, surge uma primeira reflexão. Por que as pessoas têm dificuldades de definir o amor, sendo algo tão importante e tão essencial à vida? Por que a dificuldade de verbalizar algo que é sentido e vivido por todos?

O amor é um sentimento e, como tal, é sentido de diversas formas. É algo que não é material, que não se pode ver e nem pegar, só sentir. Daí a dificuldade de defini-lo. Um dos entrevistados diz bem isso ao afirmar:

“Acho que o amor é uma coisa que não se pode definir, porque é um sentimento...”

Diante das respostas, a impressão que se tem é que houve uma mudança nas formas de amor. O ritual do amor romântico, misturou-se com o ritual pragmático do amor de hoje e, as pessoas acabam confundindo-se no turbilhão de emoções, paixões e sentimentos e tendo dificuldades de defini-lo.

É o que bem retrata um dos entrevistados:

“Hoje, não existe mais nenhum ritual. A impressão que se tem é que acabou o amor, mas eu acho que acabou uma maneira de expressar; eu não acredito que o sentimento tenha acabado não; agora, nem esse sentimento eu saberia definir...”

É necessário vincular-se também essas mudanças nas formas de amor com as próprias mudanças culturais que vêm ocorrendo na sociedade e

que se expressam em novas formas de representação. O que se constata é a corrida incessante para a conquista de um espaço, de um lugar ao sol, de um salário melhor, de uma vida confortável com o máximo de consumo. Nesse sentido, bem se expressa um rapaz, ao responder a enquete:

“Eu acho que na situação, pelo menos a que estamos vivendo no momento, fica difícil você ter espaço para poder amar, exteriorizar todo esse tipo de sentimento...”

Nos depoimentos aparecem diferentes representações de amor. É preciso, inicialmente, para trabalhá-las ter presente a divisão básica que assumo entre amor antigo e moderno. Assim, nota-se no material das enquetes, uma grande ênfase no “amor companheirismo” (considerado aqui como amor moderno). Percebe-se pelas falas que as pessoas estão necessitando de uma ajuda mútua, de alguém que esteja sempre do seu lado, de um companheiro para todos os momentos. Isso fica claro em algumas falas:

“... Casei por amor e sinto uma verdadeira compensação nisso. Amar é dar, receber, é segurar as barras, saber que tem alguém que segura as suas. Para mim, amar é isso aí: alguém estar sempre do

meu lado, me apoiando, me levantando, me pondo para cima...”

“... Amor é muito de conhecimento, de relacionamento, não acredito amor sem relacionamento, sem encontro, sem convivência.”

“... Eu acho que o sentimento de companheirismo, de amizade forte existe...”

Vale ressaltar que as pessoas quando falam desse “Amor companheirismo”, enfatizam determinadas exigências que a meu ver são essenciais nessa representação: - Ajuda mútua

- Compreensão de ambas as partes

- Amizade

- Cumplicidade

- Confiabilidade

Refletindo sobre o material das enquetes, constata-se alguns resquícios do amor Romeu e Julieta. Apesar da evolução dos sentimentos, das mudanças de comportamento, percebe-se através das falas, dos gestos, dos pensamentos não ditos, traços de romantismos, de fantasias incutidas no interior das pessoas. Alguns depoimentos bem mostram isso:

“... Eu me senti trêmula, tímida, excitada, não sabia o que fazer; fiquei muito boba, depois vem aquele

desejo louco, incontido... quando a gente passa a viver no dia-a-dia com a pessoa que amamos, a gente passa a conhecer o próprio eu, aquele outro lado da gente. Passar o dia longe já é o suficiente pra morrer de saudade...”.

“... O amor é uma explosão de sentimentos, fazendo com que as pessoas se doem uma a outra, tornando-as capazes de aceitar até mesmo as imperfeições...”.

“... O amor sobrepõe todas as barreiras...”.

Numa primeira reflexão, percebe-se que, parece vir ocorrendo uma certa extinção da representação do amor antigo e uma consolidação das diferentes representações do amor moderno. O sentimento, nos termos tradicionais, parece que se tornou anacrônico numa sociedade em que o quantitativo e o instrumental afirmam-se de modo predominante. Desse modo, as mudanças comandadas pelo progresso contrapõem-se aos anseios existenciais.

Assim, nessa minha investigação, quero compreender, analisar e desvendar as variadas formas de representações de amor que atualmente

prevalecem nas relações entre homens e mulheres, pressupondo que ele possui formas múltiplas que acompanham a própria dinâmica cultural. É minha pretensão discutir as representações do amor no mundo de hoje, tomando como referência um segmento de um grupo social específico. Antes de mais nada, é uma tentativa de delimitar tendências e perspectivas nas formas de se sentir e vivenciar o amor.

## Capítulo II

### O AMOR E AS REPRESENTAÇÕES NOS DIAS DE HOJE REFLETINDO SOBRE DEPOIMENTOS

Procurar desvendar os mistérios de uma temática que trata da subjetividade é tarefa árdua, mas também extasiante. Quando, na qualidade de aluna do curso de Ciências Sociais, enveredei pelo caminho do sentimento, sabia que não seria fácil desenvolver uma abordagem sociológica nesse campo. Porém, não tinha consciência da complexidade e da variabilidade das representações sociais dos sentimentos, especificamente do amor. E, isso só veio a ocorrer a partir de leituras, de estudo sobre o tema e, sobretudo, quando parti para a pesquisa de campo: as entrevistas.

O amor é um sentimento complexo e cheio de variações e, como tal, causa estranheza ao abordá-lo. As pessoas ficam perturbadas e sentem dificuldades de falar sobre o amor. No decorrer das entrevistas vivi situações difíceis e constrangedoras. Algumas pessoas negaram-se a falar sobre o assunto, alegando não saber o que dizer. Outras, eram mais gentis, procurando sempre uma desculpa para não falar e, uma pessoa foi mais taxativa, declarando que esse tema do amor era “besteira”. Mesmo dentre os entrevistados, o assunto era abordado com dificuldades, com reticências. As pessoas falavam e, de repente ficavam perdidas, não conseguindo completar o

pensamento. Causava-lhes surpresa abordar um assunto dessa natureza. Vale lembrar que os problemas relacionados ao amor são nossos conhecidos; é um assunto corriqueiro, vivido por todos, mas difícil de explicar. A meu ver, essa dificuldade, esse medo de falar, de refletir sobre o amor, ocorre justamente, por ser um assunto que implica vivências individuais e, assim sendo, a forma de senti-lo é diferenciada, dificultando sua explicação.

O amor é um sentimento cuja representação está diretamente relacionada com diversos fatores. É um sentimento vinculado ao contexto social do indivíduo e, como tal, inserido dentro de uma determinada época, de uma cultura, assumindo configurações, representações diferenciadas no tempo e no espaço. Além do que, o amor, enquanto vivência subjetiva, tem variações individuais, com representações de forma diferente para cada pessoa.

Uma outra diferenciação nas formas de representação do amor é a de gênero, explicitando-se distinções entre o homem e a mulher nas expressões do sentimento amor. Recentemente, o Jornal “O Povo”, do dia 04 de dezembro de 1994, no seu Caderno de Domingo, apresentou uma discussão sobre as formas de amar entre os dois sexos, numa matéria denominada “A infinita guerra dos sexos”.

O psicanalista Alcione Alcântara, em artigo no referido caderno do Jornal “O Povo”, declarou:



“... historicamente, é observável, variando de acordo com as diversas culturas, que o homem exerce seu amor de forma diferente do que a mulher o faz. Há culturas, nas quais a autoridade do homem é bem acentuada. Diriam alguns, serem estas discrepâncias, sustentadas em modelos de relação interpessoal provocados por um dado modelo econômico. Outros colocam a existência de sociedades machistas nas quais os homens não seriam “educados” para amar, e, por conseguinte o medo de vivenciar este sentimento...”

A psicóloga Milena Capelo, em depoimento também ao Jornal “O Povo”, referindo-se à questão da diferenciação do sentimento do homem e da mulher, afirma:

“O comportamento amoroso do ser humano está ligado a questões culturais. Mesmo que a mulher seja independente financeiramente, a dependência emocional e social ainda está muito presa ao feminino. A mulher permanece muito relacionada aos ‘cuidados’ da família e o homem, o provedor. Partindo desse princípio, a mulher ainda não

conseguiu tornar-se totalmente independente, principalmente quando o assunto é o amor”.

Segundo a psicóloga, o homem mais facilmente consegue fazer diferenciamento quanto ao conviver emocional, social, afetiva e sexualmente.

E esclarece então:

“Não que um implique na exclusão do outro, mas há predominância na relação. A maneira distinta no homem e não na mulher é uma questão de educação. Há expectativa diferenciada entre o homem e a mulher”.

Dentre os depoimentos apresentados, na referida matéria do Jornal “O Povo”, um jovem empresário de 26 anos declarou não acreditar que o homem tenha medo de amar. E defende que apesar do homem ser mais volúvel, quando ama é “pra valer”. Diz ele:

“...Para um relacionamento mais sério, geralmente o homem busca uma companheira que tenha princípios éticos de família na qual possa confiar e amar. Aquele tabu de que a mulher é o sexo frágil não existe mais. A princípio o homem é mais forte, mas ele se entrega com maior facilidade ao amor. Por

mais que não demonstre, em se tratando de amor, o homem é mais flexível que a mulher”.

Outro jovem empresário de 31 anos, também em depoimento ao Jornal “O Povo”, diz:

“O homem que tem medo de amar é aquele que tem uma mentalidade machista. Na realidade, ele não sente medo de amar, mas teme ser dominado pela mulher”.

Segundo ele, para que exista uma concretização na relação homem/mulher, os direitos devem ser rigorosamente iguais. Afirma que a teoria de que o homem deve ter mais direito que a mulher não procede. Mas ressalta que cada um deve assumir o seu papel, tendo como prioridade básica o amor.

De fato, o sentimento amor parece expressar-se de formas diferentes, tanto para o homem como para a mulher.

No senso comum, as pessoas defendem essa distinção na forma de amar entre o homem e a mulher. E essa distinção também é apontada por profissionais da área. Cabe, então, uma questão: por que as representações do amor são distintas no homem e na mulher? Será que é uma questão da própria natureza do homem e da mulher, como defendem as pessoas dentro de uma visão tradicional no âmbito do senso comum?

Especialistas no campo da Psicologia e da Psicanálise seguem diferentes linhas analíticas na discussão dessa questão. Como mencionou o psicólogo Alcântara, as diferenciações variam de acordo com as diversas culturas e dentro dessa cultura ela é sustentada por outros fatores, por exemplo: um dado modelo econômico, padrões de organização social, fatores psíquicos e culturais de uma geração. A educação que homens e mulheres recebem variam de sociedade para sociedade, de cultura para cultura e, dentro de uma mesma cultura, varia de geração para geração e, dentro de uma geração, varia de grupo social para grupo social. Todas essas diferenciações e distinções precisam ser consideradas nas representações do amor. Assim, as representações do amor são contextualizadas situando-se no tempo e no espaço. São sempre representações particulares e específicas de grupos sociais.

Tomando a revolução sexual como marco histórico-cultural para pensar as configurações assumidas pela relação homem-mulher constatamos uma acentuada mudança nos padrões de relacionamento homem e mulher. Antes da revolução sexual o homem dominava a mulher, era o chefe da família e os valores eram impostos dentro de uma visão machista. A mulher vivia presa no espaço do “lar”, era criada para ser mantida e protegida pelo homem e sua identidade dava-se a partir da função de mãe e dona de casa. Depois da “revolução sexual” a mulher vai se assumindo na sociedade como o ator social

que provoca mudanças que desencadeiam reações, sobretudo entre os homens. Porém, não se pode, hoje, deixar de reconhecer que já existe um novo homem, o homem pós-feminismo, que se redefine a partir das redefinições da mulher: é um homem companheiro que divide o espaço da casa com a mulher, assumindo, inclusive, as tradicionais tarefas domésticas; é um homem que questiona a dupla moral sexual predominante na sociedade machista. Esse novo padrão de homem predomina em determinados grupos sociais, mas em outros segmentos mais tradicionais e fechados, como a típica classe média, é ainda uma minoria.

Desse modo, foram atribuídos valores diferentes aos modelos que antecederam e sucederam a “revolução sexual”, com procedimentos distintos frente a ruptura da ordem tradicional. Assim, as mudanças ocorridas após a “revolução sexual” implicam, basicamente, em novas funções para a mulher a partir da chamada “liberação feminina” e na modificação do papel dominador exercido pelo homem.

Apesar dos avanços conquistados pela mulher - ressaltando-se aqui as diferenciações da mulher de acordo com o grupo social - ela parece ser ainda dependente no relacionamento, mantendo-se resquícios de toda uma socialização tradicional. Vejamos: a mulher que tem um acesso limitado ao mercado de trabalho e um universo de vida restrito, ainda está fortemente presa aos padrões tradicionais. No entanto, mesmo a chamada “mulher liberada”,

intelectualizada, independente financeiramente, mantém resquícios da educação tradicional que estabeleciam papéis e funções distintas para o homem e a mulher: a educação dos filhos diz respeito à mulher, a organização da casa, lista de compras, enfim, tudo que se refere ao doméstico, termina sendo de responsabilidade da mulher, independente de grupo social. E, isso, a meu ver, se deve aos padrões sociais autoritários construídos na formação cultural brasileira e que, ainda hoje, mantém traços vivos em determinados tipos de comportamento.

Na minha investigação sobre o amor, busco justamente trabalhar as diferentes representações que as pessoas têm desse sentimento, procurando dar a essa temática uma abordagem sociológica. Para tanto, delimitei como percurso de estudo, realizar uma pesquisa de campo através de entrevistas.

O trabalho foi realizado entre os meses de novembro de 1992 e janeiro de 1993, com universitários do curso de Ciências Sociais, na faixa etária de vinte e três a trinta e dois anos, salvo um de quarenta anos. Fiz quinze entrevistas entre homens e mulheres. Tratando-se de uma abordagem qualitativa, o número de entrevistas é significativo, possibilitando-me material para a reflexão aqui desenvolvida. Optei por trabalhar com estudantes de um curso determinado - Ciências Sociais - que estavam concluindo o curso e estudantes que haviam se formado recentemente, numa tentativa de estudar as representações de um grupo específico, com características comuns.

Apreciando o material empírico levantado, configura-se uma primeira constatação:

A maioria dos entrevistados acreditam no amor e buscam esse amor, sinalizando, no entanto, que fica difícil amar e preservar o amor na atual sociedade em que vivemos. Essa atual sociedade é retratada por Alexandra Kolantai quando afirma:

“Nossa sociedade, fundada sobre o precipício da concorrência, a luta cada vez mais dura pela vida, a corrida incessante para a conquista de um salário ou de um ofício, não deixa lugar para o culto do exigente e delicado éros” (1).

Um dos entrevistados, nesta mesma linha de raciocínio, fala a respeito da dificuldade de se amar hoje. Diz ele:

“O amor foi capitalizado, está muito ligado ao dinheiro, à estabilidade, à segurança”.

São esses os valores que prevalecem em nossa sociedade. Porém, mesmo com “a capitalização do amor”, numa sociedade profundamente competitiva, orientada pela lógica do mercado, um outro entrevistado afirma categoricamente:

---

<sup>1</sup> KOLONTAI, Alexandra. “A Nova Mulher e a Moral Sexual”, p. 58

“Não dá para pensar no homem, no ser humano sem a possibilidade do amor”.

Vivemos em um país onde a crise é geral e ampla. Essa crise vem marcando a vida brasileira desde o final dos anos 80, expressando-se em diferentes âmbitos: econômico, político, social e cultural. Chegamos aos anos 90 com o clima de crise. E, nesse contexto, o país assume o desafio hoje posto de ajustar-se ao novo cenário mundial. É o desafio do ajuste estrutural na perspectiva de inserir-nos na globalização da economia.

Como bem explicita Maria Luiza Beloni,

“a estratégia econômica de globalização é excludente, não apenas em termos regionais, mas em termos sociais, excluindo segmentos populacionais. Esta globalização econômica é discriminatória e, com essa discriminação, vai se criando novas frentes de desordem. Estas frentes de desordem se revelam e se escondem sob múltiplas expressões: A economia do narcotráfico e da lavagem de dinheiro ilícito, as explosões coletivas em forma de pilhagem que assaltam os santuários do consumo; o apelo irracional às entidades culturais, étnicas ou religiosas. Cabe lembrar que a imbricação entre grandes negócios



licitos e ilícitos (operada principalmente, mas não exclusivamente, pela “lavagem” de dinheiro e pela corrupção nos assuntos públicos) engendra interesses tão elevados, concentrados nas mãos de tão poucos homens poderosos, que tudo é possível: quando se trata de muitos milhões de dólares, a corrupção, o crime, a pressão sobre adversários acabam por tornar-se não apenas indispensáveis, mas normais”<sup>(2)</sup>.

A crise econômica, com a pauperização da classe média e a marginalização de grande parte das classes populares, acaba por penetrar as esferas íntimas da vida cotidiana. Essa crise econômico-social tem um rebatimento no plano dos sentimentos, gerando uma fragmentação, uma falência de valores, uma falta de perspectiva em relação aos sentimentos, em relação até à vida. Retratando essa crise existencial no campo afetivo, nesse processo de crise econômico-social, uma entrevistada fala assim:

“As pessoas, às vezes, imaginam, sonham, têm um imaginário do amor mas, ao mesmo tempo, a prática da vida conduz a pessoa a outra experiência...”

---

<sup>2</sup> BELLONI, Maria Luiza. “Sociedade e Estado. Sociologia da Cultura. Vol.IX Nº 1-2, Jan/Dez 1994

querer vencer na vida, por exemplo. E, então, esquecem o imaginário, desvinculam o pensamento da prática. Às vezes, elas não encontram o grande amor por essas questões todas da sociedade”.

No contexto dessa crise moral e ética, as representações do amor são essencialmente atingidas. Em uma sociedade capitalista, onde a maioria degladia-se por um espaço, onde o trabalho humano é intensamente explorado sob a ótica do lucro, onde todas as coisas tornaram-se mercadorias - os frutos do trabalho, o corpo, o riso, a lágrima, o sexo, a poesia, a canção, o olhar, o amor... -, as relações entre os indivíduos são coisificadas, tendendo à mercantilização. As pessoas estão passando por uma crise de valores muito grande. A “objetividade”, como culto do pragmático, do lucrativo, do funcional paira sobre todas as coisas. Parece não haver lugar para ideais, para utopias. Essa é a ética que faz parte do comportamento dos indivíduos em nossa sociedade contemporânea.

De fato, como destaca Maria Marieta Koike,

“cada modo de organização social produz e mantém uma ética adequada à produção e reprodução de suas relações sociais. E, essa trajetória dos homens,

produzindo diferentes modos de organização social, tem sido, historicamente, marcada por conflitos” (3).

Desse modo, segundo a autora, não se pode falar de uma única ética pairando em nossa sociedade, mas de várias éticas, todavia, que uma mantém a hegemonia sobre as outras.

Daí, diante de toda essa problemática, surge uma indagação: Hoje, com todas essas crises como fica o amor? Que representações ele assume? Como ele é visto na nossa sociedade e, especificamente, pela juventude?

Frente às mudanças de padrões, de referências de vida na sociedade contemporânea, a forma de pensar das pessoas vem sofrendo profundas mutações. E múltiplas são as representações sobre o amor. Assim, o amor muda de aspecto e se transforma de acordo com as distintas conjunturas da sociedade, em sintonia com o clima cultural, assumindo diferentes configurações que penetram o cotidiano dos grupos sociais, revelando-se uma variabilidade de representações.

Hoje, na vida contemporânea, encontra-se com facilidade uma representação pessimista que nega a possibilidade do amor como um sentimento incompatível com a fugacidade da vida moderna. No entanto, constata-se também uma representação otimista que defende a possibilidade e a necessidade existencial do amor. Uma boa ilustração dessa representação

---

<sup>3</sup> KOIHE, Maria Marieta. “Notas sobre Ética Profissional do Assistente Social”, p. 144

encontra-se no livro de Roberto Shinyoshiki e Eliana Bittencourt intitulado “Amar Pode Dar Certo”. Especialmente cabe destacar o que os autores chamam de “DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DO AMOR”<sup>(4)</sup>:

- Duas pessoas podem viver juntas numa relação construtiva e amorosa, apesar de serem diferentes.
- Duas pessoas parecidas podem amar-se e viver juntas.
- A família pode ser um espaço aconchegante e cheio de estímulo para o crescimento.
- Uma mulher e um homem podem ter sucesso profissional, festejar juntos e continuar românticos.
- Um homem e uma mulher podem somar amor e sexo.
- A mulher, antes de tudo, é uma mulher.
- O homem, antes de tudo, é um homem.
- A individualidade pode ser preservada, ao mesmo tempo em que a relação é construída.
- Um homem e uma mulher podem confiar um no outro.
- Entregar-se não é submeter-se ao outro, mas render-se ao amor que o outro sente por nós.
- Uma relação pode acabar e, ainda assim, continuar havendo compreensão, proteção e respeito mútuo.

---

<sup>4</sup> SHINYOSHIKI, Roberto e BITTENCOURT, Eliana. “Amar pode dar certo”, p. 21

- Um ser humano só é livre quando ama.
- Amar alguém é chamá-lo para a vida e exercer o próprio ato de estar vivo.
- O ser humano não pode ser uma fome sem alimento, uma sede sem água, uma pergunta sem resposta, uma vida sem amor.
- Um homem e uma mulher podem encontrar, juntos, suas próprias soluções.
- O medo de amar é fruto da imaginação.
- Todos os seres humanos têm o direito a cometer enganos.
- Amar pode dar certo.

Assim, no grupo dos entrevistados, muitos acreditam no amor e ainda tentam encontrá-lo. Dentre esses, alguns enfatizam as mudanças nas suas expressões, nas representações. Outros, mais pessimistas profundamente marcados pela situação de crise moral, de crise ética em que se encontra o país, afirmam não acreditar no amor.

Especificamente, respondendo à indagação sobre a questão do amor, uma entrevistada comenta:

“Eu acho que o amor está passando por uma crise, na medida que se está passando por uma crise geral,

uma crise principalmente econômica e uma crise moral muito grande... Está havendo um dilaceramento do sentido real do amor, mas, eu tento acreditar que existe o amor, mas, ele passa a ser uma coisa muito rápida, muito mutável”.

Um outro entrevistado, mais otimista, diz:

“Há um momento em que as pessoas se encontram e vivem ainda um grande sentimento e conseguem levar adiante, mesmo nesse mundo tumultuado em que se está vivendo. Há um momento, que você encontra alguém, você enxerga, alguém vê uma luz...”

Nesta mesma perspectiva de crença no amor, uma outra entrevistada vai muito mais além, quando diz:

“A gente periga perder a nossa aventura na terra se acharmos que não tem mais espaço para o grande amor”. Outra afirma: “... Se não existisse esse espaço para o amor, não existiria vida de jeito nenhum”.

Esse espaço dedicado ao amor é bem retratado por Roberto Freire.

Segundo ele:

“...O amor estará sempre em nós inteiro e pronto para ser vivido quando for chegado o momento. Uma vez liberto, ele nos fará amar tão satisfatória e naturalmente como respiramos, procriamos, nascemos e morremos”<sup>(5)</sup>.

Freirè vai mais adiante, quando diz:

“A necessidade de amar, apesar de tudo, não desaparecerá jamais. O homem, enquanto permanecer vivo e animado pelo desejo da sobrevivência, vai encontrar um meio de fazer sentir por si mesmo e pelos outros, o seu amor”<sup>(6)</sup>.

Nesta mesma linha de pensamento de Roberto Freire, um entrevistado declara:

“Todo mundo tem esse lado do amor, o lado que a vida nos deu, esse lado belo, poético”.

No mesmo rumo, uma outra entrevistada dá o seu depoimento:

“O amor existirá sempre em qualquer época, ele independe de tempo”.

---

<sup>5</sup> FREIRE, Roberto. “Ame e dê Vexame”, p. 47

<sup>6</sup> Ibid, p.

Numa outra perspectiva constata-se entrevistados que dizem não acreditar no amor, declarando não possuir idealizações, fantasias em torno dele. Parecem ser pessoas pragmáticas, movidas por outras motivações, pessoas que evidenciam uma visão pessimista em relação ao amor. Uma entrevistada bem configura essa situação ao fazer a seguinte análise:

“As pessoas vivem o amor de uma forma secundária e de forma prática. Na verdade, não é que ele não seja essencial, mas é que tem questões primeiras, urgentes. Às vezes, a pessoa é capaz de se limitar no amor, não evoluir no amor por causa de certas situações econômicas”.

Uma outra entrevistada bem assume essa concepção pessimista em seu depoimento:

“As pessoas estão cada vez mais insensíveis e egoístas, e só tem condições de gostar muito, não de amar e, depois de gostarem de si mesmas”.

Analisando os depoimentos sobressaem-se duas representações básicas. Uma representação positiva e otimista, vinculando o amor com a essência, acreditando na possibilidade do amor como um sentimento básico e essencial, como algo inerente à natureza humana. A outra representação é mais



pessimista, desacreditando na possibilidade do amor como um sentimento forte de companheirismo, algo constante e verdadeiro, considerando o próprio cenário da vida contemporânea.

O amor é uma representação cultural, variável e, assim, as formas de expressão do amor podem e devem mudar, mas a sua dimensão essencial, enquanto sentimento humano, permanece. Nesta perspectiva uma entrevistada fala assim:

“O amor independe de tempo, existirá sempre em qualquer época”.

E mais:

“Na essência, o sentimento não mudou, ele é um só, o mesmo de tempos atrás, o que mudou foi o modo de se amar”.

O amor enquanto sentimento que perpassa a vida cotidiana é objeto de idealizações pela maioria das pessoas. São muitas as que se deixam levar pela “Ideologia do grande amor”. E isso é alimentado de diversas formas pela mídia. Quando esse amor, sonhado até de olhos abertos, não chega a essas pessoas, elas começam a achar que ele não existe, surgindo daí a descrença. É importante ressaltar que o amor por ser um sentimento e, enquanto tal - expressar-se na subjetividade -, ele acontece para cada pessoa

de uma forma diferente. Em verdade, o amor não é uma receita e, às vezes, cria-se uma visão ilusória do amor dos romances, das novelas e as pessoas acabam idealizando esse amor para si e se frustram, pois nem sempre ele acontece como nos romances. Marina Colasanti retrata essa ideologização do amor, dizendo:

“As pessoas, a maioria das mulheres, sonham com um amor lindo, luminoso, redentor, um belo amor mágico que um dia virá para nos salvar. E querem fazer desse sonho realidade e, acabam frustrando-se. Elas não conseguem ver as fantasias só como fantasias, querem transportá-las para a realidade” (7).

Um dos entrevistados fala a respeito dessa forma idealizada de amor:

“As pessoas estão sempre a procura de uma metade perdida, querendo se completar inteiramente numa relação”.

E mais ainda:

“Esse grande amor dos romances ou que a gente idealiza que, de repente vai se completar numa

---

<sup>7</sup> COLASANTI, Marina. “E por falar de amor”, p.

outra pessoa, eu acho que isso é muito mais por  
carência nossa, por alguns vazios de nossa  
personalidade, do nosso caráter. É... a gente às vezes  
se projeta num grande amor...”

Essa projeção, a meu ver, deve-se ao fato de serem essas  
“carências afetivas” algo interiorizado em nosso universo de vida. De fato,  
desde pequenos somos influenciados a encontrar “o príncipe encantado”. Isso  
está nos contos de fadas, nos romances, nas novelas e foi predominante  
durante muito tempo em nossa cultura, atingindo de modo especial, gerações  
que hoje estão na velhice, na maturidade e mesmo na juventude. Assim, essa  
idealização do amor vai sendo, paulatinamente, elaborada expressando-se em  
nossos desejos, em nossas necessidades afetivas. E não sendo satisfeitos tais  
desejos e necessidades, começa-se a desacreditar no amor. Aqui concebe-se o  
amor como uma essência em si mesma.

Em nosso contexto, as pessoas quando amam, quando se  
encontram enamoradas parecem vivenciar determinados sintomas,  
comportamentos que mudam o percurso de suas vidas. Esses comportamentos  
são influenciados culturalmente. Na nossa sociedade são valorizados diferentes  
elementos, diferentes sintomas que representam o sentimento amoroso. Muitos  
são os sintomas do amor indicados pelos entrevistados. Constata-se uma  
convergência de opiniões para determinados elementos. O sintoma de amor

mais frequente, apontado por eles, é o “pensar”, obsessivamente, na pessoa amada. Em seguida, é destacado o de ficar junto o tempo todo. Um entrevistado assim define a sintomatologia do amor:

“Abobalhamento, ficar pensando todo tempo, ficar perseguindo discretamente, ficar pensando em telefonar todo tempo..., é tentar participar o máximo do universo da outra..., é uma mobilização geral da qual não se consegue escapar”.

Outra entrevistada diz:

“É uma vontade de ficar junto o tempo inteiro, vontade de dividir tudo”.

Outros entrevistados, além de falar sobre esses dois sintomas mais frequentes, privilegiaram também outros elementos, por exemplo: o sentimento da liberdade. Essa liberdade é no sentido de uma não dependência da pessoa amada, ou seja, da possibilidade de estando junto, cada um preservar a sua vida individual. Uma entrevistada diz assim:

“O primeiro sintoma do amor que eu sinto é o sentimento de liberdade. Porque eu acho que o amor não prende; pelo contrário, liberta você. Não essa liberdade de você ficar longe da pessoa, você não

ligar para a pessoa, mas no sentido de você assumir a si mesma e a pessoa. O amor não é para ficar essa coisa dependente, de se chegar ao ponto de não questionar, de não conviver com outras pessoas. Eu quero sempre estar perto dele, mas quando não dá, a gente sente muita falta um do outro, mas a saudade é compensada, pois as pessoas também precisam de outras coisas para crescerem independente da pessoa amada”.

Outras duas entrevistadas assim se expressam:-

“Eu quero sempre estar perto dele, ao lado dele, mas ao mesmo tempo a gente precisa de outras coisas, de outros horizontes para crescer independente da pessoa amada”.

“Eu, da minha parte gostaria de estar sempre perto dele, mas isso não foi possível. Ele com o trabalho e o estudo, eu com a universidade e dois ou três cursos. A vontade de ficar ligado existe, mas as circunstâncias não permitiam”.

Enfatizando o sentimento de liberdade temos Roberto Freire quando ele assim se expressa:

“O mais verdadeiro ato de amor é o que garante a quem amamos a liberdade de amar, além e apesar de nós e de nosso amor. Liberdade como reflexão e como vivência”<sup>(8)</sup>.

Alexandra Kolontai também expressa esse sentimento ao dizer:

“Em toda união amorosa, o primeiro lugar deve ser dado ao companheirismo e à liberdade”<sup>(9)</sup>.

Essa liberdade parece ser o grande desafio dos amantes numa relação amorosa, colocando-se, assim, a questão da preservação da individualidade. Alguns entrevistados chegam a expressar essa perda da individualidade como indicativo do amor.

“Quando eu sinto que é difícil ficar separado, que é difícil manter até a minha individualidade, então eu já quero dividir tudo com aquela pessoa, já quero que ela divida tudo comigo, é porque está posto já o amor. E isso não é uma coisa que vem de uma determinação da outra pessoa, eu acho que tem a ver com a minha forma de me dar e com

---

<sup>8</sup> FREIRE, Roberto. “Ame e dê Vexame”, p. 32

<sup>9</sup> KOLONTAI, Alexandra. “A Nova Mulher e a Moral Sexual”, p. 124

a transformação do mundo”.

Essa perda da individualidade parece ter muito a ver com a forma cultural de expressão do amor entre nós. É comum buscar-se um entrelaçamento, uma mistura, uma simbiose entre as pessoas numa relação de amor, chegando ao ponto de pôr em risco sua individualidade. Refletindo sobre essa expressão do amor entre nós, coloca-se uma questão: Como amar sem perder a individualidade? Como duas pessoas diferentes, com experiências, medos e expectativas distintas podem viver uma relação de amor preservando sua individualidade?

**BH/UFG**

O paradoxo do amor acaba sendo esse: duas pessoas idealizarem, tornarem-se uma só. Assim, essa idéia de reunir dois indivíduos distintos, singulares e já estabelecidos em uma entidade simples e harmoniosa sem conflitos parece uma impossibilidade lógica. Mas, apesar disso e de se constatar que a vida a dois não funciona desse modo, existe uma representação do amor com essa simbiose. E mais: se está num momento de amor-paixão, parece que o amor invade e ocupa todo o nosso corpo. Sabemos que somos dois, contudo, há sempre aquela idealização de que podemos ser um só, que um não poderá ficar sem o outro. Um entrevistado bem expressa essa visão:

“... pra mim o amor é assim: você ter aquela intimidade fantástica, aquela perda da noção do seu

próprio eu; você ficar interligado com a outra pessoa, como se essa pessoa fosse o teu alimento”.

Outra entrevistada diz:

“A gente quer se dar toda. Em determinado momento havia uma necessidade de não ficar distante, havia uma busca incessante própria do meu eu, de querer ficar perto, não querer se distanciar da pessoa”.

Um outro ponto importante destacado pelos entrevistados, refere-se ao sentimento de união, de junção, de cumplicidade. Dizem eles:

“O grande sintoma do amor que ~~eu~~ vivi foi o sintoma de união e companheirismo, de intimidade fantástica”.

“As pessoas procuram alguma coisa que seja fixa, um apoio, um companheiro pra dividir, uma cumplicidade”.

“Esse amor que se mantém por muito tempo, ele, na verdade é muito amizade, é muito companheirismo, é muita cumplicidade”.



De fato, as pessoas vivem numa busca incessante de sentimentos, emoções, de alguém que divida as alegrias e tristezas, enfim, buscam algo que se identifique como felicidade. Na medida que o relacionamento venha a ter uma maior profundidade, esse sentimento vai se acentuando e as pessoas vão sentindo uma necessidade de carinho, afeto, de intimidade e cumplicidade.

Marina Colasanti retrata essa intimidade:

“Quando amamos queremos avançar dentro do outro, introjetar-se, é necessário trazer o outro para dentro de si”<sup>(10)</sup>.

Tratando especificamente da sintomatologia do amor, a psicóloga americana Dorothy Tennov configura uma listagem de doze sintomas:

1. Pensar obsessivamente no objeto amado.
2. Absoluta necessidade de reciprocidade.
3. Profunda dependência das atitudes do amado, na qual se procura constantemente uma resposta ao próprio amor.
4. Incapacidade de amar outra pessoa.
5. O único alívio é imaginar que o outro também nos ama.
6. Medo da rejeição e timidez paralizante frente ao amado.

---

<sup>10</sup> COLASANTI, Marina. “E por falar em amor”, p.

7. Os obstáculos parecem intensificar os sentimentos.
8. Necessidade de crer que atrás da aparente indiferença do amado, se escondem sentimentos apaixonados.
9. Dor na região do coração nos momentos de incerteza.
10. Sensação de flutuação toda vez que há sinais de reciprocidade.
11. Intensificação do sentimento que relega tudo mais a segundo plano.
12. Magnificação de todas as possíveis qualidades do amado e se recusa a ver qualquer defeito<sup>11</sup>).

Argumentando a sua configuração do amor, Dorothy Tennov afirma que há nove séculos esses sintomas haviam sido apontados por Andreas Copellanus, autor de “Tratado do Cortês”, sendo que ele inclui mais dois sintomas: dificuldade de digestão e insônia. Nessa perspectiva, um dos entrevistados fala assim:

“... é tentar participar o máximo do universo da outra, muitos sonhos, muita insônia”.

Em nossa cultura, nas formas de amor que nos são familiares as pessoas parecem sentir necessidade da presença constante da pessoa amada,

---

<sup>11</sup> COLASANTI, Marina. “E por falar em amor”, p.

de terem pensamentos românticos, imaginarem situações amorosas, enfim, de sentirem diversas emoções que expressam o seu sentimento.

Assim, parece que entre nós essa representação de amor configurada pela psicóloga Dorothy Tennov é compatível. Os depoimentos aqui trabalhados apontam determinados sintomas da sua listagem. Surge, então uma indagação: Esses sintomas do amor são iguais em outras culturas? Como o amor se expressa em sociedades com perspectivas e referenciais distintos dos nossos? É essa uma questão em aberto, a exigir estudos e reflexões específicas. Acredito que a sintomatologia do amor carrega um peso cultural em função das formas de sociabilidade das diferentes concepções de vida, mudando de acordo com as sociedades, dos cenários e momentos históricos.

## CAPÍTULO III

### AMOR / PAIXÃO / SEXO / FIDELIDADE:

#### RELAÇÕES E DILEMAS OU DILEMAS NAS RELAÇÕES

##### 3.1. AMOR / PAIXÃO

Mas o amor... é só uma historinha  
que inventamos em nossa cabeça  
sobre outra pessoa, e sabemos o tempo  
todo que não é verdadeira. Claro que  
sabemos; ora, sempre estamos cuidando  
para que a ilusão não se destrua.

Virgínia Woolf (Noite e Dia)

##### Paixão

Imensa e perigosa feito o mar.  
Mesmo que eu naufrague,  
sempre vale a pena,  
nessa tempestade, navegar.  
Estranha incerteza, da ilusão  
da terra firme quer me afastar.  
Domina, aprisiona, devora e arrasta  
mar a fora pra libertar!  
Nesse mar de tempestade,  
deixo meu barco a deriva  
e nas águas torrentes  
da paixão quero mais é me afogar!

Verinha Monte

Quando falo de Amor.

01/10/82

Amor / Paixão / Sexo / Fidelidade: essas são temáticas que, necessariamente, emergem nas reflexões sobre o amor. São temas polêmicos com os quais convivemos em nosso cotidiano. Assim, necessário se faz discutir a relação amor e paixão e a relação sexo e fidelidade. Começarei abordando a primeira relação que trata de dois sentimentos comumente confundidos a nível do senso comum.

A paixão é um sentimento avassalador que pode nos afetar a qualquer momento. É algo transitório, mas que pode ser crucial e destrutivo se chegar a ultrapassar os limites da lógica.

A paixão é tematizada na música, na literatura, nos filmes, nas novelas, enfim, é um sentimento que está no cotidiano e que a maioria de nós sentiu ou sentirá na vida.

Analisando as entrevistas, percebo que uma parte considerável dos entrevistados fez uma distinção qualitativa de amor e paixão, dando significados diferenciados; entretanto, uma outra parte em suas representações diz haver um vínculo, uma ligação entre esses dois sentimentos. Procurei, então, ao longo do texto, articular as representações dos entrevistados com as abordagens dos analistas, no sentido de melhor configurar a polêmica sobre essa questão.

Segundo o Dicionário de Psicologia de Larousse do Brasil,

X “a paixão é um estado afetivo de grande intensidade, estável e duradouro, capaz de transformar o mundo tal qual ele nos aparece (cegueira). É uma idéia fixa que invade todo o campo da consciência e obnubila mais ou menos por completo todos os demais pensamentos”<sup>(1)</sup>.

BH/UFG

Apreciando o conteúdo das entrevistas sobre a representação paixão, constato que a maioria dos entrevistados, em seus depoimentos, apresentam determinados elementos da conceituação em pauta. Um entrevistado diz assim:

“A paixão é uma coisa repentina em que se cai muito no ridículo; é algo alucinante; é devaneio, algo que deixa você fora de si, que faz você perder o raciocínio; é uma coisa muito efêmera”.

Um outro entrevistado diz:

“Paixão é uma coisa cega, que deixa você dependente da outra”.

E um outro declara:

“A paixão é como uma explosão; é algo passageiro, ela acontece na vida da gente e passa”.

<sup>1</sup> Dr. HESNARD. Dicionário de Psicologia. p.249

Assim, cabe uma questão: Será que a paixão, enquanto um sentimento arrebatador, alucinante e muito forte é fugaz? Passageiro? Será algo efêmero? Ou será um sentimento duradouro, como conceitua a Larousse do Brasil? A meu ver e para a maioria dos entrevistados, o sentimento da paixão é fugaz, tanto que, por mais forte que seja e por mais tempo que dure, ela acaba. Agora, o apaixonado não tem consciência que o sentimento pode acabar; para ele, a paixão nunca acabará, devido a sua intensidade e a cegueira inconsciente que não o deixa discernir, avaliar o que se passa ao seu redor. O apaixonado, por exemplo, não consegue enxergar outros fatores para que um relacionamento dure; toda a sua vida psicológica volta-se para o contexto da paixão no qual está vivendo. A respeito disso, um dos entrevistados diz assim:

“O apaixonado não vê com muita força os outros fatores essenciais para que o relacionamento seja completo tipo: o lado humano, o respeito, a amizade. É como se a pessoa estivesse com os olhos vendados e, sem esses fatores, o relacionamento não tem sentido”.

Uma outra entrevistada a respeito da fugacidade do sentimento, diz::

“A paixão, por mais intensa que possa ser, é ainda efêmera, passageira”.

Busquei também algumas configurações na música de artistas brasileiros de nossos dias. A música FANATISMO de Fagner, retrata, com ênfase, a cegueira da paixão e o lado não racional do sentimento, aproximando-se, nesse sentido, da conceituação científica do Larousse. Assim, ele diz:

“ Minha alma de sonhar-te anda perdida, meus olhos andam cegos de te ver, não és sequer a razão do meu viver, pois que tu és já toda minha vida, não vejo nada assim enlouquecida”.

Uma outra música que também traduz essa idéia de Larousse sobre a paixão é INFINITO, de Djavan. Diz ele:

“Tô perdido por alguém, não consigo ver nada além”.

E, em outra música DESEJO, Djavan fala assim:

“Você nem sabe o que é uma vida reduzida a paixão; daí tudo é ilusão, tudo é ilusão”.

Percebe-se que para o senso comum a idéia de paixão vincula-se a um sentimento intenso, chegando muitas vezes à obsessão. É algo perturbador, avassalador. As teorizações sobre a paixão também tematizam essa dimensão não racional desse sentimento. O Dr. Hesnard (Dicionário de Psicologia) bem destaca essa questão ao afirmar:



X  
“Na medida em que se conserva um razoável ou suficiente domínio de si próprio, a paixão pode ser fecunda mas, via de regra, ela atinge uma intensidade patológica que conduz a reações anormais e, por vezes, à loucura. As raízes profundas da paixão são quase sempre inconscientes”<sup>(2)</sup>.

Um dos entrevistados configura a temática da paixão numa perspectiva muito próxima desse enfoque do Dr. Hesnard. Diz ele:

“Paixão é um amor histérico. Eu vejo a paixão como uma coisa doentia; está mais para a patologia do que como uma coisa boa. E, quando a paixão é vivida a dois, passa a ser um delírio coletivo”.

Nesta mesma linha, um outro entrevistado fala assim:

“A paixão deixa você meio ridículo; você faz coisa que achava que nunca iria fazer; você fica meio bobo também”.

A meu ver, essas reações do apaixonado configuram-se, justamente, quando a paixão extrapola os limites da racionalidade e, tudo o que se faz é direcionado àquele fim.

<sup>2</sup> Ibid. p. 249. Aurélio Buarque de Holanda Machado, “Lacrimoso”, p. 134.

O Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais desenvolve uma abordagem que bem enfatiza a dimensão de exclusividade assumida pela paixão. Diz o referido Dicionário:

X “Quando alguém é dominado por uma Paixão, toda a vida Psicológica parece tender para aquele fim, anulando muitas vezes todas as vontades contrárias que se lhe opõem”<sup>(3)</sup>.

No Dicionário de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, a conceituação de paixão também enfatiza essa dimensão irracional e avassaladora de paixão. Diz o Aurélio:

X “A paixão é um sentimento ou emoção levados a um alto grau de intensidade, sobrepondo-se à lucidez e à razão. É um afeto dominador e cego; é uma obsessão, fanatismo, cegueira”<sup>(4)</sup>.

Nessa linha de pensamento, uma entrevistada diz:

“Existem pessoas que sentem aquela paixão desvinculada, aquela coisa cega que você não consegue ver em frente. A paixão deixa você muito dependente da outra”.

<sup>3</sup> SANTOS, Mário Ferreira. “Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais”, p. 980

<sup>4</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. “Dicionário” p.1248

Para Robert Solomon, a paixão é algo implausível, não admissível; é o lado louco, irracional, arrebatador do amor. Diz ele:

“A paixão é quase inimigo do amor duradouro, não porque amor e paixão sejam antitéticos como tais, mas porque a paixão em geral representa o grau de implausividade do amor”<sup>5</sup>).

Entendo que a paixão, por ser passageira, pré-formada, é distinta do amor justamente por este ser um sentimento mais sólido. A paixão não pode durar, porque por sua própria natureza é algo intenso que se deslumbra ante o objeto desejado que se apresenta, então, como algo inédito e singular. Além do mais, a paixão é um sentimento baseado em altos fisiologismos que não são mantidos por muito tempo.

Estabelecendo o paralelo entre paixão e amor, as imagens configuradas pelos entrevistados representam o amor como um sentimento forte, mas racional e, como tal, duradouro. Segundo as suas representações, o amor é algo que fica, permanece. Uma entrevistada diz assim:

“O amor se mantém por muito tempo; ele continua”.

Outra entrevistada comenta:

“O amor permanece, ele sobrevive a muitas coisas, sendo um sentimento muito forte”.

---

<sup>5</sup> SOLOMON, Robert. “O Amor, reinventando o romance em nossos dias” p. 209

Um entrevistado, dando um sentido mais racional ao sentimento, diz:

“O amor é uma coisa mais serena, mais calma, mais tranqüila. É uma coisa que você lida muito mais com o cotidiano, passa a ter a realidade como um instrumento de crescimento”.

Nessa mesma linha, outra entrevistada diz:

“O amor é algo mais racional, é relaxante, maduro e extremamente gratificante”.

Robert Solomon comenta sobre a duração do amor, dizendo:

“O amor precisa de semanas, meses, até anos. E não se trata apenas da demora para estabelecer uma relação firme e estável: o próprio amor precisa de tempo - como o vinho”.

E diz mais:

“O amor envolve reciprocidade com outra pessoa, e isto significa meses ou anos de aprendizado e ajustes, tecendo um eu compartilhado que não é só uma projeção das esperanças e velhas frustrações, mas também um eu sólido e baseado no que as duas pessoas têm de mais íntimo”<sup>6</sup>).

---

<sup>6</sup> Ibid, p. 280

Percebe-se que nos dias de hoje as conotações dadas ao amor são bastante diversificadas. Parece que só dizer que se ama não basta, não é suficiente. É preciso que, com o amor venha também outros componentes. O companheirismo, por exemplo, nos dias atuais, é uma expressão muito desejada do amor. É sabido que tempos atrás a relação marido-mulher era bastante limitada, castradora, impossibilitando, desse modo, um relacionamento aberto, de companheirismo, de troca mútua. Os componentes como carinho, afeto, ternura, amizade que concretizam o amor, eram expressos de forma limitada, reprimidos pelas convenções morais predominantes nas relações sociais à época.

Em verdade, são muitas as representações que se tem do amor. E não seria possível procurar dar uma conceituação única e universal a um sentimento onde prevalece a subjetividade, onde a mutabilidade é acentuada em cada época e em cada contexto. No entanto, é possível demarcar tendências que predominam num dado momento histórico.

Hoje, as dimensões do querer bem, do afeto, da ternura, do compartilhar enquanto componentes do amor, são enfatizados em diferentes elaborações e expressões. O Dicionário de Aurélio Buarque assim conceitua:

“Amor é um sentimento de dedicação absoluta de um ser a outro ser ou a uma coisa; devoção; culto,

adoração. Amor é amizade, carinho, simpatia e ternura”<sup>(8)</sup>).

Segundo Robert Solomon:

“Amor é a tentativa de encontrar outra pessoa que nos dará um sentido do ‘verdadeiro eu’ e nos tornará completos de uma vez por todas”.

E mais:

“A natureza e a finalidade do amor é procurar e estabelecer uma identidade compartilhada com outra pessoa”<sup>(9)</sup>).

Solomon enfatiza a afeição, ao afirmar:

“Amor é geralmente apresentado como alguma coisa suave, mera companhia, mais consideração e afeição. Na verdade, amor é a paixão culminante, não obcecada, porém envolta em reciprocidade”<sup>(10)</sup>).

Um outro componente de destaque na representação do amor entre nós é a dimensão do desejo, vinculada à libido, à sexualidade. O Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais, define:

<sup>8</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. “Dicionário”, p. 127

<sup>9</sup> SOLOMON, Robert. “O Amor, reinventando o romance em nossos dias”, p. 206

<sup>10</sup> Ibid, p. 192

“O amor é sinônimo de afeto, não é apenas a complacência, mas também o desejo, a apetibilidade do amado, a compenetração afetiva, a busca da posse do bem desejado”<sup>(11)</sup>.

Solomon afirma, caracterizando o sentimento:

“O amor também é sexual na sua origem e motivação, não importa o quanto seja inibido, puro ou sublimado”<sup>(12)</sup>.

De fato, o amor é uma síntese de todos esses componentes, é uma simbiose que hoje traz as marcas de respeito, de busca da igualdade que marcam a cultura contemporânea. Por ser um sentimento que exige intimidade plena, o amor faz com que os amantes se tornem, em seus momentos de maior intensidade amorosa, pessoas sonhadoras, esperançosas, românticas, poetas. E, isso parece se dar em qualquer época, variando, sim, as formas de expressar esse romantismo inerente ao amor. Diz Menotti del Pichia:

“Só quem ama é capaz de entender as estrelas”.

Hoje percebe-se que, em relação ao amor, as pessoas estão tendo uma visão mais firme de seus atos, não chegando a ultrapassar, a transpor a lucidez. Diz Sue Townsend:

“O amor é a única coisa que me conserva o juízo”.

<sup>11</sup> SANTOS, Mário Ferreira. “Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais”, p. 97

<sup>12</sup> Ibid, p. 40

O amor enaltece as pessoas e é um sentimento procurado por todos. Parece ser uma dimensão do humano. E em todos os tempos ele foi retratado de formas diferentes. Desse modo, procurei ver as representações específicas do amor na poesia, por ser uma via privilegiada de expressão amorosa. Diz Disraeli:

“Todos nascemos para o amor... O princípio e fim único da existência”.

Castro Alves, em seu fragmento poético “Amar e ser Amado” bem retrata a procura do amor pelas pessoas, dizendo:

“Amar e ser amado! Com que anelo  
com que ardor esse adorado sonho  
acalentai em meu delírio ardente  
por essas doces noites de desvelo!  
Ser amado por ti, o teu alento a  
bafegar-me a abrasadora frente!  
Em teus olhos mirar meu pensamento,  
sentir em mim tu’alma, ter só vida  
p’ra tão puro e celeste sentimento:  
Ver nossas vidas quais dois mansos rios,  
juntos, juntos perderem-se no oceano,  
Beijar teus dedos em delírio insano



Nossas almas unidas, no alento, confundido  
também, amante-amado como um anjo feliz...  
que pensamento! ?”

A professora da Universidade Estadual do Ceará, Verinha Monte, expressa o amor na linguagem poética, em seu livro intitulado: “Quando falo de Amor”. Assim, ela diz em seus versos:

#### Amor

Sentimento sem fronteiras  
que não tem sexo nem cor  
Enlaça, envolve, maltrata,  
mas quem não gosta desta dor?

Amor é vida, é infinito, é luz.

Ciúme, céu, chão...

Enchendo o espaço  
do pequeno coração!

#### Noite

A noite anoitece

e suas teias tece

Becos, guetos, ruas vazias,

na calada da noite a vida vadia.  
Manto escuro, estrelas e lua,  
palcos de astros, esquinas de rua...  
Bêbado, meretriz, ator, cantor  
nas teias da noite  
vivem e morrem de amor!

### Incógnita

De onde vim?  
De qual estrela?  
Do fundo do mar  
De uma flor?

Nada me importa,  
Nem essa dúvida,  
Nem essa dor!  
Origem! pra que sabê-la,  
Se eu sinto e vivo de amor!

### Quando te vejo

Minhas mãos, trêmulas e suadas,

Tocam objetos, desorientados.  
Minha boca entreaberta, admirada,  
sonha com teu beijo, ficar saciada.  
Meus seios inquietos, saltitantes,  
marcam meu vestido, mais insinuantes...  
E num requebro dolente,  
caminho à tua frente,  
com pernas que já não são minhas,  
passos lentos, dormentes...  
Meu corpo todo, nas nuvens se sente,  
flutua, voa, destoa se estás presente!  
Do mundo esqueço, quando te vejo!  
Só quero te amar, morrer de paixão,  
sonhar de prazer, matar meu desejo!

Amor e paixão são sentimentos distintos porém, não são antagônicos. Dentre os entrevistados distinguem-se duas representações distintas acerca dessa questão amor e paixão. Um grupo estabelece uma distinção, um corte. Um entrevistado diz assim:

“Amor é uma coisa mais serena, mais calma, mais tranqüila e paixão é uma coisa repentina, alucinante,

é devaneio, algo que te deixa fora de si, que faz você perder o raciocínio”.

Nessa mesma linha de corte amor/paixão, uma entrevistada fala:

“A paixão é uma coisa que deixa a gente cega, dependente da outra. Eu vejo amor como uma relação mais sólida, algo que te faz ver o futuro!”

Outra entrevistada diz:

“A paixão é inconstante, surge arrebatadamente, é tormenta, consome. O amor é mais racional, é porto seguro, algo relaxante e extremamente gratificante!”

Já o outro grupo, na sua representação estabelece um vínculo, uma ligação entre os dois sentimentos. Uma entrevistada refere-se a essa ligação, dizendo:

“A paixão se caracteriza mais pela intensidade; essa intensidade, às vezes, se dá de uma forma até bastante longa. Por exemplo: eu já fui casada duas vezes e nos meus dois casamentos, eu entrei e saí deles extremamente apaixonada. Os meus casamentos, em momento algum, caíram no tédio,

nas misérias do cotidiano; então, era uma relação muito forte nesse sentido, em todos os dois; e, quando em me separei, essa coisa me mantinha, a gente se separava, mas sem ter esfriado, a gente se separava talvez até por uma percepção de que ia acontecer isso. Então, sempre foi uma separação traumática, quer dizer, você querer muito, você ainda querer estar junto e você se separar. Então, paixão e amor é isso. Esse amor que se mantém por muito tempo, ele é, na verdade, muito amizade, companheirismo e isso continua mais que a paixão. Agora, se dentro da paixão você encontra esse companheirismo, essa amizade, essa cumplicidade, essa paixão pode existir por vinte anos, ela vai mudar de nome, talvez”.

Uma outra entrevistada diz assim:

“Eu acho que nenhum grande amor sobrevive sem o sentimento do apaixonado. A paixão para mim, é sempre o início, aquela explosão, aquele lance da descoberta. Se você não viver um amor apaixonadamente, ele acaba se tornando uma coisa

meio monótona pelo cotidiano. E o que eu me lembro do meu grande amor é que ele foi um grande amor e uma grande paixão concomitantemente. Ao mesmo tempo que a gente se amava, a gente era extremamente apaixonado”.

Nessa mesma linha de relação, declara uma entrevistada:

“Tem relação que amor e paixão caminham juntos. Já outras, quando não existe amor, existe a paixão mas, também no início do amor pode existir uma paixão e essa paixão perdurar, se alongar e virar amor”.

Outra entrevistada diz:

“Eu acho que tem muito a ver o amor e a paixão. A paixão é um passo bem mais próximo para o amor; é uma ponte bem mais estreita para sair da paixão para o amor. Pode ser que muitas vezes isso não aconteça, porque você se empolga muito com um lado, vamos dizer, o sexual ou o lado físico da pessoa: ele é bonito, te dá tesão e acaba a relação não virando amor porque você só vê um lado”.

Diante da complexidade desses dois sentimentos - amor e paixão -, como pensá-los na sua especificidade e sua relação. Não será a paixão um

momento do amor? Uma fase do amor? Ou a paixão é essencialmente distinta do amor? Um dos entrevistados apresenta uma representação desses dois sentimentos que os unifica no sexo, na atração física. Diz ele:

“O amor é um conceito abstrato resultante do ato sexual. O homem, ser intelectual, sempre simbolizou suas atividades e, ao prazer físico que advém do sexo, foi criado o símbolo de uma entidade abstrata, romântica que é o ‘amor’”.

Diante de todas as representações que foram apresentadas, o mito de amor e paixão de Tristão e Isolda constitui uma síntese de elementos-chaves nessa polêmica. Este mito de raízes pagãs disseminou-se pelo Ocidente e, no século XII, foi impresso em versos pela primeira vez. O mito de Tristão e Isolda trata da paixão desenfreada dos amantes, do impossível, do amor que só se plenifica para além da morte. A história desses amantes indica, em muitos aspectos, os princípios do amor cortês. Vivendo intensamente o amor como a razão única da existência, Tristão e Isolda encarnam a expressão do amor pelo amor, a urgência dos corpos interditados pela moral, o êxtase da experiência do desejo.

Maria Gercilene Campos de Araújo, em sua tese de Doutorado **“Histórias de Amor no Cordel e Psicoterapia”**, assim relata esse mito:

“Tristão e Isolda: o mito do amor paixão

Tendo percorrido aspectos da concepção amorosa na Cortesia, passemos a refletir sobre o mito da paixão dionisíaca de Tristão e Isolda. Este mito de raízes pagãs disseminou-se pelo Ocidente e, no século XII, foi impresso em versos pela primeira vez. Já sabemos que esse século foi justamente a época áurea do amor cortês. Como o mito de Tristão e Isolda trata da paixão desenfreada dos amantes, do impossível do amor que só se plenifica para além da morte, a história desses amantes indica, em muitos aspectos, os princípios do amor cortês. Vivida fora do casamento, como a razão única da existência, Tristão e Isolda encarna o amor pelo amor, a urgência dos corpos interditados pela moral, o êxtase da experiência do desejo.

Esse mito é apontado por alguns estudiosos como paradigma para a noção do amor pensada no século XX. Por isso achamos pertinente sua inclusão no presente estudo.

Tristão nasce sob a égide do infortúnio, daí seu nome: Tristão. Seu pai Rivelino, filho do rei Leônis,



apresenta-se para servir ao rei Marcos da Cornualha (num tempo situado entre a queda do Império Romano e a coroação de Carlos Magno) e apaixona-se por Brancarlor, irmã do rei. Ferido em combate, recebe a visita de Brancarlor. Amam-se e deste encontro nasce Tristão. Mas Brancarlor morre no parto e Rivelino, que a desposara, vem também a morrer numa emboscada, anos mais tarde. O rei Marcos, tio de Tristão, o adota em sua corte e o educa nas artes da caça, da guerra e da montaria, habilidades de cavaleiro, e também nas artes da música: Tristão toca harpa muito bem, compõe à moda dos jograis bretões, canta como os pássaros - à semelhança da Cortesia.

Quando está para se tornar cavaleiro, Tristão obtém do rei Marcos permissão para enfrentar o gigante irlandês Morholt, que viera cobrar à Cornualha um antigo tributo de guerra: cento e cinquenta rapazes e moças de quinze anos. Tristão mata Morholt, mas é mortalmente ferido por sua espada envenenada. Sabendo-se condenado a morrer pelo veneno, Tristão

parte num barco sem remos e sem vela, jogando sua sorte ao mar. O barco chega à costa irlandesa. Apenas a rainha da Irlanda, que era irmã de Morholt, possui a fórmula do antídoto contra o veneno, por isso Tristão esconde a sua identidade. A rainha Isolda e a filha, também, chamada Isolda, curam Tristão e este retorna à Cornualha.

Anos depois, o rei Marcos decide casar-se com a mulher que fosse a dona do fio dourado de cabelo que um pássaro lhe trouxera. Tristão parte para a Irlanda, porque só Isolda teria os cabelos belos e dourados como aquele fio. Lá, mata um dragão que ameaçava a cidade, sendo ferido pelo monstro. Novamente recebe os cuidados de Isolda e esta acaba por descobrir que Tristão matara seu tio Morholt. Ameaça-o com a espada, mas Tristão revela sua missão de conduzi-la à Cornualha para desposar o rei Marcos. Isolda o perdoa.

Tristão ganhara o direito de desposar Isolda, que fora prometida pelo rei a quem matasse o dragão, mas resolve cumprir seu juramento e levar Isolda para

casar com o rei Marcos. Na viagem, ambos bebem, por engano, o vinho ervado, preparado pela mãe de Isolda e destinado aos esposos. Esse era o filtro de amor e fazia apaixonar-se perdidamente, para além da morte, quem o bebesse. A partir daí Tristão e Isolda entregam-se ao amor. Mas, apesar de amar Isolda, Tristão permanece fiel à sua missão e a leva para desposar o rei Marcos. Na noite de núpcias, a aia de Isolda, Briolanja, substitui sua ama no leito real, e o rei não se dá conta da troca devido à escuridão.

Tristão e Isolda encontram-se secretamente. Mas os barões traidores revelam ao rei a traição de Tristão. Todavia os amantes conseguem se safar com astúcia de todas as denúncias, até que uma noite, os barões lhes preparam uma armadilha. Colocam farinha de trigo nos aposentos reais entre o leito da rainha e o de Tristão que, como íntimo do rei, dormia lá conforme a tradição. Tristão, antes de partir em missão que lhe fora confiada pelo rei, quer unir-se mais uma vez a Isolda e, percebendo o arдил, salta de seu leito ao dela, mas no salto abre-se-lhe uma ferida

recente, cujo sangue cai sobre a farinha. As manchas de sangue são a prova do adultério. Isolda é entregue a um grupo de leprosos e Tristão é condenado à morte. Ele consegue fugir, resgata Isolda e vão juntos morar na floresta de Morrois, onde vivem uma vida de sacrifícios, a pão e água. Um dia, o rei Marcos surpreende o casal dormindo na choupana, e comove-se ao ver, entre os corpos dos dois, a espada desembainhada de Tristão, interpretada como sinal de castidade, conforme a tradição. Sem despertá-los, o rei troca a espada de Tristão pela sua em sinal de perdão. Passados três anos, o filtro do amor perde seu efeito (segundo a versão de Bérroul), Isolda sente saudades da corte e Tristão se arrepende. Aconselhados por Orgrin, um eremita que vivia na floresta, Isolda volta para a corte. Mas antes, garante a Tristão que a qualquer sinal de sua parte, ela partiria ao seu encontro. Outra vez a paixão volta a queimar os corações dos amantes e eles passam a ter novos encontros às escondidas.

Mas os barões traidores voltam a perseguir os amantes. Isolda deverá declarar solenemente em juramento sagrado, segurando um ferro em brasa, que só ama ao rei e só a ele pertence. Se Isolda falar a verdade o ferro não a queimará, conforme a tradição medieval do julgamento de Deus. Graças a um ardil, Isolda jura que jamais estivera nos braços de outro homem, exceto nos do rei e nos do barqueiro que a ajudara a descer da barca há pouco. O barqueiro era Tristão disfarçado. Noutra versão do mito, Tristão disfarça-se de leproso e carrega Isolda em seus ombros ao atravessar um charco. Ela jura que apenas o rei e aquele pobre homem estiveram entre suas coxas. Nas duas versões o ferro do julgamento de Deus não a queima.

**UFPA/UFPA**

Certo dia, Tristão, julgando que a rainha não mais o ama, parte para longe e concorda em desposar outra Isolda, a de mãos brancas, por seu nome e beleza. Mas não consegue consumar a união conjugal com ela. Vive casto. Retorna à Cornualha disfarçado de louco, apresenta-se diante da corte, Isolda não o

reconhece. Mais tarde, ele se identifica e ambos dormem juntos pela última vez. Tristão parte para a Bretanha, onde é ferido de morte por uma lança envenenada. Manda buscar Isolda e pede ao mensageiro que, ao voltar, hasteie uma bandeira branca no navio se ela vier junto e uma bandeira negra se ela estiver ausente. Isolda vem e o navio ostenta a bandeira branca, mas enciumada, a outra Isolda, a de mãos brancas, diz a Tristão que a bandeira é negra. Ele morre, e ao chegar, Isolda, a loura, abraça-se ao corpo do amante e morre sobre ele”(13).

Diante deste mito, a paixão é glorificada na medida mesma de sua insensatez e do sofrimento que produz. A paixão traz em si mesma o sinal de seu interdito e dele necessita para transgredi-la. A paixão representada por Tristão e Isolda, para existir com toda sua força e efervescência, parece necessitar do fluxo repetitivo de aproximações e distanciamentos dos amantes. É necessário que o sentimento transgrida-o para realimentar-se e permanecer vivo.

---

<sup>13</sup> ARAÚJO, Maria Gercilene Campos de. “Histórias de amor no cordel e psicoterapia”, p. 67 a 71

Este mito é apontado por alguns estudiosos como o paradigma para a noção do amor pensada no século XX. A modernidade parece querer conciliar amor/paixão, embora exista muita polêmica em torno da especificidade de cada um desses sentimentos.

### 3.2. AMOR E SEXO

O animal devora, o bárbaro come  
e o homem saboreia. Do mesmo  
modo o animal cobre a fêmea, o  
bárbaro pratica o coito e o ser humano ama.

Roberto Shinyashikj

Sexo não é uma coisa com o qual  
você brinca; sexo é você.  
É o fluxo de sua vida, é o seu  
próprio eu em movimento.

D.H.Lawrence

Em épocas mais conservadoras e reacionárias do que a nossa, era comum, no Ocidente, pensar na relação sexual exclusivamente com o objetivo biológico de reprodução da espécie.

<sup>19</sup> SANTOS, Maria Tereza dos. "Dicionário de Antropologia e Ciências Sociais".

No Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais, é dado também ao sexo uma conotação de procriação, ao afirmar:

“Chama-se sexo em geral, a dualidade de organismo (masculino e feminino) para a procriação, por via generativa, em que há fecundação do óvulo pelo sêmen masculino”<sup>14</sup>).

Um entrevistado, em sua representação sobre sexo, deu também essa conotação de procriação, dizendo:

“Ao prazer físico que advém do sexo foi criado o símbolo de uma entidade abstrata, romântica que é o amor. Creio que tudo é uma questão biológica; a natureza dá a cada espécie a necessidade de esta ser perpetuada e, para isto ser facilitado, tornou as condições desta perpetuação o sexo - algo prazeroso”.

A idéia de sexo com o objetivo biológico de reprodução da espécie derivou diretamente do Cristianismo. A Igreja, desde o começo da Idade Média, vinculou, organicamente, sexualidade com reprodução, negando o sexo como fonte de prazer. Durante séculos, ela sustentou que a atividade sexual tem um caráter muito especial, algo a que Deus presta atenção redobrada e que

---

<sup>14</sup> SANTOS, Mário Ferreira dos. “Dicionário de Filosofia e Ciência Culturais”, p. 1132



não pode ser desvinculada de procriação. Nesta perspectiva, as pessoas que usassem o sexo como fonte de prazer eram consideradas libertinas, estando fadadas a queimar-se para sempre nas “profundezas do inferno”. A possibilidade de se encarar o sexo como algo que dá prazer era algo impensável à época. E, mesmo hoje, esta idéia de que “sexo é pecado” ainda mantém resquícios em nossa cultura, em grupos considerados mais conservadores, que herdaram, talvez, inconscientemente essa visão castradora de sexo.

No que se refere ao sexo, podemos fazer uma divisão da história da relação homem-mulher em “antes” e “depois” da revolução sexual, atribuindo funções e qualidades semelhantes a homem e mulher. Assim, como bem situa Vanessa Barbosa Ramos Andion, em seu estudo sobre a sexualidade da mulher,

“... na história da humanidade acreditou-se, por muito tempo, que o homem era um ser que necessitava mais de sexo do que a mulher. Acreditava-se mesmo, na hipótese de que a mulher era assexuada, idéia que constituiu culturalmente um viés repressivo que tolhia a reivindicação desta pelo prazer sexual. A Revolução Sexual trouxe consigo uma nova visão em relação a essa questão, pois as normas ditadas pela

“nova liberação” valorizavam o orgasmo feminino, centralizando o prazer da mulher nos órgãos genitais o que, até então, era uma típica característica da sexualidade masculina”<sup>15</sup>).

E continua Vanessa Andion:

“Denominou-se de Revolução Sexual as transformações nos padrões de comportamento e valores sexuais. A nível de senso comum, esta revolução caracterizou-se por ser um movimento que acarretou uma liberdade, até então inexistente, de se pensar o sexo, de se falar em sexo, enfim, de se viver o sexo. No Brasil, as transformações no comportamento sexual começaram a se fazer sentir no final dos anos 60, início da década de 70. Um dos acontecimentos marcantes da Revolução Sexual aconteceu em 1970, quando o movimento feminista realizou a “Queima de Sutiãs”, defendendo o amor livre e a busca da igualdade de direitos entre o

---

<sup>15</sup> ANDION, Vanessa. “A mulher nos anos 90 e sua sexualidade: uma investigação de conquistas e dilemas”. A autora não fez a numeração das páginas. A citação fica no 3º capítulo, na parte 3.6.

homem e a mulher, baseada principalmente na liberdade sexual”<sup>16</sup>).

Assim, a partir do final dos anos 60, década de 70, a sociedade brasileira e, especialmente a mulher, vem vivenciando a revolução sexual. O principal fator da revolução sexual foi a pílula anticoncepcional, associada ao trabalho feminino e aos movimentos feministas. A pílula permitiu a separação da reprodução e prazer sexual, tirando da mulher a preocupação com uma gravidez indesejada e permitindo-lhe buscar no sexo apenas a satisfação erótica. Desse modo, é preciso entender esta Revolução como um movimento social que teve como ponto de partida uma necessidade: a de quebrar as amarras da sexualidade feminina.

Diante do quadro de mudanças ocorridas desde a revolução sexual, penso que não devemos encarar o sexo como uma atividade mecanizada, algo elaborado, produzido enquanto “técnica” que propicia prazer, reduzindo o sexo a um fim em si mesmo que passa a dominar a vida das pessoas. É preciso vivenciar o sexo como um meio para atingir a felicidade, buscando sempre que seja algo prazeroso para os dois parceiros, vinculando com o amor. É essa, uma idéia, hoje, amplamente difundida em nossa cultura, estabelecendo um vínculo essencial entre amor e sexo. Para Marta Suplicy, a combinação do

---

<sup>16</sup> Ibid, 2º Capítulo, parte 2.1.

sexo com o amor, uma vez experimentada por homens e mulheres, faz do sexo pelo sexo uma prática sem sentido. Diz ela:

“O sexo com amor propicia ao ser humano uma experiência de plenitude semelhante à da criança no ventre da mãe. Esta busca de unidade, inerente ao ser humano, é insaciável, e só é encontrada durante o breve momento do encontro amoroso...”<sup>(17)</sup>

“Sexo sem amor é como comer arroz sem feijão, um sem o outro fica sem graça. O sexo com amor passa a ser a procura para quem teve a felicidade de ter essa experiência”<sup>(18)</sup>.

Desse modo, na sociedade contemporânea afirma-se, cada vez mais, a idéia de que um relacionamento sexual completo exige sentimento não só de desejo e prazer, mas também de afeição entre duas pessoas. Segundo Robert Solomon, a única coisa que vale no sexo não é nem prazer, nem habilidade, nem conhecimento mas, sim, a expressão mútua de afeto. Nessa linha de pensamento, afirma uma entrevistada:

“Para mim, o sexo tem que vir carregado de uma carga afetiva muito grande. Essa é uma coisa que eu

---

<sup>17</sup> SUPLICZY, Marta. “Conversando sobre sexo”. p. 347

<sup>18</sup> Ibid, p. 347

acho que está um pouco na cabeça das mulheres de uma maneira em geral, porque foi colocado culturalmente. Eu não consigo pensar sexo como uma coisa desvinculada de afeto”.

Dentro desse mesmo raciocínio, um outro entrevistado diz:

“O sexo não pode existir sem uma afetividade; ele é todo um processo de um relação afetiva, carinhosa, de retribuições: você dá e recebe”.

Hoje, para um grande número de pessoas, a concepção de amor baseia-se na idéia de satisfação sexual. O sexo com frequência é visto como fundamento e ponto de partida do amor: se o sexo não vai bem, acha-se que já não há mais amor. Para Robert Solomon, nos dias atuais, valoriza-se em excesso a importância do desejo sexual e, para alguns casais, a intensidade do desejo louco pode ser inversamente proporcional à solidez e intimidade do amor. Neste sentido, o sexo seria uma compensação para uma comunicação até então ausente. Uma entrevistada refere-se a esta questão, afirmando:

“A relação sexo e amor está ficando muito confundida.

Às vezes, a pessoa tem uma boa relação sexual e acha que é amor e, às vezes tem uma relação sentimental boa e não tem uma relação sexual plena

e, então, ela acaba achando que aquilo não é amor. As pessoas começam uma relação e o sexo entra em jogo, não havendo um aprofundamento no relacionamento e o sexo acaba sendo o ponto central. É preciso haver uma complementaridade entre amor e sexo”.

Essa questão da complementaridade amor/sexo é muito discutida entre os entrevistados. A maioria acha que é preciso haver “amor no sexo e sexo com amor”. Retomam a concepção hoje, muito divulgada de que o sexo é muito melhor no amor. O sexo no amor carrega com ele uma expectativa de continuidade e confiança. Assim, expressam-se alguns entrevistados:

“Amor e sexo estão interligados. Você não pode pensar uma coisa sem a outra. Se você pensar no amor como uma coisa isolada, ele morre. O sentimento tem que estar sempre relacionado com a atração...”

**BH/UFG**

“Na minha cabeça eu não divido amor e sexo. Para mim, o sexo faz parte do amor e o amor faz parte do sexo. É muito triste ir para cama com alguém sem gostar, só para fazer sexo...”

“O sexo é um complemento do amor. Você só consegue ter prazer total na cama, se se entregar sem nenhum pudor, quando você ama...”

“Amor e sexo são coisas complementares. Se você tem só uma coisa na relação, você termina procurando a outra coisa que te falta: ou o sexo ou o amor...”

Analistas da temática do amor discutem essa intensa relação existente entre amor e sexo. Robert Solomon afirma:

**SH/UFG**

“O sexo no amor não é só o desejo e o desfrute do corpo de outra pessoa, é a reflexão sobre a aceitação do nosso próprio corpo, de nós como um corpo. O sexo no amor é o êxtase do momento tomado possível pela promessa de êxtase interminável ainda por vir”<sup>19</sup>).

Na sua representação do amor, o autor mostra a viabilidade do encontro profundo entre os amantes, via sexo. Diz ele, em um tom extasiante:

“No sexo ficamos nus. Expostas as partes mais protegidas dos nossos corpos, permanecemos abertos ao toque do outro. Quando excitados, tendemos a

<sup>19</sup> SOLOMON, Robert. “O amor, reinventando o romance em nossos dias”, p. 147

perder nosso controle, nosso sentido de cautela; nos permitimos as raras luxúrias de expressão inarticulada e 'sem nenhuma vergonha' mexemos nossos corpos nas formas mais sexualmente expressivas e sensuais. No sexo nos sentimos livres para querer e até mesmo esperar (até pedimos), aquilo que nos dará maior prazer, e percebemos, como em nenhum outro momento, nossos medos mais profundos de inadequação e nosso sentido de vulnerabilidade"<sup>(20)</sup>.

O sexo pode ser visto de diferentes formas, com diferentes representações em distintos grupos sociais. Muito do sexo é expressão, é representação, não só de desejo e excitação, mas de ternura, respeito, admiração, gratidão, confiança, possessividade e o desejo de ser possuído.

De fato, o sexo pode assumir outras formas, sem ser só a expressão de amor. Robert Solomon, em sua abordagem, apresenta uma significativa conceituação sobre o sexo e amor. Assim, o sexo pode ser, segundo o autor, uma compensação para uma comunicação até então ausente, ou a captação sensual de ligações que ainda não existem. O sexo pode ser a única situação na

---

<sup>20</sup> Ibid, p. 224



qual duas pessoas têm algo a dizer uma a outra. Nessa perspectiva do sexo em si, um entrevistado dá o seguinte depoimento:

“Eu tenho uma idéia bem liberal do sexo. O sexo deveria ser mais banal. As pessoas têm um certo ritual em relação ao sexo. Eu consigo ver assim: sexo e amizade, sexo como uma extensão de carinho e não como uma coisa privada, de um determinado estado de consciência. Então, não é preciso exatamente você estar apaixonado para rolar o sexo”(Entrev.02).

Não se trata aqui de julgar os comportamentos sexuais e, sim, de analisar as representações. E, hoje, parece predominar em segmentos sociais mais abertos, a idéia do sexo sem compromisso, sem amarras. Particularmente, não compartilho dessa conceituação, entendo que um prazer desse tipo nos empobrece sentimentalmente. Ao discutir esse aspecto, uma entrevistada diz:

“Na prática amor e sexo se relacionam e muito. Sem o amor o sexo se torna mecânico e frustrante...”

### **3.3. AMOR E FIDELIDADE**

A Fidelidade não é concedida de imediato,  
repousa numa troca, numa relação, num

questionamento perpétuo que oscila entre  
dois pólos, o eu e o outro, quer se trate  
da relação com o amor, com a História  
ou com o divino.

Daniel Sibory

O século XIX esmerou-se na educação moral das mulheres. Educada conforme a posição dos seus pais, a moça deixa o convento ou a casa paterna apenas para se casar. Se não aprendeu a costurar, a bordar, a tocar um instrumento, a comportar-se convenientemente, não sabe nada da vida. Uma moça deve aprender a preencher todas as horas do dia, a fim de que nem o seu espírito e nem as suas mãos fiquem desocupados. Assim, num livro para crianças (Elisa ou a educação particular), Adele Blondel propõe um horário modelo para meninas de dez anos, à época:<sup>(21)</sup>

“6 horas - levantar, oração da manhã

7 horas - lição de piano ou o estudo da lição anterior

8 horas - café da manhã, recreação

9 horas - lição de caligrafia e de aritmética

10 horas - lição de ortografia

11 horas - lição de piano

<sup>21</sup> THERESE, Moreau. “A Megera domada”. A Fidelidade, série Éticos, p. 43

12 horas - almoço, recreação

13 horas - lição de inglês

14 horas - lição de desenho

15 horas - lição de canto

16 horas - trabalho de agulha

18 horas - jantar, recreação

20 horas - instrução religiosa

21 horas - oração da noite, dormir”.

Podemos ver que a higiene corporal e o exercício físico não têm nenhum lugar neste horário, onde a recreação acontece na presença da “mamãe” e onde a vigilância noturna é corrente. Incentivadas pela Igreja, pelos médicos e pela sociedade, as mães não se descuidavam nem por um momento das suas filhas, a fim de protegê-las contra os seus maus instintos. Se ainda não fossem suficientes todos esses cuidados, os médicos aconselhavam uma clitoridectomia, que garantiria castidade antes do casamento e, depois dele, a fidelidade conjugal.

Assim, os esposos devem-se, mutuamente, fidelidade, amparo e assistência, afirma o artigo 212 do Código Civil, de 17 de março de 1803, de Paris-França, ainda em vigor. Razão pela qual o marido poderá pedir divórcio por causa de adultério da mulher (artigo 229...). Quanto a ela, poderá (artigo 230) pedir o divórcio pelo mesmo motivo, se o marido “manteve a sua

concubina na casa do casal”. A lei prevê até mesmo uma pena de três meses a dois anos de reclusão numa casa de correção para aquelas que tivessem ousado transgredi-la, trazendo a desonra para a sua família <sup>(22)</sup>).

Neste jogo, as mulheres podiam e mesmo ainda podem ser apenas culpadas ou perdedoras. Àquela que desonrar seu marido, que enganar um marido mesmo que este não a deseje mais, que tome cuidado, pois a lei concede ao esposo todo o poder de vingar-se: o código penal reconhece que o homicídio pelo marido contra a sua esposa, assim como contra o seu cúmplice, no momento em que os surpreende em flagrante delito no lar ..... é justificável. A conduta sexual das mulheres é logo regida por duas máximas de Alexandre Dumas Filho:

“Resistia-me, assassinei-a

Se ela te engana, mata-a.”

No Código Civil Brasileiro de 1º de janeiro de 1916, a fidelidade também faz parte dos deveres de ambos os cônjuges. Os direitos e deveres dos cônjuges estão presentes no referido código. Assim, o artigo 233 diz que o marido é o chefe da sociedade conjugal, função que exerce com a colaboração da mulher, no interesse comum do casal e dos filhos. Assim, compete ao marido:

“- A representação legal da família;

<sup>22</sup> Ibid, p. 38

- A administração dos bens comuns e dos particulares da mulher que ao marido incumbir administrar, em virtude do regime matrimonial adotado, ou de pacto antinupcial;
- O direito de fixar domicílio da família, ressalvada a possibilidade de recorrer a mulher ao juiz, no caso de deliberação que a prejudique;
- Prover a manutenção da família, porém, a obrigação de sustentar a mulher cessa, para o marido, quando ela abandona, sem justo motivo, a habitação conjugal, e a esta recusa voltar”<sup>(23)</sup>.

BEI UFG

Sobre os direitos e deveres da mulher, diz o código civil no artigo 240, que:

“A mulher assume, com o casamento, os apelidos do marido e a condição de sua companheira, consorte, colaboradora de encargos da família, cumprindo-lhe velar pela direção material e moral desta”.

Diante dos direitos e deveres de ambos, os esposos devem-se fidelidade. O crime de adultério está definido no artigo 240 do Código Penal. A nossa lei, no que se refere ao adultério é mais branda do que a lei regida por

<sup>23</sup> VIEIRA NETO, Manoel Augusto. “Código Civil Brasileiro”, p. 91

Alexandre Dumas Filho (Paris). Aqui, no Brasil, a lei não definiu o que entende por adultério, deixando tal conceituação a cargo da doutrina. Entendemos que constitui adultério não somente o coito vaginal normal, como também o anormal, de qualquer ato sexual inequívoco. cremos impossível negar a violação ao dever conjugal de fidelidade. “Hoje, em face das leis civil e penal, também o homem pode ser sujeito ativo do crime de adultério, diferentemente dos tempos antigos, em que tal crime somente podia ser praticado pela mulher casada. Hoje, tendo os cônjuges o dever de fidelidade recíproca, ambos - homem ou mulher - podem ser sujeitos ativos do crime. A pena cominada ao delito é de detenção de quinze dias a seis meses. A ação penal somente pode ser intentada pelo cônjuge ofendido, e dentro de 1 (um) mês após o conhecimento do fato”<sup>24</sup>).

Em nossa sociedade, o termo fidelidade parece ser visto para os segmentos sociais mais conservadores, como um valor absoluto, principalmente a fidelidade vinda por parte das mulheres. Porém, a fidelidade é uma noção cujo significado depende do contexto social e suas expressões variam em diferentes culturas. Desse modo, o conceito de fidelidade possui distintas conotações. Sociedades primitivas, por exemplo, não possuem essa noção. E, em nossa sociedade, tal conceito surgiu devido a instituição da

---

<sup>24</sup> JESUS, Damásio E. de. “Direito Penal” p. 197-198

família que é um excelente meio de manter a monogamia e, conseqüentemente, a fidelidade.

“Entende-se por fidelidade a qualidade de ser fiel, devotado a alguém. Em termos conjugais é a fidelidade ao cônjuge ou ao companheiro e, em particular, é o ato de não cometer adultério”<sup>(25)</sup>.

É comum confundirmos fidelidade com fidelidade sexual, como se a exclusividade sexual fosse a única medida de integridade romântica e devoção. Assim, o infiel seria aquele que trai, que sexualmente mantém outras relações.

Historicamente, na cultura Ocidental, a fidelidade está relacionada com a idéia de monogamia. Afirma Solomon:

**BH/UFG**

“E, um dos perigos da monogamia é interpretarmos a exclusividade sexual como uma imposição, uma convenção cultural que nos oprime. Em anos recentes a monogamia se converteu numa nova religião, em parte romântica, em parte conveniente. No fundo é uma rejeição da tensão romântica, é uma reafirmação da eficiência gerencial nas relações. Em nosso contexto sócio-cultural era

<sup>25</sup> ANDION, Vanessa Barbosa Ramos. Monografia “A mulher nos anos 90 e sua sexualidade: uma investigação de conquistas e dilemas”, 3º parágrafo, parte 3.6.

comum a exigência da monogamia só para as mulheres. Ao homem, era, até bem pouco tempo, permitido ter outras amantes. O bom casamento era aquele que não colocava obstáculos para a existência de uma amante. Havia lealdade, devoção, por parte do marido dentro do casamento, mas havia também a questão do sexo: “o bom sexo era aquele praticado fora do casamento”<sup>(26)</sup>.

O que fez a mulher aceitar a monogamia e ser colocada “em seu lugar” - o lar -, foi o aparecimento do amor romântico. Durante muito tempo os ideais do amor romântico afetaram mais as aspirações das mulheres do que dos homens, embora, é claro, os homens também tenham sido influenciados por tais aspirações. Segundo Anthony Giddens, “o amor romântico pressupõe a possibilidade de se estabelecer um vínculo emocional durável com o outro, tendo-se como base as qualidades intrínsecas desse próprio vínculo”<sup>(27)</sup>.

Para Robert Solomon, “o amor romântico é uma poderosa forma de igualitarismo, não como um conceito prático, mas relativo à igualdade entre dois indivíduos. É um grande recurso de nivelamento, fazendo o poderoso

---

<sup>26</sup> SOLOMON, Robert. “O amor, reinventando o romance em nossos dias”, p. 348 a 350

<sup>27</sup> GIDDENS, Anthony. “A transformação da intimidade”, p. 11



igualar-se ao comum, elevando o que está por baixo ou fora de um status aceitável”<sup>(28)</sup>).

Segundo a antropóloga americana Helen Fisher o ser humano tem uma propensão natural ao adultério. Afirma esta estudiosa que o comportamento amoroso humano tem a ver com razões ancestrais. Entre os ancestrais do ser humano, a união relativamente duradoura surgiu da necessidade que a mulher tinha de ajuda masculina para proteger e criar os filhos. Segundo a citada autora foi dessa necessidade que se desenvolveu o amor. Para Fisher, essa propensão natural do ser humano ao adultério é devido aos nossos parentes mais próximos terem sido promíscuos, pois temos uma longa história de parceiros múltiplos. Os chimpanzés, por exemplo, moram em comunidades e quando a fêmea entra no cio copula com todos os machos do grupo. Segundo ela, quando foi preciso que formássemos casais para criar os filhos, a tendência de ter vários parceiros acabou sendo reprimida por essa necessidade<sup>(29)</sup>.

Essa tese da existência de uma tendência natural do ser humano à infidelidade é bem retratada dentre os entrevistados homens. Um deles diz assim:

“Eu acho que ter um outro relacionamento, algo paralelo, vem do próprio ser das pessoas. Está no ser

<sup>28</sup> SOLOMON, Robert. “O amor, reinventando o romance em nossos dias”, p. 313

<sup>29</sup> FISHER, Helen. “A culpa é do macaco. Revista VEJA, 17/02/93

das pessoas elas se relacionarem com todo mundo, porque elas recebem estímulos bastante fortes. Elas são impulsionadas a relacionarem-se com outras pessoas”.

Na mesma linha, outro entrevistado fala:

“Você pode sentir amor por alguém, mas você não deixa de ser um ser humano que sente tesão por outras pessoas, que se envolve”.

A maioria das entrevistadas mulheres contrapõem-se à tese da antropóloga Helen Fisher e apresentam uma representação da fidelidade como sinônimo de amor. Para elas, quem ama é fiel. Uma das entrevistadas assim se expressa:

“O amor é sinal de fidelidade. Eu acho que aí não existe relativismo. Eu não acredito que a pessoa que ame seja infiel”.

Outra entrevistada, diz:

“Não creio que uma pessoa que realmente ame, esteja disponível a outra relação. Não tem sentido”.

E outra afirma:

“A meu ver, quem ama de verdade não comete traição porque não há necessidade de ser infiel”.

Em nossa cultura Ocidental um fator que levou, tanto o homem como a mulher a colocar em xeque a fidelidade foi - A Revolução Sexual -. Antes dos acontecimentos que culminaram com a revolução e a ascensão do movimento feminista, sabemos que a infidelidade masculina era aceita e até legitimada por valores pré-concebidos como o de que o homem necessita mais de sexo do que a mulher. Anthony Giddens diz:

“Os homens foram, tradicionalmente, considerados e não apenas por si próprios como tendo necessidade de variedade sexual para sua saúde física”<sup>(30)</sup>.

Dessa forma, em nossa sociedade, até a Revolução Sexual, era aceitável o envolvimento dos homens em múltiplos encontros sexuais quando solteiros e o padrão duplo após o casamento. A partir da eclosão da Revolução Sexual e do movimento feminista colocou-se em xeque essa questão. A mulher, sentindo-se mais liberta sexualmente e, também economicamente independente, começou a não tolerar o adultério por parte dos homens, sentindo-se igualmente no direito de praticar a infidelidade, passando a ser um fenômeno muito comum no universo feminino. Assim, ambos os sexos tiveram que lidar com as implicações deste fenômeno. Diz Giddens:

---

<sup>30</sup> GIDDENS, Anthony. “A transformação da intimidade”, p. 16

“Em um mundo de igualdade sexual crescente - ainda que tal igualdade esteja longe de ser completa - ambos os sexos são levados a realizar mudanças fundamentais em seus pontos de vista e em seu comportamento em relação ao outro”<sup>31</sup>).

Uma outra perspectiva que hoje, cada vez mais difunde-se, é a que entende fidelidade como uma questão de firmeza em relação aos sentimentos, concebendo-a no sentido da verdade, como uma forma de expressão de amor e devoção a alguém e à relação. Uma entrevistada, trabalhando essa idéia da fidelidade como uma forma de expressão da verdade, diz:

“Eu acho que essa coisa da fidelidade está no sentido da verdade, da ausência da mentira dentro do sentimento. A gente não tem que estar preocupada com a traição, com a traição física, casual. Tem que se estar preocupada, na vontade que as pessoas têm de continuarem juntas, de estarem falando a verdade um com o outro e não estar precisando de subterfúgios para encontrar prazer aqui ou acolá. A

---

<sup>31</sup> Ibid, p. 16

fidelidade, para mim, é você dizer a verdade, dizer as coisas, até dizer que as coisas aconteceram e se puder, conversar sobre isso”.

Outra entrevistada diz:

“... Pode acontecer um deslize e depois, com uma conversa franca o casal se acertarem. Esses deslizes podem não significar uma infidelidade”.

Frequentemente, o casal defronta-se com a questão da infidelidade. Para muitos, a fidelidade seria um termômetro que serve para medir a temperatura do amor. Ruth Stegassy, produtora na France-Culture, trabalhando a questão da fidelidade com os seus entrevistados, menciona a fidelidade no sentido da verdade. E, um deles diz assim:

“O que me incomoda mais não é a infidelidade, é o fato de ser enganado. É descobrir a infidelidade acidentalmente, numa hora em que não se espera nada, ou pela boca de outra pessoa. Isto coloca imediatamente a relação em questão, pois uma falsa relação estabeleceu-se. Meu código de conduta ideal é o de contar ao outro sempre. É uma questão de moral, de ética”<sup>(32)</sup>.

---

<sup>32</sup> STEGASSY, Ruth. “Para o que der e vier”, A Fidelidade. Série Éticos, p. 31

Robert Solomon, discutindo sobre a fidelidade, diz:

“A fidelidade é boa fé abrangente, uma recusa em magoar ou trair, uma insistência em fazer direitinho tudo o que se refere ao amor. A fidelidade é a preocupação suprema pela pessoa e com a relação. Fidelidade é devoção, refletida também num agudo sentido de eu”<sup>(33)</sup>.

Segundo Solomon, a fidelidade, construída corretamente, é o sentido total das nossas necessidades e os desejos do outro.

**CH/UFG**

Assim, parece existir hoje uma tendência de que imprevisibilidade e transparência são os ingredientes para uma infidelidade aceitável. E, cada vez mais, a fidelidade passa a ser não uma obrigação, um mero dever formal, mas uma implicação do amor-companheiro, onde homem e mulher vivem uma relação horizontal.

---

<sup>33</sup> SOLOMON, Robert. “O amor, reinventando o romance em nossos dias”, p. 347

*Amor*

*Sentimento sem fronteiras*

*que não tem sexo, nem cor.*

*Enlaça, envolve, maltrata,*

*mas quem não gosta desta dor?*

*Amor é vida, é infinito, é luz,*

*Ciúme, céu, chão...*

*Enchendo o espaço*

*do pequeno coração!*

**BH/UFG**

Verinha Monte,

Quando falo de Amor

presidência da

IVAN LUCHERDO, M. é Professor Titular do Departamento de Física, Universidade Federal de Rio Grande do Sul.

## CONCLUSÃO

O amor, de todas as experiências, é a mais vivida, almejada e comentada. É um sentimento tão familiar para todos nós, e ainda assim, é tão incompreendido, fazendo parte de um dos grandes mistérios universais. Essa energia, que movimenta toda a humanidade e de cuja existência às vezes se duvida, é um sentimento cuja conceituação torna-se difícil de delimitar, devido a totalidade do seu significado.

O estudo que aqui desenvolvi - tanto a nível teórico, no resgate da contribuição dos autores, como a nível da análise empírica<sup>\*,\*</sup>, reafirmou o amor como um sentimento universalmente humano. É o que bem afirma Iván Izquierdo<sup>\*</sup>, em recente artigo na Folha de São Paulo, datado em 14 de janeiro de 1996:

“A característica principal dos seres humanos é, justamente, nossa capacidade de amar; o amor nas suas múltiplas e variadas facetas, que vão desde o carinho até a saudade, da saudade até a educação, da educação até o altruísmo ou a poesia”.

Assim, o amor, como um sentimento inerente ao ser humano, está presente em todas as sociedades e em todos os tempos históricos. O amor é

---

\* IVÁN IZQUIERDO, 58, é Professor Titular do Departamento de Bioquímica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



condicionado pela cultura e é mutante na sua forma. As suas representações estão inseridas dentro de uma determinada configuração de valores, idéias, normas, atitudes e posturas de uma época, assumindo formas e expressões diferenciadas, produzidas dentro da sociedade em momentos específicos. Desse modo, nas representações do amor, incluem-se o imaginário, o simbólico de cada um, vinculado ao seu contexto social. Dentro dessa concepção universal do amor, Shinyashiki e Bittencourt, afirmam:

“...A única certeza que temos é a de que o amor é uma condição inerentes ao ser humano. Assim, como a flor emana o seu perfume, o homem naturalmente exala o amor. Isso é tão inevitável quanto é impossível proibir a terra molhada de desprender seu cheiro...”

**CH/UFG**

“... como poderemos viver sem amor? Impossível, porque, se assim for, o vazio sempre nos acompanhará...”<sup>(1)</sup>.

O escritor norte-americano John Updike, em entrevista ao Jornal Folha de São Paulo, datado em 11 de junho de 1995, declara:

“Amor é uma sentimento universal e, por isso, as pessoas dizem coisas semelhantes, mas as experiências humanas formam apenas uma visão

---

<sup>1</sup> SHINYASHIKI, BITTENCOURT. “Amar pode dar certo”, p. 16 e 23

básica e você deve tentar sempre encontrar uma maneira diferente de falar sobre elas”.

A questão central é as diferentes formas de expressão que o amor assume em um dado contexto, num cenário específico.

Uma idéia fundamental em toda a minha análise é que as representações do amor são culturais, e assim, elas são diretamente atingidas pelas mudanças sociais.

Numa demarcação histórica geral, pode-se afirmar que, na sociedade ocidental, homens e mulheres desempenham seus papéis sociais e sexuais dentro dos padrões culturais vigentes. Logo, são visíveis as diferenciações de papéis do homem e da mulher “antes” e “depois” da Revolução Social e Cultural dos anos 60. Tal revolução caracteriza-se por questionamentos e constatações no campo da Política, do Social, do Amor e do Sexo.

Dentro do contexto da Revolução Cultural ocorreram transformações nos padrões de comportamento e valores sexuais, acarretando assim, a chamada Revolução Sexual, fazendo uma reviravolta nas estruturas amorosas e redefinindo papéis. A verdade é que a Revolução Sexual foi de fundamental importância na redefinição de papéis, principalmente no tocante à mulher, ensinando-lhes a pensar e agir, saindo do jugo do marido e senhor, para lutar pela emancipação econômica e pela liberdade sexual, enfim, pela liberdade de viver e amar sem fronteiras. De fato, a partir da Revolução Sexual, as

expressões do amor começaram a tomar novas formas, orientadas por novos valores e concepções existenciais diferenciadas. Os sentimentos passaram a ser vividos com mais plenitude num clima de companheirismo, com relações horizontais, baseadas no respeito e igualdade.

**CH/UFG**

Amor e paixão são sentimentos que, a nível do senso comum, são comumente confundidos. Mas, com o desenvolvimento desse meu trabalho, constatei que uma parte considerável dos entrevistados fizeram uma distinção qualitativa de amor e paixão, dando a esses dois sentimentos significados diferenciados. As representações da paixão configuram-na como um sentimento arrebatador, não racional, algo que deixa a pessoa fora de si. Mas, sendo um sentimento avassalador, alucinante, ele é transitório, fugaz, é algo efêmero. Para o amor foram apresentadas configurações que apontam para um sentimento mais fundamental e essencialmente humano. As imagens configuradas pelos entrevistados representam-no como um sentimento forte, racional e como tal, duradouro, algo que fica, permanece. Iván Izquierdo, no artigo já aqui mencionado, assim representa o amor:

“ Dos afetos e sentimentos,  
o mais importante é o amor.  
É graças ao amor que  
podemos chegar a adquirir  
o equilíbrio emocional.

Sem ele não há equilíbrio possível.

Os psicopatas, por exemplo,

não sabem e não conseguem

aprender o que é o amor.

Matam porque tanto faz.”

Em verdade são muitas as representações que se tem de amor e de paixão e, não seria possível procurar dar uma conceituação única e universal a sentimentos onde prevalecem a subjetividade, onde a mutabilidade é acentuada em cada época e em cada contexto.

Durante o meu trabalho constatei que hoje as formas de amor assumidas em grande parte pelos entrevistados é a representação do amor companheirismo. Nessa representação, há uma troca mútua, uma identificação em quase tudo no que diz respeito ao casal. No amor companheirismo, a “troca” é fundamental para a sustentação do sentimento. E, determinados atributos mostram-se essenciais à relação amorosa:

Amizade

Compreensão

Ajuda Mútua

Cumplicidade.

Iván Izquierdo, falando das expressões do amor, assim se expressa:

“O amor tem muitas faces.

Uma delas é o carinho, a expressão do amor na qual nós, latinos, somos especialistas; mas não é a mais importante: os suecos e os ingleses amam tanto quanto nós, e o expressam muito menos. A saudade do objeto amado, o desejo de seu bem-estar, são outras... São parte do amor o conjunto de atitudes que denominamos civilidade ou educação”.

E as pessoas que vivem o amor *NESSA* dimensão têm consciência que essas exigências brotam sem haver uma determinação, uma obrigação. O importante desse sentimento é que ele é algo espontâneo, livre, fazendo do casal não apenas amantes, mas amigos e companheiros.

Vale ressaltar que hoje, a forma de representação de amor que prevalece é o amor companheirismo. No futuro essa forma de amor poderá mudar, visto que o amor é um sentimento mutável e que acompanha a própria dinâmica cultural.

Por ser esse um trabalho preliminar e o primeiro que faço e, sabendo das minhas limitações, sei que existem várias lacunas a serem preenchidas. A

investigação sobre o amor e suas representações fizeram emergir questões básicas que apontam perspectivas de estudo:

- Como o amor é visto depois do aparecimento da AIDS.
- Quais são as representações do amor na maturidade ou entre os adolescentes.
- As representações do amor entre o mesmo sexo.
- As representações do amor nas diferentes classes sociais.
- As representações do amor na música.

O assunto no que se refere ao amor é vasto e, essas são questões que podem constituir um novo bloco de indagações a serem exploradas em um próximo trabalho.

Em todo o processo de investigação foi ficando muito claro a idéia de que o amor é essencial a nós, seres humanos. Diz Iván Izquierdo:

“Tiremos a inteligência de um ser humano e teremos um homem burro. Tiremos o amor e não teremos mais um ser humano, mas algo parecido com um réptil”.

**BH/UFC**

E, faço minha uma questão básica levantada por Izquierdo. Não valerá a pena, a partir do amor, repensar um pouco nossa sociedade?

## ANEXO 1

### ENQUETES

- VOCÊ ACREDITA NO AMOR?

- O QUE É O AMOR PARA VOCÊ?

1. Acredito. Amor é... segurança, é prazer, é a confiança recíproca. É, enfim, em poucas e rápidas palavras, o sentido de viver.

- Sexo masculino, 23 anos, solteiro, licenciado em Ciências Sociais, bacharelado no mesmo Curso, na UFC.

2. Acredito. Eu vejo o amor como uma coisa natural, está presente em todo sentimento, em todas as manifestações, se manifesta nas relações pessoais. Então, o amor para mim é tudo isso, em bases fundamentais, uma coisa simples e natural.

- Sexo masculino, 24 anos, solteiro, estudante de Ciências Sociais na UFC

3. Acredito. Mas, realmente... se pessoas que se amam mesmo, que acham, sentem alguma coisa uma pela outra, pode ser atração, pode ser qualquer outra

coisa mas, se tem uma coisa batendo ali, no fundo do coração, que isso, diz que sente alguma coisa pela outra, eu acho que isso é amor.

- Sexo masculino, 15 anos, solteiro, cursando a 1ª série do 2º grau.

4. Acredito. Amar é viver bem, feliz, suportar um ao outro, porque às vezes no relacionamento tem algum deslize, mas o amor desmancha aquele mau entendido, né?

- Sexo feminino, 58 anos, casada, dona de casa.

5. Acredito. O amor é uma coisa que faz parte da vida de todas as pessoas. Quem não tem amor, não tem vida. Toda pessoa tem amor, aquela pessoa que não tem amor, não tem vida, vive como um animal, um bicho qualquer, não tem a quem se apegar.

- Sexo masculino, 63 anos, casado com a entrevistada anterior, aposentado.

6. Acredito. Casei por amor e, sinto uma verdadeira compensação nisso. Amar é... dar, receber, é segurar as barras, saber que tem alguém que segura as suas. Para mim amor é isso aí, alguém estar sempre do meu lado me apoiando, me levantando, me pondo para cima. E eu exatamente, retribuindo. A gente já casou, está com um ano e meio e ainda namora, e eu acho que amor é isso aí.



- Sexo feminino, 23 anos, casado, cursa Direito na UNIFOR.

7. Acredito. Amor para mim é sentir atraída desde o primeiro momento que eu vi o meu namorado. Eu me senti trêmula, excitada, tímida, não sabia o que fazer, fiquei meio boba, sei lá. Depois vem aquele desejo louco, incontido quando a gente passa a viver no dia-a-dia com a pessoa que amamos, a gente passa a conhecer o próprio eu, aquele outro lado da gente. Passar o dia longe já é o suficiente para morrer de saudade. Ah! amor para mim é tudo isso, carinho confiança, sentir falta, você saber compreender, ser companheiro.

- Sexo feminino, 22 anos, solteira, estudante do 2º grau.

8. A primeira coisa que eu me perguntaria é o que é o amor né, porque eu acho que nós tivemos uma herança tão forte, ainda de todo aquele romantismo... daquele tipo de amor holindiano dos filmes, que fica muito difícil separar, né? O que é amor, o que é paixão, o que é aquela coisa física, de química de corpo. Eu acho que o sentimento de companheirismo, de amizade forte existe, acredito também que as formas mudaram. Mas, é como se... para mim a impressão que dá é que houve um desequilíbrio, é como se na hora que nós fomos perdendo as formas românticas de amor, todo aquele ritual de começo de século, nós ficamos sem parâmetro, como se nós precisássemos muito dos rituais e, hoje, não existe mais nenhum ritual. A impressão que se tem é que

acabou o amor. Mas, eu acho que acabou uma maneira de expressar, eu não acredito que o sentimento tenha acabado não. Agora, nem esse sentimento eu saberia definir, eu tenho muita dúvida do que é o amor, eu gostaria de acreditar que existe aquele amor dos filmes, aquela falta de ar constante, mas também possa ser que seja só paixão, não sei...(risos)...

- Sexo feminino, 33 anos, casada, médica e estudante de história, na UFC.

9. Acredito. Agora... Amor é bem difícil de definir, né? É... o que a gente sente mais do que racionalismo, porque se você for entrar numa <sup>de</sup> racionalizar, você não vai entender nunca, termina pirando e nunca ama. Então... amor para mim é muito arriscado, é risco né, você está sempre preparado para correr risco, você não escolhe a dedo a pessoa que você quer amar. Eu acredito que amor é muito de conhecimento de relacionamento, não acredito amor sem relacionamento, sem encontro, sem convivência.

- Sexo feminino, 21 anos, concubinação, estudante de psicologia, na UFC.

10. Acredito. É... falando na relação entre homem e mulher né, porque existe amor mais... transcendente. Eu acredito que o amor é..., tem algo de companheirismo, tem o tesão que você sente pela pessoa, o amor sexual e... de

repente você gosta de estar com aquela pessoa, é praticamente isso. Eu não acredito que o amor esteja acabando não, agora, as pessoas, podem ser que elas estejam com medo de dizer que amam, eu particularmente sou uma pessoa que não tenho medo de amar e amo intensamente, adoro, é isso...

- Sexo feminino, 22 anos, solteira, estudante de psicologia, na UFC.

11. Acredito. Bom, eu acho que o amor é a identificação dos dois, tanto na parte de atração de um pelo outro, quanto na própria perspectiva de vida. Tem vários tipos de amor né? Amor de mãe pelo filho, pai pelo filho, de filha pela mãe, mas, o amor do homem pela mulher é muito mais do que a identidade que a gente tem um pelo outro. Eu acho que o amor, ao contrário de algumas pessoas que dizem que o amor morreu, acho que o amor é fundamental na vida de cada um. Mesmo que você queira trabalhar, ter uma profissão, ser feliz profissionalmente, mas acho que você só consegue se realizar, quando você está amando. Acho que o amor é fundamental até na própria realização da gente tanto para o homem quanto para a mulher.

- Sexo feminino, 26 anos, solteira, estudante de Ciências Sociais, na UFC.

12. Sim. É... uma troca muito forte de emoções. E... que combina com o quê? Com o sentimento maior né, que é a paixão, da paixão pelo amor e tal. Acho

que é uma relação muito dialética mesmo, hoje você está bem, amanhã você está mal, depois você está melhor ainda, depois você piora e por aí vai.

- Sexo masculino, 25 anos, solteiro, cursa Ciências Sociais, na UFC.

13. Acredito. O amor... acho que é uma coisa que não se pode definir né, porque... sentimentos né. Agora, eu acho que ele... na situação, pelo menos o que a gente está vivendo no momento, fica difícil você ter espaço para poder exteriorizar todos esse tipo de sentimento. Acima de tudo é isso, uma coisa que eu acho que não tem explicação... Vale a pena você sentir, acho que alguém só consegue tentar explicar a partir do momento que sente, de uma forma ou de outra, ou de várias maneiras.

- Sexo masculino, 30 anos, casado, engenheiro e estudante de Ciências Sociais, na UFC.

14. Eu acho muito relativo. Porque eu penso assim: quando você está gostando de alguém e que você é correspondida, aí você passa a acreditar, entendeu? Mas, quando você tem alguma desilusão, aí amor para você não existe. Eu acho que o amor é uma coisa de momento. Nesse momento eu acredito.

- Sexo feminino, 21 anos, solteira, estudante de Ciências Sociais, na UFC.

15. Acredito. O amor é o primeiro passo para a felicidade entre um homem e uma mulher. Sem o amor não existe felicidade e o homem não complementarà a mulher e vice-versa.

- Sexo masculino, 24 anos, solteiro, eletricista.

16. Acredito. É uma união que há entre duas pessoas, que através de um bom conhecimento, de um relacionamento se torna uma vida feliz, cheia de paz e tranquilidade.

- Sexo masculino, 20 anos, solteiro, vendedor.

17. Sim. O amor é uma explosão de sentimentos positivos, fazendo com que se doem um ao outro, tornando-os capazes de aceitar até mesmo as imperfeições.

- Sexo feminino, 28 anos, casada, dona de casa.

18. Sim. O amor sobrepõe todas as barreiras de uma forma sempre positiva. Defino como aquilo que falta ou que sobra nas pessoas, aquilo que preenche ou as deixa vazias.

- Sexo masculino, 31 anos, casado, vendedor.

19. Acredito. O amor é aquele sentimento que invade todo o teu corpo, te deixando leve, de bem com o mundo, maravilhado até com as pequenas coisas que antes de você amar passavam despercebidos.

- Sexo feminino, 25 anos, solteira, professora primária.

20. Acredito. O amor é algo que identificamos de várias maneiras. Uma delas é a dedicação que colocamos no sexo oposto. Outra, é um sentimento de ternura constante, mas ao mesmo tempo não podemos dizer que é um sentimento perfeito. Por este sentimento fazemos tudo e às vezes ganhamos tudo. É um sentimento sem explicação definida. Assim, se formos escrever o que quer dizer o amor, teremos que reunir uma população infinita.

- Sexo feminino, 27 anos, professora primária.

## ANEXO 2

### ENTREVISTAS

15 ENTREVISTAS com pessoas de 23 a 32 anos, com exceção de um com 40

- **ENTREVISTA 1** - pessoa do sexo masculino, 27 anos, sexto semestre do Curso de Ciências Sociais da UFC.

1. Você acredita no amor?

- Acredito

2. Você já viveu um grande amor?

- Não, ainda não.

3. Quais os sintomas desse grande amor?

- Obs.: O entrevistado não respondeu a esta pergunta devido nunca ter amado, então não sabia definir os sintomas.

4. No mundo de hoje, você acha que ainda existe lugar para um grande amor?

- Acho que é difícil, porque levando em consideração que a gente vive num mundo super automático, super capitalizado é complicado você parar e tentar gostar de alguém. Acho muito complexo... pode até

acontecer, mas... eu acho que é muito mais difícil amar hoje do que ontem, né?

5. Na sua opinião, como é que as pessoas hoje pensam e vivem o amor?

- Eu acho que de uma certa forma o amor foi capitalizado. O amor, na contemporaneidade está muito ligado ao dinheiro, à estabilidade, à segurança. Credenciou-se o amor em tipos de nuances que antes não tinha, devido a crise, ele está muito ligado ao dinheiro.

6. Existe mudanças entre o amor hoje e o amor de tempos atrás?

- Sem a menor sombra de dúvidas, né? Porque, inclusive, as relações humanas elas... elas não param, elas são dinâmicas. Antes você tinha uma relação mais calma, mais tranqüila, as pessoas se olhavam nos olhos. Hoje, a coisa tá muito louca, é tudo muito agitado, fazem-se sexo sem culpa sem nem se gostarem direito, sei lá / (risos) mas, não é só com o sexo não, a vida é que está muito louca, muito complicada com todas essas crises, né?

7. Qual a relação entre amor e sexo?

- O amor é dividido em vários ângulos: existe o amor corpóreo, existe o amor platônico, etc. Eu acho que a relação de amor e sexo ela é muito forte. A meu ver, sexo tem muito amor, como amor também tem muito sexo. Não existe aquela coisa dualista, separatista. Quando eu faço sexo com alguém, eu também estou fazendo amor, não aquele amor que as pessoas



idealizam..., aquela cara metade..., aquele amor de viverem juntos e felizes para sempre, aquela estória toda, né... mas é um tipo de amor, de sentimento mais ou menos intenso, mas é um tipo de amor, portanto, eu não vejo essa definição separatista entre amor e sexo, não.

8. Qual a relação entre amor e paixão?

- Ah... Aí eu acho diferente. Paixão é uma coisa repentina, que se cai muito no ridículo, você perde o teu raciocínio, você fica um pouco fora de si... é uma coisa muito efêmera. Uma característica da paixão é que ela é uma coisa muito rápida né, repentina, você se aluga totalmente pra viver a vida da outra pessoa. Já o amor não, apesar de não ter vivenciado um grande amor, eu acho que o amor é uma coisa mais serena, mais calma, mais tranquila. É uma coisa que você lida muito mais com o cotidiano, passa a ter a realidade como um instrumento de crescimento... já a paixão não, paixão é devaneio, é uma coisa alucinante.

**BH/UFG**

9. Amor é sinônimo de fidelidade?

- Absolutamente, (risos)... Acho que não. Quando você realmente ama alguém, quando você tem suas necessidades preenchidas totalmente no campo sexual, sentimental, afetivo, eu acho que você não teria necessidade de buscar outras pessoas, a não ser que você seja um tarado. (risos)... E MESMO ASSIM NÃO É SINÔNIMO DE FIDELIDADE? Não, porque... você pode

sentir amor por alguém mas, você não deixa de ser um ser humano que sente tesão por outras pessoas, que se envolve. Você acaba se envolvendo, devido a determinadas circunstâncias, a determinado momento e você acaba traindo aquela pessoa e ficando com a outra por pura atração. Agora, é lógico se você gosta realmente, se você sente amor por alguém, você renuncia. Mas, não é o caso, as pessoas hoje, não estão renunciando nada, pelo contrário, tão mesmo é vivenciando tudo. Daí, eu não acho que amor seja sinônimo de fidelidade, não.

- **ENTREVISTA 2** - pessoa do sexo masculino, com 23 anos, do sétimo semestre do Curso de Ciências Sociais da UFC.

1. Você acredita no amor?

- Eu acredito no amor mas... no máximo que ele seja individualizante, que não seja possessivo. Acredito no amor mas, numa componente mais abstrata, não egoística, no sentido mais abstrato, geral. Eu acho que esse sim, tem mais possibilidades reais de acontecer.

2. Você já viveu um grande amor?

- Não. No sentido de viver esse grande amor, não. Eu já tive um grande amor. Platônico. Foi bastante forte, me imobilizou mas, foi platônico.

3. Quais os sintomas desse grande amor?

- Abobalhamento, ficar pensando todo tempo, ficar perseguindo assim discretamente, ficar pensando em telefonar todo tempo, é tentar participar o máximo do universo da outra, muitos sonhos, muita insônia (risos)... é uma mobilização geral, você não consegue escapar.

4. No mundo de hoje, você acha que ainda existe lugar para um grande amor?

- Não. Eu acho que de certa maneira em tempo nenhum. Pra esse grande amor dos romances, ou que a gente idealiza, que a gente de repente vai se completar numa outra pessoa, eu acho que isso é muito mais por uma carência nossa, por alguns vazios da nossa personalidade, do nosso caráter, é... a gente às vezes se projeta num grande amor. Como eu te disse, é por isso que eu acredito no amor, mas no sentido mais abstrato, mais social possível, né? É... menos possessivo possível.

5. Na sua opinião como é que as pessoas hoje, pensam e vivem o amor?

**CH/UFC**

- Eu acho que elas pensam exatamente nisso que eu estava tentando negar agora. Elas estão sempre a procura de uma metade perdida, querendo viver uma relação perfeita, querendo se completar inteiramente numa relação e, isso é alimentado pelas novelas, pela televisão, pela ideologia do amor que é construída hoje em dia, né? Tipo assim: você vai caçando o amor e de repente encontra, ou então

encontra por acaso... as pessoas têm uma visão muito idealizada e ilusória do amor. No fundo, eu acho que isso é uma fuga de si própria.

6. Existe mudanças entre o amor hoje e o amor de tempos atrás?

- Eu acho que sim. Mas, não é linear, porque, se de certa forma nós pensamos no amor de uma forma individualizada, de certa maneira, o amor está muito massificado, o amor está ficando muito mercantilizado e, antes, embora não tivesse essa mercantilização, mas também a componente individual era bastante fraca, você não tinha um domínio sobre os seus relacionamentos, porque a família, ela tinha uma presença muito forte no futuro dos adolescentes, né? Mas, o amor muda e acordo com cada época, ele é histórico e no futuro eu acredito que a forma mudará, pode ser que não seja essa forma individualizada que eu falei, pode voltar a ser coletivizada como nos tempos primitivos, sei lá...

7. Qual a relação entre amor e sexo?

- Sexo é uma coisa que deveria ser mais banal e não é. As pessoas têm um certo ritual em relação ao sexo, né, que tem que ser feito com a pessoa que você ama muito ou uma coisa assim. Eu já tenho uma idéia bem mais liberal do sexo, eu consigo conviver assim: sexo e amizade, sexo como uma extensão de carinho e não como uma coisa privada de um determinado estado da consciência, né? Então, não é preciso exatamente você estar apaixonado pra rolar o sexo, agora é certo

quando você está muito apaixonado, você pensa em sexo, sexo como complemento de um estado de espírito.

8. Qual a relação entre amor e paixão?

- Paixão é um... é um amor histérico (risos)... Eu acho que paixão é uma coisa meio doentia, está mais pra patologia do que pra uma coisa boa. A não ser que ela seja vivida intensamente a dois, aí fica sendo um delírio coletivo, então vale tudo.

9. Amor é sinônimo de fidelidade?

- Fidelidade é a instituição mais caquética que existe. Eu acho que, quem está num relacionamento a dois tem que ter confiança no outro. Agora, se há uma outra relação paralela, eu acho que ela vem do próprio ser das pessoas. VOCÊ ACHA QUE ESTÁ NO SER DE CADA PESSOA TRAIR, MESMO AMANDO? - Sim, mas não com essa palavra "TRAIR". Eu acho que está no ser das pessoas elas se relacionarem com todo mundo, porque elas recebem estímulos bastante forte. Elas são impulsionadas a relacionarem-se com outras pessoas. Eu acho que a partir do momento que a relação a dois se atravanca com determinados limites tipo: você não faz isso, eu não posso fazer isso, então isso é uma barreira pra que ele não seja vivido mais profundamente.

- **ENTREVISTA 3** - pessoa do sexo feminino, com 29 anos, oitavo semestre do Curso de Ciências Sociais da UFC.

1. Você acredita no amor?

- Eu acredito.

2. Você já viveu um grande amor?

- Já, algumas vezes (risos).

3. Quais os sintomas desse grande amor?

- Eu acho que é difícil generalizar esse tipo de coisa, tem muito a ver com o estilo de vida de cada pessoa, com a personalidade. Pra mim, por exemplo, é uma vontade de ficar junto o tempo inteiro, vontade de dividir tudo. Quando eu sinto que é difícil ficar separado, que é difícil manter até a minha individualidade, então eu já quero dividir tudo com aquela pessoa, já quero que ele divida tudo comigo é porque está posto já o amor. É preciso manter a individualidade, mas isso não é possível quando se está amando.

4. No mundo de hoje, você acha que ainda existe lugar para um grande amor?

- Eu acho. Eu acho que da forma como as coisas estão caminhando no mundo, a gente periga perder a aventura da gente na terra se a gente achar que não tem mais espaço pro grande amor. Obviamente que, a gente vai tendo leituras diferentes desse grande amor, a gente vai se

**BH/UFC**

adequando. Como eu disse, eu perco muito a minha individualidade quando eu tô amando e isso não é uma coisa que vem de uma determinação da outra pessoa, eu acho que tem a ver com a minha forma de me dar e, obviamente que com a transformação do mundo, com as situações que você vai sendo obrigada a ver, você termina r edimensionando isso, né? Quer dizer, as coisas vão se transformando, você não vai podendo de alguma forma se entregar como você se entregava, vivenciar o amor como você vivenciava. Eu não acho que essas coisas signifiquem um fim, eu acho que as coisas são sempre muito diferentes. Eu acho que é um equívoco a gente achar que porque antigamente nossos pais se casavam de uma forma, o que acontece hoje não é mais o ideal. O ideal é o que a gente pode fazer em cada momento e, isso tem a ver com a questão do mundo como um todo, com a questão econômica, cultural, com esse desenvolvimento do mundo.

Pra mim não dá pra pensar no homem, no ser humano, sem essa possibilidade do amor. Eu acho um grande equívoco as pessoas dizerem que hoje em dia não se amam mais, os casamentos não são mais casamentos, não se faz mais casamentos como antigamente, eu acho isso uma bobagem. Eu acho que as formas mudam, mudam a linguagem, muda a leitura das coisas.

5. Na sua opinião como é que as pessoas hoje pensam e vivem o amor?

- Eu acho que as pessoas por mais que neguem, no fundo elas correm muito atrás disso. Cada uma arranja uma forma de fazer isso. E o grande barato da “modernidade” é que as pessoas se permitem e dizem assim: não, eu quero viver um grande amor mas, não necessariamente entrar numa igreja, casar e viver na mesma casa; as pessoas vivem em casa separada, se permitem, sabe... cada um viver sua vida mesmo que isso defina uma distância física e nem por isso deixam de viver o amor. Então, acho que no fundo todo mundo corre atrás disso de alguma forma.

6. Existe mudanças entre o amor hoje e o amor de tempos atrás?

**UA/UFC**

- Existe essa perspectiva de mudança, existe a possibilidade de se fazer diferente. Você pode pensar diferentes sem cair numa marginalidade, sem cair no ridículo, né? Por exemplo: teve uma época que as pessoas tinham de dizer que eram virgem mesmo que não fossem, porque se não elas seriam marginalizadas e teve outra época logo depois, que elas tinham que dizer que não eram virgem porque se não elas eram marginalizadas também. E acho que o grande barato hoje é que você pode dizer que é ou dizer que não é, e isso não passar mais por uma coisa tão dramática.

7. Qual a relação entre amor e sexo?



- Pra mim, essa é uma questão particular, muito específica para cada pessoa. Pra mim, sexo tem a ver não necessariamente com amor mas, ele tem que vir carregado de uma carga afetiva muito grande. Essa é uma coisa que eu acho que está um pouco na cabeça das mulheres de uma maneira em geral. Porque foi colocado culturalmente... e tem gente que acha até que tem explicações orgânicas, fisiológicas mas eu não tenho explicação formada sobre isso, não. Eu acho só que, pra mim, tem que ter uma carga afetiva muito grande, eu não consigo pensar sexo como uma coisa desvinculada de afeto. E a coisa mais legal, como eu te falei antes, é que isso não tem que passar mais por uma regra; eu acho que tem pessoas hoje que se permitem ter sexo como fonte de prazer físico, de relaxamento e que isso também é uma forma saudável. Agora, pra mim, ele tá muito ligado a afeto.

8. Qual a relação entre amor e paixão?

- A paixão se caracteriza mais pela intensidade; essa intensidade, ela às vezes se dá de uma forma até bastante longa. Por exemplo: ...Eu já fui casada duas vezes e os meus dois casamentos, eu sinto que eu entrei e saí deles extremamente apaixonada. Os meus casamentos em momento algum caíram no tédio, nas misérias do cotidiano, então era uma relação muito forte nesse sentido, sempre em todos dois e, quando eu me separei essa coisa se mantinha é... aquela coisa, a gente se separava

mas sem ter esfriado, a gente se separava talvez até por uma percepção de que ia acontecer isso, então, sempre foi uma separação muito traumática também nesse sentido, quer dizer, você querer muito, você ainda querer estar junto e você se separar. Então, paixão e amor é isso. Esse amor que continua, que se mantém por muito tempo, ele, na verdade, é muito amizade, é muito companheirismo, então engloba essa palavra amor, porque ela pega isso tudo e isso continua mais que a paixão. Agora, se dentro da paixão você encontra esse companheirismo, essa amizade, essa cumplicidade, essa paixão pode existir por 20 anos, ela vai mudar de nome, talvez. ✨

#### 9. Amor é sinônimo de fidelidade?

- Eu acho que é. Agora, fidelidade não como contraponto da traição física, sexual, carnal. Eu acho que a coisa da fidelidade no sentido da verdade mesmo, da ausência da mentira dentro do sentimento, né? Não quer dizer com isso que eu particularmente não me preocupe, não sinta ciúme e não tenha insegurança com relação a infidelidade física, carnal, mas eu acho que é um equívoco. Eu sinto como eu acho que quase todo mundo sente, mas eu acho que é um equívoco. Eu gostaria muito de conseguir vivenciar melhor isso, porque na verdade é um equívoco, porque a gente tem que estar preocupado com a traição, a gente tem que estar preocupado na vontade que as pessoas tem de continuarem

juntos, de estarem falando a verdade um com o outro e não tá precisando de subterfúgios pra encontrar prazer aqui ou ali. Então, pra mim é sinônimo de fidelidade nesse sentido, você poder dizer as coisas, até dizer que as coisas aconteceram e se poder conversar sobre isso.

- **ENTREVISTA 4** - pessoa do sexo feminino, com 23 anos, oitavo semestre do Curso de Ciências Sociais da UFC.

1. Você acredita no amor?

- Acredito.

2. Você já viveu um grande amor?

- Estou vivendo.

3. Quais os sintomas desse amor?

- Pensar excessivamente na pessoa, me senti bem ao lado dele, senti a falta dele, e o bom disso é quando a gente sente com reciprocidade.

4. No mundo de hoje, você acha que ainda existe lugar para um grande amor?

- Existe, apesar de toda essa onda das pessoas falarem do amor livre, da pessoa curtir com um e com outro, eu acho que existe lugar para um grande amor e muitas são as pessoas que estão vivendo um grande amor

e precisam viver esse amor; e essa busca de querer viver um grande amor começou agora, a partir desse problema da AIDS, né? As pessoas não querem mais ficar com um e com outro, não; elas estão querendo mesmo é ficar juntas e, daí dessa convivência vai surgindo o amor.

5. Na sua opinião, como é que as pessoas hoje pensam e vivem o amor?

- Eu acho que todos pensam no grande amor, mas um amor fiel, né? Em busca da fidelidade, da amizade.

6. Existe mudanças entre o amor hoje e o amor de tempos atrás?

- Não, eu acho que o amor é o mesmo em qualquer época.

7. Qual a relação entre amor e sexo?

- O sexo é um complemento do amor. Você só consegue ter prazer total na cama, se entregar sem nenhum pudor, quando você ama.

8. Qual a relação entre amor e paixão?

- O amor sobrevive a muitas coisas e a paixão não; ela é tipo uma explosão, ela acontece na vida da gente e passa, e o amor fica.

9. Amor é sinônimo de fidelidade?

- É, pra mim é. Eu amo o meu namorado, mas eu digo pra ele: se você me trair eu te deixo; mas no fundo, no fundo...(risos), eu perdôo.

- **ENTREVISTA 5** - pessoa do sexo feminino, com 25 anos, sexto semestre do Curso de Ciências Sociais.

1. Você acredita no amor?

- Eu tento acreditar. Eu acho que o amor está passando por uma crise, na medida que a gente tá passando por uma crise geral, uma crise, principalmente econômica, e uma crise moral muito grande. Então, eu acho que está havendo um dilaceramento do sentido real do amor, mas eu tento acreditar que existe esse amor. Mas ele passa a ser uma coisa muito rápida, muito mutável. As pessoas, elas têm menos comprometimento com a outra pessoa.

2. Você já viveu um grande amor?

- Já.

3. Quais os sintomas desse grande amor?

- O grande sintoma do amor que eu vivi foi o sintoma de união e companheirismo, de intimidade fantástica. Pra mim, o amor é assim... Você ter aquela perda da noção do seu próprio eu, porque você fica tão interligado, tão íntima com aquela pessoa, que você conhece a essência do teu eu, mas, as atitudes, elas ficam tão entrelaçadas que, ao mesmo tempo que a pessoa reage de uma forma a determinadas situações, você acaba tendo uma semelhança com ela tão grande que você acaba

**BH/UFG**

perguntando assim: pô, será que essa reação é só minha, é só dele ou é a reação do nosso eu, do nosso eu diferencial, porque aí eu encontrei o meu eu, o eu dele, e o nosso eu, o nós, que era uma outra entidade. E nesse grande amor, eu sentia uma necessidade muito forte de estar junto; era como se fosse uma necessidade de alimento.

4. No mundo de hoje, você acha que ainda existe lugar para um grande amor?

- Existe. Mas, como eu te falei no começo, o que está havendo é uma falta de comprometimento. As pessoas estão levando o amor... elas já não fazem muita diferença entre amor e paixão; então elas se ligam, se unem numa rapidez, numa velocidade muito grande e acaba sendo relações rápidas, muito dinâmicas, que não aprofundam. Eu acho que as pessoas, elas têm medo de se doar e, ao mesmo tempo, elas têm, na verdade, mais necessidade, mas eu não sei se essa necessidade causa o próprio medo de se doar mais e de se deixar invadir. Por isso que naquele meu amor tinha tanta intimidade, porque eram duas pessoas que não tinham esse medo aparente de se doar. Então, a gente se entregou totalmente ao amor e isso é o que empata o amor hoje, essa falta de hoje doar-se.

5. Na sua opinião, como é que as pessoas hoje pensam e vivem o amor?

7. Qual a relação? - Eu acho que elas vivem e pensam esse amor de uma forma secundária e de uma forma prática. ENTÃO, VOCÊ ACHA QUE NÃO É

ESSENCIAL? - Não. Na verdade, não é que não seja essencial, mas é que tem questões primeiras, urgentes; até a própria situação econômica demonstra isso, entendeu? Às vezes a pessoa é capaz de se limitar no amor, não evoluir no amor por causa de certas situações econômicas, renegar esse amor devido a isso. Agora, não acredito também que seja todo mundo não; eu acredito que existe pessoas que são muito mais práticas, que têm uma visão mais prática do mundo.

6. Existe mudanças entre o amor hoje e o amor de tempos atrás?

- Existe. Existe mudanças claras, não no amor em si, mas, nas relações que legitimam o amor. Eu acho que, apesar do momento estar prejudicando essa relação mais interiorizante do amor, ao mesmo tempo ele está contribuindo, porque você não tem mais necessidade de estar presa a ninguém, nem pela moral católica, nem por uma ética, nem por nada. Você pode amar e desamar quantas vezes você quiser, que você tá bem situado dentro da sociedade. E antes, havia um limite bem posto pela sociedade mas, ao mesmo tempo, esse limite falseava essa relação, porque às vezes nem mesmo amando as pessoas permaneciam juntas e hoje não, hoje as pessoas, elas têm liberdade de escolher o amor da próxima relação.

7. Qual a relação entre amor e sexo?

- A relação sexo e amor está muito confundida. Às vezes a pessoa tem uma boa relação sexual e acha que é amor; e, às vezes tem uma relação sentimental e porque não tem uma relação sexual plena, ela acaba achando que aquilo não é amor. Não sei, está muito confuso; as pessoas começam e o sexo entra em jogo e não há um aprofundamento da relação e o sexo acaba sendo o ponto central da relação. Agora, quando há uma complementaridade é fundamental amor e sexo.

8. Qual a relação entre amor e paixão?

- Parece ser bem diferente, né? Mas eu acho que nenhum grande amor sobrevive sem o sentimento do apaixonado. A paixão, pra mim, é sempre o início, aquela explosão, aquele lance da descoberta, mas se você não viver um amor apaixonadamente, mesmo quando ele se aprofunda e vira amor e, se você deixara a paixão por aquele amor de lado, ele acaba se tornando uma coisa meio monótona pelo cotidiano, né? E o que eu me lembro desse meu grande amor é que foi um grande amor e uma grande paixão concomitantemente, ao mesmo tempo que a gente se amava, a gente era extremamente apaixonado, então, era uma coisa dinâmica que todo dia tinha uma novidade, tinha uma coisa nova.

9. Amor é sinônimo de fidelidade?

3. Q... - Não. Pra maioria das pessoas, não. Pra mim, é. É sinônimo total, apesar de eu até me confrontar com isso e achar que eu nem tô sendo



muito moderna em acreditar na fidelidade que é uma coisa que está tão fora de moda, mas, eu sou extremamente fiel e acredito que só a fidelidade pode trazer uma construção sólida do amor, pode basear o amor num alicerce sólido. Eu acho que a infidelidade no fundo não é essas traições banais, isso é infidelidade também, agora, por exemplo: eu tenho um grande amor, e eu tô viajando e acontecer alguma coisa, pode acontecer, mas jamais seria uma coisa que significasse nada, porque a partir do momento que significasse, a minha relação não seria tão forte.

- **ENTREVISTA 6** - pessoa do sexo masculino, com 40 anos, oitavo semestre do Curso de Ciências Sociais da UFC.

1. Você acredita no amor?

- Acredito. Agora, o amor por mais firme que sejam as influências, a sociedade, o meio em que se vive pode interferir a ponto de desestruturar esse amor.

2. Você já viveu um grande amor?

- Já, mas pouco tempo.

3. Quais os sintomas desse grande amor?

- Pensar excessivamente, até a ponto de influenciar nas disciplinas que eu fazia. Às vezes, eu estava planejando estudar e as idéias fugiam devido eu ficar pensando na pessoa. Era uma coisa muito forte.

4. No mundo de hoje, você acha que ainda existe lugar para um grande amor?

- Existe, claro que existe. Agora, à medida que o tempo vai passando as pessoas vão aprimorando, aperfeiçoando, cultivando, mudando esse amor.

5. Na sua opinião, como é que as pessoas hoje pensam e vivem esse amor?

- Ainda existem pessoas que se amam mesmo, sem interesses, sem complicações, pessoas que realmente acreditam no amor, que acham o amor algo essencial na vida.

6. Existe mudanças entre o amor hoje e o amor de tempos atrás?

- Existe, hoje as pessoas colocam o interesse à frente do sentimento, mas ainda existe o amor verdadeiro, sem interesse; agora é difícil encontrar, né?

7. Qual a relação entre amor e sexo?

- Acho uma relação muito forte. O sexo está vinculado ao amor, é algo que complementa, faz parte do ser humano; eu acho que é necessário.

8. Qual a relação entre amor e paixão?

- Às vezes eu tenho dificuldades de distinguir amor e paixão. Eu acho que a paixão está vinculada mais a interesses pessoais, físicos, entre os

dois sexos. Ela não vê o outro lado, o lado humano, o respeito; a paixão está muito na questão dos olhares, da presença física; não vê com muita força os outros fatores essenciais pra que o relacinamento seja completo, tenha sentido... É como se ele estivesse com os olhos vendados.

9. Amor é sinônimo de fidelidade?

- Isso é muito relativo, é meio complicado. O que a sociedade passa tem muito isso; quem sabe até a questão do poder, alguém dominar alguém, não sei, é muito complicada essa questão.

- **ENTREVISTA 7** - pessoa do sexo masculino, com 26 anos, oitavo semestre do Curso de Ciências Sociais da UFC.

1. Você acredita no amor?

- Acredito.

2. Você já viveu um grande amor?

- Já.

3. Quais os sintomas desse grande amor?

- No começo a gente sentia que o sentimento estava tomando conta, entrando forte na gente. Então a gente se sente sem organização, perturbado com aquele sentimento; a gente quer se dar todo. Em

determinado momento havia uma necessidade de não ficar distante, havia uma busca incessante, própria do meu eu, de querer ficar perto, não querer se distanciar muito da pessoa.

4. No mundo de hoje, você acha que ainda existe lugar para um grande amor?

- Existe, não tenha dúvida. Há um momento em que as pessoas se encontram e vivem ainda um grande sentimento e conseguem levar adiante, mesmo nesse mundo tumultuado que a gente está vivendo. Eu acho que há um momento que a gente encontra alguém, você enxerga alguém, vê uma luz.

5. Na sua opinião, como é que as pessoas hoje pensam e vivem o amor?

- Eu acho que todo mundo tem esse lado do amor, né? O lado que a vida nos deu, esse lado belo, poético. A gente quer expressar esse sentimento e só podemos expressá-lo se vivermos esse amor, né? Então, é possível e preciso viver o amor.

6. Existe mudanças entre o amor hoje e o amor de tempos atrás?

- De certa forma não é uma mudança que divide o amor de hoje e de tempos atrás. Esse sentimento que a gente vive hoje, ele não está desvinculado do sentimento de antes, por exemplo: a minha relação hoje com uma garota, não está muito desligada da relação que meus pais tiveram algum tempo atrás, não, no sentido de que hoje nós temos

formas de expressar o amor diferente, né? Dentro de um novo modelo. O amor tem sua própria áurea, sua própria essência, em todo tempo.

7. Qual a relação entre amor e sexo?

- Um está relacionado com o outro, está ligado ao outro. O sexo não pode existir sem uma afetividade, ele é todo um processo de uma relação afetiva, carinhosa, de retribuições, você dá e recebe.

**CH/UFC**

8. Qual a relação entre amor e paixão?

- O amor é um sentimento muito forte. A paixão também, só que a paixão é como uma tempestade, ela vem arrastando tudo e depois passa. A paixão deixa a gente meio ridículo; você faz coisas que você achava nunca iria fazer; você fica meio bobo também.

9. Amor é sinônimo de fidelidade?

- É e não é. Isso é relativo. Você pode amar alguém e, de repente aparecer uma pessoa interessante e pintar alguma coisa. Você não vai deixar de amar a outra, né? A amada, só porque ficou com essa pessoa. Pode acontecer também de você estar amando alguém e durante todo esse amor não aparecer ninguém que te interesse, que te balance.

6. Existe mudança de

- **ENTREVISTA 8** - pessoa do sexo feminino, com 31 anos, Licenciada em Ciências Sociais e fazendo Bacharelado no mesmo curso.

1. Você acredita no amor?

- Acredito.

2. Você já viveu um grande amor?

- Vários.

3. Quais os sintomas desse grande amor?

- Me entrego de cabeça, não penso mais em nada; penso vinte e quatro horas na pessoa. Minhas paixões sempre foram grandes paixões e loucas, devastadoras.

4. No mundo de hoje, você acha que ainda existe lugar para um grande amor?

- Acho. Eu sinto esse grande amor. Agora, falando no geral, eu não sei se existe lugar pra esse grande amor, mas pra mim, no meu mundo, existe.

5. Na sua opinião, como é que as pessoas hoje pensam e vivem o amor?

- Se a gente falar pensando nos jovens, nos adolescentes, eu acho que vai mais pelo lado da brincadeira, da curtição. No meu modo de pensar, ainda existe o grande amor.

6. Existe mudanças entre o amor hoje e o amor de tempos atrás?

- De certa forma, sim. Porque antigamente, eu acho que o amor era tipo Romeu e Julieta. Na minha cabeça o amor ainda está meio ultrapassado, está ligado ao antigo. Agora, as pessoas, as que já passaram da adolescência, elas procuram alguma coisa que seja fixa, um apoio, um companheiro pra dividir, uma cumplicidade.

7. Qual a relação entre amor e sexo?

- Na minha cabeça eu não divido. Pra mim o sexo faz parte do amor e o amor faz parte do sexo. Já pensou você tá amando uma pessoa e não poder fazer sexo com ela. Eu não ia pra cama com alguém se eu não gostasse dele, só pra fazer sexo.

8. Qual a relação entre amor e paixão?

- O amor é aquela coisa mais segura, mais forte. A paixão, ela passa, de repente ela se acaba. Se bem que a gente pode viver uma paixão por muito tempo, mas ela passa, se acaba.

9. Amor é sinônimo de fidelidade?

- Eu gostaria que fosse (risos), na Helena de hoje, o amor é sinônimo de fidelidade. Em outras épocas da minha vida não foi. E POR QUE HOJE É? - Porque eu já brinquei muito, já curti muito e, com o amadurecimento, a gente quer uma coisa mais séria. Hoje eu tô atrás de alguém que divida uma coisa séria comigo.

- **ENTREVISTA 9** - pessoa do sexo feminino, com 32 anos, Licenciada em Ciências Sociais pela UFC e fazendo Bacharelado no mesmo curso.

1. Você acredita no amor?

- Claro que eu acredito. Quem diz que não acredita tá, de alguma forma, tentando esconder, escamotear algum problema.

2. Você já viveu um grande amor?

- Eu acho que já.

3. Quais os sintomas desse grande amor?

- Você não quer dar espaço nem pra um nem pra outro. Quer ficar vinte e quatro horas do dia ligada na pessoa, de domingo a domingo. Você quer ficar junto; não existe mais nem amigos. Foi uma coisa assim, bem egoísta mesmo; eu e você, você e eu, e depois vem o resto.

4. No mundo de hoje você acha que ainda existe espaço para um grande amor?

- Existe, claro que existe. Se não existisse esse espaço, não existiria vida de jeito nenhum.

5. Na sua opinião, como é que as pessoas hoje pensam e vivem o amor?

- Eu acho que da mesma forma que eu vivi. Sem querer dar espaço pra mais nada e pra ninguém, de uma forma bem egoísta mesmo. Agora, isso tudo depende muito, eu acho que eu vivi o amor dessa forma egoísta porque foi o meu primeiro amor. Depois passa essa fase, você



amadurece mais e, mesmo amando você começa a dar mais espaço pra outras coisas, construir outras coisas. A gente não pode viver só em função do amor, tem que viver também em função de outras coisas.

6. Existe mudanças entre o amor hoje e o amor de tempos atrás?

- Existe. Até porque as coisas não são mais tão escondidas, tão **CH/UFU** proibidas, você procura viver as coisas mais intensamente, né? Apesar de ainda ser proibida muita coisa, por exemplo. o sexo, né? As primeiras descobertas, mas hoje você tem mais liberdade pra isso e, também você tem mais possibilidade de mudar, mais facilidade de sair de um grande amor e procurar viver um outro. Antigamente, você não tinha tanto espaço assim. Você tinha de morrer com aquele amor e, às vezes nem um grande amor era, você tinha de casar, ter suas primeiras experiências, se frustrar com sua primeira relação sexual no casamento e ficar por isso mesmo; e aí você tinha que procurar formar uma família e morrer com ela, embora o outro lado, o marido, se satisfizesse de outra forma, com outras mulheres, com os amigos. E a mulher não, ela tinha de se conformar com o que tinha em casa, se conformar com o marido que tinha conseguido, pois a sociedade taxava de solteirona, aquela que não conseguia marido, e isso pesava muito, antigamente. E hoje, a coisa tá muito relativa, a sociedade não exige mais que a mulher tem que casar. Cada um opta por aquilo que achar melhor.

### 7. Qual a relação entre amor e sexo?

- Amor e sexo são duas coisas super diferentes. Você ir pra cama com um homem que você ama é muito diferente do que ir pra cama com um que você não ama. Você só vê sexo nele. Então, o cara que você só vê sexo, mais dias menos dias a relação acaba. Agora, se o cara for interessante, sem ser só na cama, se ele tiver alguma coisa interessante pra te dar, não só em termos materiais mas em termos cultural, espiritual também, aí, isso aí pode ser que venha surgir um amor, um grande amor, alguma coisa assim. Agora, se você tem uma relação sentimental e tem o sexo como complemento da coisa é bem diferente, você se sente mais completa. Amor e sexo são coisas complementares: se você tem só uma coisa na relação, você termina procurando a outra coisa que te falta, ou o sexo ou o amor.

### 8. Qual a relação entre amor e paixão?

- Eu acho que tem muito a ver o amor e a paixão. A paixão é um passo bem mais próximo para o amor; é uma ponte bem mais estreita pra sair da paixão para o amor. Pode ser que muitas vezes isso não aconteça, porque, às vezes você se empolga muito com um lado, vamos dizer, o lado sexual, ou o lado físico da pessoa; ele é bonito, te dá tesão, essa coisa, e acaba a relação não virando amor, porque você só vê um lado.

9. Amor é sinônimo de fidelidade?

- De jeito nenhum. Antigamente, eu achava que era. E isso, eu acho que foi a minha grande experiência e minha grande frustração no meu primeiro grande amor. Ele dizia o seguinte: você pode amar uma pessoa e sentir tesão por outra, ser seduzido por outra e transar com ela e pronto, depois lacva, tá normal. E eu não conseguia entender isso e não aceitava de jeito nenhum. Não era nem uma questão de ciúme não, eu simplesmente não aceitava. Quando você acha que tá namorando e ainda não teve relação sexual, você pode até admitir que ele tenha relação com outra, mas quando você passa a transar com ele, aí você acha que tá suprimindo tudo, que ele não precisa de outras, pois afinal de contas, ele tá namorando com a pessoa que ele ama, tá transando, e não é só isso, isso não o satisfaz. E hoje, eu também penso assim. Eu posso tá com alguém, gostar muito e, de repente aparecer uma pessoa interessante, uma cabeça ótima e a gente ir pra cama. E isso eu não acho que seja traição, isso depende muito da cabeça de cada um, do relacionamento dos dois.

- ENTREVISTA 10 - pessoa do sexo feminino, FAZENDO LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS. 25 ANOS.

I. Você acredita no amor?

- Acredito.

2. Você já viveu um grande amor?

- Não um grande, mas um médio eu posso dizer que sim. Porque um grande para mim seria assim... algo total, né? Corpo, alma e espírito, e isso daí eu ainda não cheguei a viver.

3. Quais os sintomas desse médio amor?

**CH/UFG**

- A princípio, eu, da minha parte, gostaria de estar sempre perto dele e certamente ele perto de mim. Mas acontece que, nesse corre-corre de universidade não foi possível. Ele, com o trabalho e o estudo, e eu com a universidade e dois ou três cursos. Agora, a vontade de ficar junto existe, não resta a menor dúvida, mas havia um controle fora do comum, pelas próprias circunstâncias. Daí, a gente se encontrava só nos finais de semana, e olhe lá.

4. No mundo de hoje, você acha que ainda existe lugar para o grande amor?

- Existe. Apesar da fome, da miséria, existe. Porque é nato da pessoa, ele tá inerente. É preciso haver amor dentro das pessoas. Não é a toa que o pobre do camponês, apesar da fome, da miséria, ele chega a ter até quatorze filhos, substituindo até a fome, a barriga seca, pelo prazer em cima da cama.

5. Na sua opinião, como é que as pessoas hoje pensam e vivem o amor?

- Elas vivem o amor de uma forma natural, né? Até natural demais pra minha forma de pensar. Elas vivem muito o interesse. O interesse de sair da casa dos pais ou o interesse de sentir prazer, o prazer corporal mesmo, físico único e exclusivamente, é com interesse de aumentar os padrões, os status, tá entendendo? Isso daí é inegável, existe muito. Agora, viver, se casar com um amor legítimo, hoje em dia eu vejo pouco isso acontecendo. Eu sinto que as pessoas se casam mais na base do interesse. Interesse que lhe faltou na sua vida pessoal.

6. Existe mudanças entre o amor hoje e o amor de tempos atrás?

- Não. Pode existir mudanças de forma de relacionamento, isso existe. Agora, na síntese, no conteúdo, esses interesses que eu falei na pergunta anterior, eles permanecem e são formas antigas que já existiam. Tanto que, na época do Brasil Colônia, por exemplo, se casavam à base de interesse mesmo, e hoje em dia não mudou não, continua da mesma forma, só que em tonalidades diferentes.

7. Qual a relação entre amor e sexo?

- Na prática amor e sexo se relacionam e muito, porque sem o amor, o sexo se torna mecânico e frustrante.

8. Qual a relação entre amor e paixão?

- O amor é um sentimento bem mais superior ao sentimento da paixão. O amor se relaciona ao doar-se a si mesmo, e para isso chega ser até

eterno; enquanto que a paixão, por mais intensa que possa ser, é ainda efêmera, passageira.

9. Amor é sinônimo de fidelidade?

- Ao meu ver, quem ama de verdade não comete traição, porque não há necessidade de ser infiel.

**BA/UFC**

- **ENTREVISTA 11** - pessoa do sexo feminino, com 26 anos, Licenciada em Ciências Sociais da UFC e fazendo Bacharelado no mesmo curso.

1. Você acredita no amor?

- Não. Acredito na paixão, em um sentimento muito forte, arrebatador, mas que eu não considero amor. Não o amor que é cantado pelos poetas. Acredito numa paixão que possa perdurar por anos e anos, mas que não é amor.

2. Você já viveu um grande amor?

- Não. Já fui perdidamente apaixonada por alguém, durante muito tempo, mas não considero que tenha sido amor. As pessoas dizem que

acreditam no amor, que ele existe, etc., mas não é verdade, porque se ele existisse, realmente ele não acabaria.

3. Quais os sintomas de um grande amor?

- Não o vivi, mas posso te dizer os sintomas do sentimento forte que eu senti: uma imensa vontade de ficar sempre perto, de se desvelar pela pessoa por quem se está apaixonada, de ser possessiva, ciumenta (coisas que dizem, pois quem ama não sente esses sentimentos ruins), de querer a pessoa só para si e de existir só para ela.

4. No mundo de hoje, você acha que ainda existe lugar para o grande amor?

- Não! As pessoas estão cada vez mais insensíveis e egoístas, e só têm condições de gostar de si mesmas.

5. Na sua opinião, como é que as pessoas hoje pensam e vivem o amor?

- Elas vivem uma intensa paixão e, às vezes, acham que estão sentindo um grande amor.

6. Existe mudanças entre o amor hoje e o amor de tempos atrás?

-Existem mudanças entre os sentimentos de hoje e os de tempos atrás. Outrora, os sentimentos eram mais carregados de reservas, existia muito pudor de se demonstrar os sentimentos. Hoje se vive mais o que se sente, e sem medo.

7. Qual a relação entre amor e sexo?

- Sentimento forte e sexo caminham juntos, se entrelaçam, são partes complementares numa relação. Se eu gosto do outro e o quero, eu o quero todo, quero seu corpo e seus sentimentos.

8. Qual a relação entre amor e paixão?

- É o que eu respondi lá na frente, né? Paixão é um sentimento forte, arrebatador, que pode ser confundido com o amor, e que um dia acaba, assim também como o amor, um dia acaba.

9. Amor é sinônimo de fidelidade?

**BH/UFG**

- Sim. A paixão que pode ser amor para alguns, pode ser sinônimo de fidelidade, sim. Se estou apaixonada, só vejo o ser a quem é dirigido esse sentimento. Uma vez infiel, é porque já não estou apaixonada.

- **ENTREVISTA 12** - pessoa do sexo feminino, com 25 anos, Licenciada em Ciências Sociais da UFC e Bacharel no mesmo curso.

1. Você acredita no amor?

- Acredito.

2. Você já viveu um grande amor?

5. Na sim - Eu vivo um grande amor.

3. Quais os sintomas desse grande amor?



- O primeiro sintoma do amor que eu sinto é o sentimento de liberdade, sabe? Porque eu acho que o amor, ele não prende, pelo contrário, de liberta você. E esse grande amor que eu sinto, traz essa liberdade. Não essa liberdade de você ficar longe da pessoa, você não ligar pra pessoa, mas no sentido de você assumir a si mesmo e assumir a pessoa, entendeu? Porque eu acho que o amor, ele... ele não fica essa coisa dependente de você chegar ao ponto de não questionar a pessoa, de não questionar a si mesmo, de não conviver com outras pessoas. Eu acho que o amor não é essa coisa dependente, mas, algo liberto. Eu quero sempre estar perto dele, ao lado dele, mas quando não dá, por exemplo, quando algum viaja, a gente sente muita falta um do outro, mas ao mesmo tempo a saudade é compensada, porque a gente também precisa de outras coisas pra crescer independentemente da pessoa amada.

4. No mundo de hoje, você acha que ainda existe lugar para o grande amor?

- Existe. Apesar de toda essa realidade social determinada, a questão da violência, da miséria, as pessoas vão ficando praticamente loucas nesse mundo, existe lugar para o amor. Eu vivo um grande amor, né? E conheço pessoas que vivem. Eu acho que as pessoas devem lutar por um amor, porque tem gente que ama e não luta por isso.

5. Na sua opinião, como é que as pessoas hoje pensam e vivem esse amor?

- Muitas vezes as pessoas desvinculam o pensamento da prática. Às vezes elas imaginam, sonham, têm um imaginário do amor e ao mesmo tempo a prática da vida conduz a pessoa a outra experiência; querer vencer na vida, por exemplo, e esquecem o imaginário, não leva a sério, desvincula o pensamento da prática, e não deve ser assim. Às vezes, a pessoa não encontra o grande amor por essas questões todas da sociedade e, às vezes também, porque não há essa luta, essa busca de conquistar um grande amor.

6. Existe mudanças entre o amor hoje e o amor de tempos atrás?

- Existe, é inegável, né? Antigamente, eu acho que existia, em relação especialmente à mulher, uma dependência maior. Eu acredito que sempre existiu o amor e sempre existirá: o amor carnal, o amor entre um homem e uma mulher e o amor de uma forma geral. Mas, antigamente, a mulher ficava muito dependente do homem, e o homem podia sair por aí, né? E pela cultura mesmo, o homem era mais liberto e a mulher mais dependente.

7. Qual a relação entre amor e sexo?

- É uma relação muito íntima, né? Porque quando a gente ama, a gente quer se relacionar intimamente com aquela pessoa. Então, o sexo tem uma porcentagem muito grande no relacionamento, mas não é tudo.

Agora, ele tem que ser respeitado e, pra mim, o amor está acima do sexo.

8. Qual a relação entre amor e paixão?

- A gente distancia muito, né? Amor e paixão. Mas eles têm uma relação, têm as diferenças e suas aproximações. Eu me sinto muito apaixonada pelo meu marido. Agora, existe pessoas que sentem aquela paixão desvinculada, aquela coisa cega que você não vê o futuro, e o amor você já vê o futuro; é uma relação mais sólida. A paixão deixa a pessoa muito dependente da outra.

9. Amor é sinônimo de fidelidade?

**BH/UFG**

- Pode ser e pode não ser (risos). Mas eu sou do tipo moda antiga. Eu acho que quando a gente ama, a gente é fiel. Mas a vida é tão assim... pode acontecer um deslize e depois o casal se acerta. O homem pode deslizar e continuar sendo fiel; ele pode se arrepender, ter uma conversa aberta e se acertarem. É melhor que não aconteça, né? Mas, às vezes esses deslizes não significam infidelidade; pode ter acontecido vários fatores que o levaram a fazer aquilo (tanto o homem quanto a mulher). Agora, se existir amor, há compreensão e, uma conversa franca é fundamental pra esclarecer o porquê do deslize, e daí saber se vale a pena continuar ou não.

- **ENTREVISTA 13** - pessoa do sexo feminino, com 30 anos, Licenciada em Ciências Sociais da UFC e fazendo Bacharelado do mesmo curso.

1. Você acredita no amor?

- Acredito.

2. Já viveu um grande amor?

- Vários.

3. Quais os sintomas desses grandes amores?

- Paixão, afetividade, reciprocidade, carinho, ficar sempre pensando na pessoa, imaginando, sonhando, ficar junto, né?

4. No mundo de hoje, você acha que ainda existe lugar para o grande amor?

- Existe, mas é muito difícil, devido o desenrolar da sociedade. As pessoas estão se tomando muito individualistas e não tem muito espaço pra isso. E quando isso acontece, é uma relação muito desgastante, dificilmente você vê, é raro hoje em dia a pessoa viver um amor muito grande. Mas, mesmo assim ele existe quando você encontra uma pessoa que você possa compartilhar esse amor e ser retribuído.

5. Na sua opinião, como é que as pessoas hoje pensam e vivem o amor?

- O primeiro passo pra se viver o amor é ter uma compreensão entre as pessoas. Que o amor não seja só paixão, afetividade, carinho, emoção.

Eu acho que são poucas as pessoas que procuram o amor, mas isso é

muito relativo, né? Poucas procuram, mas a maior parte das pessoas, principalmente as mulheres, elas procuram um grande amor, é um sonho pra elas.

6. Existe mudanças entre o amor hoje e o amor de tempos atrás?

- Existe. Porque o amor de hoje, ele... não sei se é devido a maior liberdade que as pessoas têm, então elas confundem um pouco o amor com... até mesmo com o sexo, né? Que uma coisa tá junto da outra mas, isso não significa que o amor seja só o sexo. O amor de antigamente era um amor diferente, né? Tinha aquela afetividade entre as pessoas, um respeito maior, mas por outro lado, havia uma menor liberdade entre as pessoas.

7. Qual a relação entre amor e sexo?

- Amor e sexo estão interligados, né? Você não pode pensar uma coisa sem a outra. Numa relação, a atração sexual, ela é quase cinquenta por cento quando você compara com o amor, né? Uma coisa não existe sem a outra. Se você pensar no amor como uma coisa isolada, ele morre. O sentimento tem que estar sempre relacionado com uma atração: o corpo, a mente, o corpo como um todo.

8. Qual a relação entre amor e paixão?

- Às vezes tem diferença; isso depende da relação. Tem relação que o amor e a paixão caminham juntos. Já outras, quando não existe amor,

existe a paixão. A concepção de paixão é que é uma coisa assim: mais rápida, mais brusca e que depois se acaba. Mas também, no início do amor pode existir uma paixão e essa paixão perdurar, se alongar, e virar amor.

9. Amor é sinônimo de fidelidade?

- O amor é sinal de fidelidade. Eu acho que aí não existe relativismo. Quando você trai uma pessoa, você vai pressupor o quê? Que está faltando alguma coisa naquela pessoa que você não está encontrando mais, quer dizer, é uma lacuna. Aí, você vai procurar justamente em outra pessoa aquilo que está te faltando, seja um complemento qualquer. Eu não acredito que a pessoa ame e seja infiel. Pode haver, sei lá, em determinado momento um deslize, mas quando eu falo em deslize, é uma coisinha besta, nada de sério, uma paquera, por exemplo: você conhece uma pessoa, conversa, brinca, mas você tem certeza que não vai ter mais nada adiante, nada aprofundado, é uma aventura.

- **ENTREVISTA 14** - pessoa do sexo feminino, com 29 anos, sexto semestre do Curso de Ciências Sociais da UFC.

1. Você acredita no amor?

- Eu acredito numa relação de troca mútua, de fidelidade, amizade, respeito. Se o sinônimo dessa troca mútua é amor, então, pode ter certeza que eu acredito sim.

2. Você já viveu um grande amor?

- Sim.

3. Quais os sintomas desse grande amor?

**BH/UFG**

- Pensar nele sempre, olhar pro tempo com o olhar vago lembrando cada palavra, cada gesto, imaginar situações românticas, viagens às prais mais lindas, ouvir música pensando nele, escrever frases de efeito só pra impressioná-lo, é tudo isso.

4. No mundo de hoje, você acha que ainda existe lugar para o grande amor?

- Existe. Essa relação independe de tempo. Existirá sempre, em qualquer época.

5. Na sua opinião, como é que as pessoas hoje pensam e vivem o amor?

- Hoje as pessoas são mais práticas em relação aos sentimentos. Quando se tem alguns pontos em comum já é o suficiente pra uma tentativa de relação de amor, sexo e convivência.

6. Existe mudanças entre o amor hoje e o amor de tempos atrás?

- Na essência, não. O sentimento é um só, o mesmo de tempos atrás.

3. Quais Mas é claro que mudou o modo de se amar.

7. Qual a relação entre amor e sexo?

- Amor e sexo estão interligados. Se você está bem com a pessoa amada o sexo se torna um complemento para esse estado de satisfação. Ele é um complemento do amor.

8. Qual a relação entre amor e paixão?

- A paixão é inconstante, surge arrebatadamente, atormenta, consome. Não é racional, é inquietante, machuca. O amor é relaxante, porto seguro, racional, maduro, extremamente gratificante. É um sentimento cheio de afeto.

9. Amor é sinônimo de fidelidade?

- Sim. Não creio que uma pessoa que realmente ame, esteja disponível a outra relação. Não tem sentido.

• **ENTREVISTA 15** - pessoa do sexo masculino. CURSANDO CIÊNCIAS SOCIAIS NA UFC. 28 anos.

1. Você acredita no amor?

- Não.

2. Você já viveu um grande amor?

- Não.

3. Quais os sintomas de um grande amor?



- Como se vê pela resposta anterior, não saberia responder. O que já senti, foi forte atração física, em várias ocasiões e, tais sintomas são óbvios, não preciso descrever.

4. No mundo de hoje, você acha que ainda existe lugar para o grande amor?

- Não.

5. Na sua opinião, como é que as pessoas hoje pensam e vivem o amor?

- Hoje, o que se denomina "amor" está intrinsecamente ligado ao sexo, à sensualidade.

6. Existe mudanças entre o amor hoje e o amor de tempos atrás?

**CH/UFG**

- Sim. Existem diferenças quanto ao conceito de amor e de sua concepção na vida humana. E tais diferenças sempre existiram ao longo da história, relacionadas com os costumes e a ideologia de cada época. Na Antiguidade, por exemplo, o relacionamento homem e mulher visava, especificamente, gerar novos cidadãos. Na Idade Média, o amor era mal visto pelas idéias religiosas de então, era um pecado, um "mal necessário" para continuar a perpetuação da espécie. Nos séculos que vão do Renascimento à época Vitoriana, o amor era um negócio, um contrato entre as famílias nobres e, depois, burguesas, numa forma de manter o poder destas famílias na sociedade, pois não há nada mais conservador do que a instituição familiar. Só neste século, e aos poucos, é que a idéia de amor se confunde com a de prazer. Antes, claro, havia o

prazer, mas, a moralidade vigente não o admitia. Em nossa época, não só este é admitido, como tornou-se a própria razão de ser do amor, talvez mais importante que a perpetuação da espécie.

7. Qual a relação entre amor e sexo?

- A meu ver, o amor é um conceito abstrato, resultante do ato sexual. O homem, ser intelectual, sempre simbolizou suas atividades. E ao prazer físico que advém do sexo, foi criado o símbolo de uma entidade abstrata, romântica, que é o amor. Creio que tudo é uma questão biológica; a natureza dá a cada espécie a necessidade de esta ser perpetuada e, para isto ser facilitado, tornou as condições desta perpetuação - o sexo -, algo prazeroso. Depois, o intelecto humano artificial criou seus símbolos.

8. Qual a relação entre amor e paixão?

- A paixão é a manifestação das sensações originadas da atração física.

9. Amor é sinônimo de fidelidade?

- Não, e tal conceito é cultural. Muitas sociedades primitivas não possuem tal conceito. Em nossa sociedade, em nossa cultura ocidental tal conceito surgiu devido a instituição da família. Como já falei, a família é um excelente meio de manter uma sociedade hierarquizada, de manter a classe dominante no poder. Conclusão: o conceito de "fidelidade" é um mecanismo de controle social que as classes dominantes utilizam para manter o "stablishment".

## BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Denise. **O Desencontro marcado: a velha mulher-nova e o machão moderno.** Petrópolis, Vozes, 1985.
- ARAÚJO, Maria Gercilene Campos de. **Histórias de amor no cordel e psicoterapia.** Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, Tese de Doutorado, São Paulo, 1992.
- BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno.** 3ª edição, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1985.
- BROWN, Robert. **Analisando o Amor.** Campinas, São Paulo, Papirus Editora, 1990.
- COLASANTI, Marina. **E por falar de amor.** 14ª edição, Rio de Janeiro, Rocco, 1986.
- \_\_\_\_\_ . **Contos de Amor rasgados.** Rio de Janeiro, Rocco, 1986.
- ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado.** Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1984.
- FREIRE, Roberto. **Ame e dê vexame.** 9ª edição, Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1990.
- GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade.** São Paulo, UNESP, 1993.

- HABERMAN, Jürgen. **Coleção Grandes Cientistas Sociais.**
- JESUS, Damásio E. de. **Direito Penal.** 6ª edição, São Paulo, Editora Saraiva, 1988- 1990.
- KOLONTAI, Alexandra. **A nova mulher e a moral sexual.** São Paulo, Editorial Pax, 1932.
- MOTA, Joaquim Zailton Bueno. **Amor e rivalidade sexual.** Petrópolis-Rio de Janeiro, Vozes, 1989.
- MURARO, Rose Marie. **A mulher na construção do mundo futuro.** 6ª edição, Petrópolis-RJ. Editora Vozes, 1971.
- \_\_\_\_\_ . **Os seis meses em que fui homem.** Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1990.
- \_\_\_\_\_ . **A sexualidade da mulher brasileira: corpo e classe social no Brasil.** Petrópolis-RJ. Vozes, 1983.
- MAY, Rollo. **Eros e repressão: amor e vontade.** Petrópolis-RJ. Vozes, 1973.
- MONTE, Vera Lúcia Paiva. **Quando falo de amor.** Fortaleza, Imprensa Universitária, 1995.
- NEVES, Siloé Pereira. **Homem-mulher e medo: metáforas da relação homem-mulher.** 2ª edição, Petrópolis-RJ. Vozes, 1986.
- OLIVEIRA, Juarez de. **Código Penal.** 30ª edição. São Paulo, Editora Saraiva, 1992.

- SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico: diretrizes para o trabalho didático-científico na Universidade.** 7ª edição. São Paulo, Cortez Editora, e Autores Associados, 1982.
- CZUHOWSKY, Nicole (org.) et alli. **A fidelidade. Um horizonte uma troca, uma memória.** Tradução de Moacyr Gomes Jr. Porto Alegre, L&PM, 1992.
- SOLOMON, Robert C. **O amor - Reinventando o romance em nossos dias.** São Paulo, Editora Saraiva, 1992.
- SHINYASHIKI, Roberto T. e DUMÊT, Eliana Bittencourt. **Amar pode dar certo.** São Paulo, Editora Gente, 1988.
- SUPLICY, Marta. **Conversando sobre sexo.** Petrópolis, Vozes, 1985.
- VIEIRA NETO, Manoel Augusto. **Código Civil Brasileiro.** 26ª edição, São Paulo, Editora Saraiva, 1976.

**OH/UFC**

## **PUBLICAÇÕES**

- ALCÂNTARA, Alcione. **O homem tem medo de amar?** Jornal O POVO, Fortaleza, domingo, 4 de dezembro, 1994.
- FISCHER, Helen. **A culpa é do macaco.** Revista VEJA, São Paulo, 11 de fevereiro, 1993.

- IZQUIERDO, Iván. **Córtex cerebral, amor e equilíbrio**. Folha de São

Paulo, domingo, 14 de janeiro, 1996.

- UPDIKE, John. **Carta deve tratar a mulher como rainha**. Folha de São

Paulo, domingo, 11 de junho, 1995.

BH/UF6